



Vidas paralelas

1894-1962

2ª EDIÇÃO REVISADA

ROBERTO FIGUEIRA SANTOS



EDUFBA

Vidas paralelas

1894-1962



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor

Naomar Monteiro de Almeida Filho

Vice-Reitor

Francisco Mesquita



EDUFBA

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Diretora

Flávia Goullart Mota Garcia Rosa

Conselho Editorial

Titulares

Angelo Szaniecki Perret Serpa

Carmen Fontes Teixeira

Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti

Fernando da Rocha Peres

Maria Vidal de Negreiros Camargo

Sérgio Coelho Borges Farias

Suplentes

Bouzid Izerrougene

Cleise Furtado Mendes

José Fernandes Silva Andrade

Nancy Elizabeth Odonne

Olival Freire Júnior

Sílvia Lúcia Ferreira

ROBERTO FIGUEIRA SANTOS

Vidas paralelas

1894-1962

2ª EDIÇÃO REVISADA

EDUFBA
Salvador - 2008

© 1993, by Roberto Figueira Santos

Projeto gráfico
Alana Gonçalves de Carvalho

Editoração e Arte final
Gabriela Nascimento

Biblioteca Central Reitor Macêdo Costa - UFBA

Santos, Roberto Figueira.

Vidas paralelas / Roberto Figueira Santos. - 2. ed. rev. - Salvador : EDUFBA, 2008.

148 p.

ISBN 978-85-232-0540-9

1. Santos, Edgard, 1894-1962. 2. Santos, Roberto Figueira, 1926-
3. Reitores de universidades - Biografia. 4. Reitores e universidades - Vida
intelectual. I. Universidade Federal da Bahia. II. Título.

CDD - 923.7

Editora da UFBA
Rua Barão de Jeremoabo,
s/n – Campus de Ondina
40170-115 – Salvador – BA
Tel: +55 71 3283-6164
Fax: +55 71 3283-6160
www.edufba.ufba.br
edufba@ufba.br

À minha mulher

Maria Amélia

e aos meus filhos

Anneliese

Cristiana

Edgard

Maria Carmen

Roberto

Patrícia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
EDGARD Os anos de formação e o início da atividade profissional – 1894 a 1926	11
EDGARD O cirurgião na cátedra e na clínica privada; a Diretoria da Faculdade de Medicina – 1926 a 1946	27
ROBERTO Os anos de formação – 1926 a 1949	51
EDGARD A Reitoria da Universidade – 1946 a 1961	73
ROBERTO O início da atividade profissional; dedicação exclusiva ao ensino e à pesquisa – 1949 a 1962	101
EDGARD Os últimos tempos – 1961 a 1962	133
ANEXO Informações adicionais acerca das minhas origens familiares	141

INTRODUÇÃO

Pai e filho, Edgard e eu nos diplomamos pela Faculdade de Medicina da Bahia, exercemos cátedras da mesma Faculdade, fomos, ambos, reitores da Universidade Federal da Bahia, conselheiros e presidentes do Conselho Federal de Educação, e ministros de Estado na área social. Nascidos na Cidade do Salvador, ele a 8 de janeiro de 1894 e eu a 15 de setembro de 1926, temos muito em comum nos respectivos roteiros profissionais e na vida pública.

Apesar disto, facilmente se identificam diferenças entre um e outro, quanto à formação intelectual e ao comportamento social. Durante os trinta e poucos anos decorridos entre qualquer das fases da vida do meu pai e da minha, foram extraordinariamente rápidas as transformações verificadas pelo mundo afora. Do confronto entre as duas biografias ressaltam as intensas repercussões dessas mudanças sobre o panorama social, político, econômico e cultural da Bahia e em especial, de Salvador, entre o começo e o final do século XX. Pelo depoimento aqui registrado, ofereço a minha contribuição pessoal ao exame desse período da história da nossa terra.

Edgard: os anos de formação e o início da atividade profissional – 1894 a 1926

Firmou-se de Edgard Santos, definitivamente, a imagem do líder que influenciou em profundidade o processo cultural na Bahia da metade do século XX, com forte projeção para as décadas seguintes.

Como se formou, durante fase de nítida estagnação econômica da nossa terra, essa liderança capaz de transformar e de inovar, em consonância com os mais autênticos valores da própria nacionalidade?

Iniciemos pelas origens familiares de Edgard. O seu pai, João Pedro dos Santos, bacharel em Direito pela Faculdade de Recife, diplomou-se em 1891. Recém-formado, foi promotor público da Comarca de Nazaré das Farinhas, no Estado da Bahia. Durante muitas décadas, exerceu a advocacia em Salvador. Foi deputado federal pela Bahia em várias

legislaturas, serviu o executivo estadual como secretário de diferentes pastas, compondo o secretariado de três governos do início do século à década de 1930. Encerrou a sua vida pública como conselheiro do Tribunal de Contas, cargo no qual se aposentou.

João Pedro teve um irmão, Pedro Joaquim, também bacharel em Direito, que alcançou o ápice da carreira de magistrado, como ministro do Supremo Tribunal Federal. Ficaram eles órfãos de pai, quando ainda crianças. Os esforços da mãe viúva para educar os dois filhos, foram apoiados por um irmão do falecido, o senador estadual Araújo Santos. De herança do pai, o meu avô João Pedro recebeu uma pequena fazenda nas então chamadas matas de Camamu, da qual se desfez mais tarde, para adquirir uma casa de morada em Salvador.

Nascido em 1871, João Pedro casou-se aos 21 anos, com Amélia Rego Santos, que tinha, na época, a idade de 16 anos.

Amélia, mãe de Edgard, era a caçula e a única dos irmãos a nascer em Salvador. A família, de sobrenome Rego, se transferira de Sergipe (Capela) para a Bahia a convite de um irmão da minha bisavó, Manoel de Souza Campos, destacado comerciante na Bahia da segunda metade do século XIX.

Edgard nasceu na casa dos avós maternos, na Rua do Rosário, depois incorporada à Avenida Sete de Setembro. O seu pai continuava sendo promotor público em Nazaré das Farinhas, e o casal não tinha, ainda, residência própria em Salvador. Logo após, João Santos veio advogar na Capital, e instalou a família na casa do Largo do Pelourinho, quase em frente à Igreja do Rosário dos Pretos, onde o meu pai residiu desde os primeiros anos de vida, até a adolescência. Durante o curso primário, Edgard frequentou o Colégio Americano, na Ladeira do Aljube, entre a Ladeira da Praça e o Terreiro de Jesus. Com muita simpatia, lembrava ele, vez por outra, o Ginásio São Salvador, onde realizou os estudos preparatórios (nível secundário), e para onde caminhava, diariamente, durante vários anos, atravessando boa parte da Baixa dos Sapateiros até o Largo da Barroquinha. O prédio onde funcionava o Ginásio, tombado

pelos órgãos federais, abriga, hoje, a representação, na Bahia, da Secretaria de Cultura do Governo Federal.

Em 1902, quando Edgard contava oito anos de idade, seu pai, João Santos, foi nomeado chefe de polícia do governo Severino Vieira, permanecendo no cargo até o fim do mandato governamental. Em 1904, começava o quadriênio do governador José Marcelino, oriundo de Nazaré das Farinhas e amigo do meu avô desde os tempos em que este havia sido promotor público naquela Cidade. A forte amizade entre eles continuou depois que João Santos voltou a morar em Salvador. Quando José Marcelino veio assumir o Governo do Estado, antes de ocupar a residência oficial, ficou hospedado na casa do amigo João Santos, no Largo do Pelourinho, o que era freqüentemente lembrado por meu avô e meu pai. Logo ao assumir o Governo, João Marcelino convidou João Santos para secretário da Fazenda.

Não parou aí a carreira política do meu avô. Em 1906, elegeu-se deputado federal, cargo que novamente ocupou, mais tarde, por mais três legislaturas seguidas, de dois anos cada, entre 1923 e 1929. Deveria ter reiniciado mais um período como deputado federal, quando sobreveio a Revolução de 1930, e o Congresso foi fechado. João Santos voltou a advogar em Salvador, até que Juracy Magalhães o nomeou secretário do Interior e Justiça, a mais importante das pastas na estrutura governamental de então. Da sua atividade política e administrativa, aos níveis federal e estadual, existe farta documentação ainda a ser pesquisada. Igualmente profícua foi a sua atuação privada na condição de advogado. Ao deixar a Secretaria do Interior e Justiça, meu avô foi nomeado conselheiro do Tribunal de Contas do Estado, cargo no qual se aposentou em 1937. Veio a falecer a 28 de janeiro de 1946, aos 75 anos de idade.

São terrivelmente escassas as notícias que ficaram sobre a infância de meu pai. Acerca do seu desempenho como aluno, das suas preferências ou rejeições em matéria de estudos, seu comportamento no convívio com os quatro irmãos (Amélia, Ester, Mário e Helena), e com os colegas e vizinhos de bairro, não ficou, praticamente, nenhum registro. Ele próprio

não costumava referir-se ao assunto, e as pessoas que poderiam dar seu testemunho, já não estão entre nós.

Houve, entretanto, um episódio que ele e meu avô freqüentemente relembavam: ao aproximar-se a hora da escolha do curso superior que lhe asseguraria a carreira profissional, era sua opção inicial o curso de Direito. Influenciavam-no as carreiras do pai, do tio Pedro Joaquim e de um tio materno, o dr. Manuel Luiz do Rego, um dos advogados mais solicitados e melhor remunerados de Salvador. Por que se decidiu, afinal, pela Medicina?

No começo de 1912, quando deveria inscrever-se como candidato ao exame vestibular, foi sua intenção abalada pela extrema confusão que prevalecia na política estadual e que resultou no famigerado bombardeio de Salvador por tropas federais. Premido pelas radicais desavenças de grupos à sua volta, o governador eleito, Araújo Pinho, havia renunciado ao restante do seu mandato. O substituto legal, Aurélio Viana, fora recusado pela maioria da Câmara Estadual. Em meio à confusão, a polícia ocupou a Câmara Municipal e foi editado um decreto transferindo a Capital do Estado para Jequié. Deputados e senadores estaduais que seguiam a orientação de José Joaquim Seabra recorreram à Justiça Federal, pleiteando que a polícia desocupasse o prédio da Câmara e que fosse impedida a transferência da Capital. O juiz federal na Bahia despachou favoravelmente a essas pretensões e solicitou as garantias do general Sotero de Menezes, inspetor da 7ª Região Militar, para que fossem cumpridas as suas determinações. O governador Aurélio Viana negou-se a cumpri-las. O general informou-o que iria agir militarmente. Era presidente da República o marechal Hermes da Fonseca. Mais uma vez se configurava o conflito de interesses dos políticos que detinham o Governo do Estado, com os dos baianos mais prestigiados pelas autoridades federais. Na tarde de 10 de janeiro de 1912, os fortes de São Pedro, do Barbalho e de São Marcelo bombardearam o centro de Salvador durante quatro horas. Foram danificados muitos dos edifícios públicos da maior importância, além de algumas casas da Rua Chile. Como seria de esperar, estes fatos provo-

caram a maior indignação entre a população. Não admira, pois, ter parecido ao jovem estudante Edgard Santos que a força do Direito estivesse desmoralizada no Estado e no País, e que o estudo das leis já não oferecesse os atrativos que o haviam impressionado, anteriormente. Depois de alguma hesitação, preferiu a Medicina. Tinha presente, nesta decisão, outro exemplo familiar, na pessoa do tio Antonio Luiz do Rego, cirurgião de grande sucesso na cidade de São Paulo, com quem viria a trabalhar por vários anos, logo depois de formado.

Não consigo recordar qualquer comentário do meu pai sobre o seu curso de Medicina, nem sobre os respectivos professores. Acredito que o ensino do seu tempo fosse muito parecido com o que eu freqüentei, trinta e poucos anos depois. Muitas eram as aulas magistrais, em que os professores resumiam textos de livros consagrados, e os alunos ouviam passivamente. Nas aulas práticas das disciplinas pré-clínicas, os assistentes das cátedras conduziam experiências destinadas à demonstração de conceitos fundamentais – a que os alunos, igualmente, assistiam sem nenhuma participação. As provas e os exames eram preparados pela leitura dos livros, quase todos em francês, e consistiam em dissertações sobre assuntos sorteados. Nas disciplinas clínicas, a formação profissional se dava à margem das obrigações curriculares. As aulas teóricas e práticas não ensinavam o aprendizado artesanal, essencial à profissionalização do médico, mediante o convívio com os mais experientes. Por isso, nos três últimos anos do curso, era reduzidíssima a freqüência às aulas, a não ser às de uns poucos professores que costumavam reprovar. Os alunos se faziam médicos pela freqüência a um ou dois serviços clínicos, nos quais assumiam responsabilidades crescentes nos cuidados aos pacientes, e davam plantões, iniciando precocemente a especialização, antes de obterem a visão geral da prática médica.

As condições de trabalho nas enfermarias do Hospital Santa Isabel, da Santa Casa de Misericórdia, onde a Faculdade mantinha a maioria dos seus cursos, deviam ser muito parecidas com as que encontrei na década de 1940. E eram péssimas. Esta minha impressão é, aliás, confir-

mada em anotações deixadas por meu pai sobre as visitas que fez, alguns anos mais tarde, aos hospitais de Paris, nas quais encontro comparações com o Hospital Santa Isabel do seu tempo. Ao responsabilizar-se pela construção do hospital que hoje leva o seu nome, o Hospital Universitário Professor Edgard Santos, meu pai transformou esta realidade e abriu caminho para a modernização do ensino da Medicina entre nós.

Na condição de estudante de Medicina dos anos pré-clínicos, Edgard continuou percorrendo a pé a pequeníssima distância entre a residência na Ladeira do Pelourinho e a Faculdade de Medicina. Era o que já fazia ao cursar os níveis primário e secundário de educação. A vida revolia portanto, ainda e sempre, em torno do mesmo bairro. Nos anos subseqüentes, alcançava o Hospital Santa Isabel atravessando a Baixa dos Sapateiros para chegar ao vizinho bairro de Nazaré. Foi somente no penúltimo ano do seu curso médico, que a família passou a residir na antiga Rua das Mercês, incorporada à recém-construída Avenida Sete de Setembro, exatamente ao lado do Colégio Nossa Senhora das Mercês, das Ursulinas, e próximo à antiga Rua do Rosário, onde ficava a casa dos seus avós.

Ainda estudante, teve início a atividade de Edgard como servidor público federal, com a nomeação para interno da cadeira de Clínica Psiquiátrica, em 1915. Nas conversas com meu pai ao longo de tantas décadas, nunca ouvi qualquer referência a essa passagem pela Psiquiatria. O titular da cátedra, o prof. Mário Leal, excelente *causeur*, homem inteligente e ilustrado, político militante, era conhecido como dos menos assíduos professores da Faculdade. As aulas se davam no Hospício São João de Deus, onde a assistência aos pacientes era precaríssima. Em junho de 1917, meu pai deixou o cargo de interno de Psiquiatria, para ser logo nomeado interno da 4ª cadeira de Clínica Médica, serviço do prof. Prado Valadares. Nessas funções permaneceu até às vésperas da formatura, ocorrida a 20 de dezembro do mesmo ano. A passagem pela Clínica Médica deixou marcas profundas, quer na sua formação profissional, quer no estilo literário que viria a adotar, por muitos anos, rotulado de “valadaresco”.

Prado Valadares, venerado como gênio pelos muitos discípulos, dava apenas uma ou duas aulas no ano, aos estudantes de Medicina. Mas, foi grande a sua influência sobre toda uma geração de jovens médicos, em função da personalidade irrequieta e do vigoroso intelecto.

Na cerimônia de formatura, foi Edgard o orador da turma. O discurso, então pronunciado, se perdeu. Mas, tenho comigo a tese de doutorado, cuja aprovação era, então, indispensável para os que terminavam o curso médico e passavam a exercer a profissão.

Algumas centenas de teses se produziram nas faculdades de Medicina do País, pois era requisito para a obtenção do grau de Doutor, indispensável, ao longo de muitas décadas, para o exercício profissional. As da Bahia faziam parte do valioso acervo da biblioteca da Faculdade, lamentavelmente abandonado e, em parte, tornado imprestável.

A tese inaugural de Edgard, apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia, na cadeira de Fisiologia, foi defendida publicamente a 19 de dezembro de 1917. Seguindo o regimento da época, a tese inclui uma dissertação e três “proposições” sobre cada uma das vinte e cinco disciplinas do curso de Ciências Médico-cirúrgicas.

A dissertação tem o título “Um ensaio em torno de hormônios”. O trabalho é dividido em quatro partes: ‘Dos reflexos humorais’, ‘Da hormoniopoesis’, ‘Da natureza diastásica dos hormônios’ e ‘Das ações hormonais’. O texto, brilhantemente redigido em típico estilo “valadaresco”, consiste na apreciação crítica de conceitos publicados na literatura internacional. Não consta material da experiência do candidato. Nota-se a preocupação em estabelecer o confronto de citações que revelam divergências entre os autores citados, seguido da escolha de uma destas opiniões, mais em função de raciocínios bem arquitetados, do que pela observação crítica e interpretação de fatos. Entre nós, os laboratórios desequipados das disciplinas pré-clínicas e a pobreza das instalações do Hospital Santa Isabel desencorajavam os trabalhos práticos e estimulavam o jogo da inteligência, valorizando ao máximo o uso criterioso das palavras. Importava, acima de tudo, da parte do examinador, provocar o

candidato na defesa da tese, oportunidade para este revelar presença de espírito, rapidez de raciocínio e conhecimento teórico sobre o tema. A nota era conferida, predominantemente, em função da defesa, e não do trabalho escrito. A transcrição de algumas frases da monografia dá bem idéia do estilo literário e do conteúdo científico da obra em conjunto, e serve para recordar, perante as gerações atuais, o que mereceu, em passado recente, o aplauso da comunidade acadêmica, como altamente representativo da cultura da nossa terra:

Empolgado pela unidade maravilhosa que resulta do encadeamento dos fenômenos vitais nos heteroplastídios, o homem, ansiosamente sequioso de perfeição, à medida que estratifica seus conhecimentos biológicos, sente a necessidade insofribel de se aperceber dos liames associadores daquelas manifestações insuladas.

Nessa perquirição afadigante, acumulou-se um centenar de observações e de fatos, que as cogitações teóricas previram e a experimentação demonstrou, os quais, adubando-se, se tornam as sementeiras mais ferazes, as garantias melhores dos progredimentos todos da ciência da vida.

Até a época recentíssima de três lustros atrás, o mais ínfimo dos fenômenos tradutores de uma sinergia funcional entre os elementos componentes do organismo da mor parte dos animais era considerado como a expressão atual de um trabalho originário do sistema nervoso, que assim estreitava na órbita do seu poderio as ações dos aparelhos, órgãos e tecidos. O despotismo da monarquia neuro-teciturar distribuía por toda a parte atalaias vigilantes e perspicazes que dominam tudo, orientando o ciclo metabólico de cada elemento, substituindo-lhe a espontaneidade por suas excitações peculiares.

No mesmo volume, bem impresso e encadernado com muito gosto, onde se encontra a dissertação, figuram as “proposições” escolhidas pelo candidato para que fossem, igualmente, debatidas com os integrantes da

mesa examinadora. Das 75 proposições, de natureza e grau de abrangência extremamente diversas entre si, citarei algumas, para dar idéia de como o candidato oferecia aos examinadores a oportunidade para a argüição, seguida da defesa, que ensejava a demonstração da capacidade intelectual do novo médico. Há muitas décadas, as “proposições” deixaram de fazer parte das teses. Nelas, a contribuição pessoal do candidato se limitava à escolha do conteúdo e à redação dos textos. Cada vez mais, nos nossos dias, as teses valem pelo que o candidato oferece de própria elaboração, calcada sobre fatos da sua observação.

EXEMPLOS DE PROPOSIÇÕES

Na disciplina “Física Médica”:

A vida universal é uma sucessão rítmica e indefinida de equilíbrios. Os fenômenos de ritmicidade vital são dependentes de equilíbrios químicos.

Na disciplina “Clínica Neurológica”:

Os tropismos e tactismos são formas elementares e iniciais da sensibilidade. A sensibilidade não é patrimônio exclusivo dos seres vivos. A anestesia é fenômeno ocorrente em grande cópia de doenças nervosas.

Na disciplina “Clínica Pediátrica Cirúrgica e Ortopédica”:

O genu valgo é uma dismorfia mais comum na infância que no adulto. Seu tratamento pode ser geral ou local.

Na disciplina “Clínica Cirúrgica”:

As intervenções cirúrgicas do baço, aos poucos, se vão tornando mais freqüentes entre nós. São de esplêndidos resultados as esplenectomias, nos casos de megaloesplenias palúdicas.

Logo após terminar o curso médico e defender a tese inaugural, cuja aprovação lhe assegurou o título de Doutor em Ciências Médico-cirúrgicas, transferiu-se Edgard para São Paulo, onde residiu por mais de quatro anos. Foi etapa decisiva para sua carreira profissional, durante a qual trabalhou com o seu tio, o dr. Antonio Luiz do Rego, um dos mais conceituados cirurgiões daquela sociedade. Irmão mais velho de minha avó, o dr. Rego, como era conhecido, clinicou no interior de São Paulo, logo

após formar-se pela Faculdade de Medicina da Bahia, no final da década de 1880. Bem sucedido no interior, o dr. Rego se instalou na Capital, que então despontava para o incrível crescimento econômico e demográfico que viria a ter. Numa das esquinas da Avenida Paulista, encontrava-se um hospital privado, o Instituto Paulista, construção pavilionar horizontal à moda da época, implantada em grande área de terreno em pleno centro urbano, onde os pacientes do meu tio-avô ocupavam a maior parte dos leitos cirúrgicos. Visitei muitas vezes o tio Rego no Instituto e no seu consultório, quando ele era octogenário e eu, estudante de Medicina na Bahia. O grande sucesso profissional que tivera, como era próprio da Medicina privada da época, numa cidade onde corria tanto dinheiro, fizera dele um homem muito rico. Um dos seus filhos, Nelson, casou com a filha do governador de São Paulo e ministro da Agricultura, o dr. Fernando Costa.

Como assistente do seu tio, o jovem Edgard se fez cirurgião, poupou algum dinheiro e conviveu em ambiente de grande dinamismo econômico. Entre os clientes do velho Rego se incluíam alguns dos nomes de famílias das mais ricas de São Paulo. Embora a Bahia tivesse uma herança cultural que era, àquela época, mais forte que a de São Paulo, a nossa economia havia estagnado desde o século anterior e as oportunidades de carreira que se abriam aqui não eram tão promissoras quanto as de lá.

Nas visitas que fez à família, na Bahia, meu pai conheceu minha mãe e lhe propôs casamento, na idéia de que fossem morar em São Paulo. Casaram a 20 de setembro de 1922 e, logo após, seguiram para a Europa.

Era, a um só tempo, a viagem de lua-de-mel e a oportunidade para meu pai continuar a sua formação cirúrgica. Acompanhando o casal, foi Natividade, antiga costureira de minha avó Elisa, a mãe de minha mãe. Os mil-réis daquela época valiam mais, muito mais, que os cruzeiros de hoje em relação às moedas européias. As economias que o meu pai fizera em São Paulo e a herança que minha mãe acabara de receber pelo recente falecimento dos seus pais, asseguraram conforto para o jovem casal e o prenúncio de um futuro radioso. A maior parte do tempo foi dividido

entre Paris e Berlim. Mas, visitaram também outros centros famosos pelo renome dos seus cirurgiões. Sobre o ambiente familiar e a formação educacional de Carmen, minha mãe, reservo-me para falar no capítulo deste livro referente aos meus primeiros anos de vida.

Considero o mais interessante dos papéis preservados dos tempos da juventude do meu pai, o conjunto de anotações sobre o que pôde observar no dia-a-dia das visitas aos serviços cirúrgicos dos hospitais de Paris, entre outubro de 1922 e fevereiro de 1923. A linguagem simples, correta, elegante, objetiva, empregada nesses relatos, se ajusta muito bem à grande percuciência do seu conteúdo. Aqui e ali tornam-se explícitos os termos de comparação adotados pelo jovem cirurgião ao julgar os colegas parisienses de renome mundial: as pedras de toque para as suas avaliações eram o seu mestre, Luiz do Rego, e o Instituto Paulista, onde trabalhou durante mais de quatro anos.

No Hospital Necker, o prof. Legueu; na Salpêtrière, o prof. Gosset; no Hospital Vaugirard, os assistentes do prof. Pierre Duval; no Hospital Cochin, o prof. Delbet, são exemplos de grandes nomes da cirurgia francesa que Edgard freqüentou durante aqueles meses.

A grande assiduidade das visitas aos hospitais, verificada pelas datas das anotações, revela o seu empenho em aproveitar ao máximo a oportunidade de aperfeiçoar-se nas atividades cirúrgicas. Destaquei alguns trechos desses diários, como representativos do importante testemunho:

18 de outubro de 1922:

Visitei o Hospital Necker, serviço do prof Legueu, seção de mulheres. Sala ampla, material abundante, relativo asseio. Legueu, moreno, grisalho, meia barba, é elegante, impertigado, inacessível. Não fixa a vista em quem interroga. Tem a imponência de um petit roi. Ensaboia suficientemente as mãos, escova-as bem, porém, não, os braços. Tem um processo particular e moroso de escovar as unhas, com que ele tem grande cuidado. O avental esterilizado foi vestido, por ele e pelo assistente, antes da ensaboagem. Calçou as luvas ainda com os braços cheios de espuma e sem fazer nenhuma lavagem anti-sép-

tica. Não veste máscara. O material é abundante e bom. Os ferros, mal alinhados, e os campos e compressas ficam ao lado do professor. Com o assistente ficam os fios e algumas compressas. Cirurgião, algumas vezes elegante, como seja: ao dar a incisão dos planos superficiais, na abertura da dobra peritoneal, na dissecação da cápsula renal; é porém, de técnica viciosa na hemostasia por pinças Kocher e principalmente na sutura da ferida, que ele não afrontou absolutamente, apesar de não haver nenhuma contra-indicação, resultando uma feia e reprovável sutura. O assistente, inábil, moroso, pouco cuidadoso, não pega na tesoura nem no bisturi; só faz amarrar, e muitíssimo mal, pontos e enxugar campo operatório. Oito ou dez médicos, além de quatro enfermeiras, assistiam. Gente de mais para a sala. Os alunos se aproximam demasiadamente do campo. Há pouco silêncio na sala que constantemente está num movimento de vai e vem de enfermeiros e estranhos. Legueu é calmo, quase impassível. Operou dois casos. O primeiro: nefrectomia, uma mulher, quarenta anos, muito gorda e varicosa. Anestesia sofrível pelo éter. Operação em 22 minutos. Destacou o ureter com o termocautério. O diagnóstico pré e pós-operatório não nos foi comunicado. O professor se opôs decidido a que a peça fosse aberta e a enviou imediatamente ao microscopista. O segundo caso trazia o diagnóstico firmado pelo primeiro assistente de abcesso renal direito. É um menino de doze anos. Anestesia pela mistura clorofórmio oxigênio. Serviram as mesmas luvas da operação anterior, sem lavagem anti-séptica, aliás. Incisada a região dorso-lombar direita, alcançado o rim, nada havia de anormal. Apelou-se para o rim esquerdo, porquanto havia manifesto engano. A ferida fechada às pressas, mal coberta, ou melhor, quase descoberta, o doente troca de posição. Ao lado esquerdo havia cicatriz de intervenção similar anterior. Ligeira hesitação. Operação. Resultado igual ao do lado direito. O assistente é quem faz a desinfecção do campo com leve camada de iodo, servindo-se de um pincel absolutamente sujo.

19 de outubro de 1922:

Visitei o Hospital Lariboisiere, sala Liviale, serviço do *aggrégé* Marion. O dia é de visita à enfermaria. O *patron* é extrema-

mente simpático, insinuante, carinhoso com os doentes, didático na exposição, erudito nos assuntos. Na visita vimos vários prostatectomizados em excelente estado, assim outros de hipospádia e fístulas uretrais. Havia um caso de nefrectomia, por tuberculose, que supurou, e outro recentemente entrado cujo diagnóstico, a se confirmar com os exames complementares – bacterioscopia de urina, característico ureteral etc. – variava entre hidronefrose e tuberculose renal. Outro, recentemente entrado, portador de uma retenção incompleta aguda, com distensão, fora operado esta noite, pelo interno do serviço, de uma talha hipogástrica. Este caso deu ensejo a que Marion discorresse didática e minuciosamente sobre as retenções urinárias e a classificação de Guyon. Outro caso, um prostatectomizado que tinha sangue no penso, ocasionou outra preleção, igualmente erudita, sobre as hemorragias, digo melhor, a presença de sangue nas urinas pós-operatórias dos prostatectomizados. Marion passa a visita calçado de luvas e gosta de argüir os internos.

23 de outubro de 1922:

Visitei o serviço do prof Gosset, na Salpetriere. As instalações são confortáveis, limpas e elegantes; obedecem ao plano de pequenas enfermarias de dois, quatro, seis e oito leitos no máximo em cada salão. A sala de operações, nova, muito limpa, espaçosa, clara, é rica de material cirúrgico. Com um pouquinho de escrúpulo talvez se considere demasiado o acúmulo de objetos na sala. O serviço é bem distribuído. Há um interno que resume a observação do caso a operar-se; a enfermeira que anota o tempo; e dois internos que auxiliam o prof Gosset, grisalho, alto, corpulento, elegante e afável. Tem um carão vermelho, nariz grande, sobancelhas cheias, curvas e acentuadamente pretas, contrastando o grisalho, quase branco, do bigode e da cabeça. Tem cara de boneca, a pele muito estirada.

Terça-feira. 7 de novembro de 1922:

Hospital Broca, serviço do prof Faure. A mais acentuada nota de desagrado que eu possa registrar da visita ao serviço dessa notabilidade francesa, nunca será demasiadamente expressiva. Quem visita a sala de operações de Faure tem a impressão

de um fundo de enfermaria do Santa Isabel da Bahia ou de mictório público, desasseado. Quem o vê operar tem a sensação de que é transportado para assistir as primeiras tentativas cirúrgicas, ou então, contemporaneamente, a exposições dos veterinários incultos do nosso sertão. Sobretudo, o que nunca vi nos serviços franceses, durante o ato operatório não há absolutamente silêncio e respeito na assistência. Conversa-se, os enfermeiros riem e troçam. Há quem fume. O professor não tem asseio nem técnica. A sala impressiona desagradavelmente. É incrível a decepção. Duas operações: uma fistula vesicovaginal numa rapariga de trinta anos. Não se pensou em nos relatar a história clínica. Anestesia pelo éter. Fechamento da fistula por via vaginal. Segundo caso: uma rapariga de 22 anos que trazia o diagnóstico de salpingite esquerda. Anestesia: éter. Aberta, encontrou-se inflamação anexial esquerda, porém, sem aderências, apenas. Apesar disto, fez-se a histerectomia subtotal, método de Kelly, numa mocinha de 25 anos! Os fados me protejam de não voltar lá.

Depreende-se, da leitura das anotações transcritas e das demais, bem extensas, que os aspectos técnicos dos ambientes cirúrgicos eram mais heterogêneos do que seria de esperar, diante da fama dos serviços seculares. Nem sempre tinham a categoria que nós, no Terceiro Mundo, haveríamos de imaginar. O estudo clínico dos pacientes submetidos à cirurgia, muitas vezes, deixava a desejar. Os padrões da época não seriam aceitáveis, hoje em dia, nem mesmo em serviços de muito menor renome. Nada escapava à observação atenta nem ao rigor crítico de Edgard.

Em Berlim, meu pai estagiou no Hospital Charitê. Embora não tivesse sobrevivido qualquer relato escrito, recordo freqüentes referências, sempre favoráveis, ao famoso nosocômio. Em 1959, tive eu a oportunidade de visitar Berlim. Existia, então, o muro abominável separando o setor urbano ocidental do controlado pelo governo da Alemanha Oriental. O Hospital Charitê, assim como a tradicional Universidade de Berlim, se situavam além do muro. Submeti-me aos trâmites burocráticos para passar do setor ocidental para o oriental, entre outros motivos, pela curiosidade de ver de perto o hospital que deixara em meu pai impressão tão

favorável. Não tinha eu nenhuma apresentação que permitisse visitar o interior das enfermarias e laboratórios. Mas, ainda que apenas externamente, foi interessante passear pelas ruas que separam os numerosos pavilhões, em estilo de construção que teve sua época e foi condenado e abandonado há muito tempo. Enquanto passeava de um lado para outro, notei a existência de uma livraria, na qual adquiri, a baixíssimos preços, livros médicos editados nos países socialistas. A Medicina Clínica não foi prioridade no progresso científico desses países. E havia uma peculiaridade: o capítulo final das edições técnico-científicas consistia numa arenga acerca do marxismo-Leninismo e da sua importância para a história da humanidade.

Cabe o registro de mais uma reminiscência de meus pais acerca da visita à Alemanha em 1923: estavam em pleno período hiperinflacionário. Houve dias em que, antes do almoço, trocavam por marcos as libras esterlinas com as quais viajavam, imaginando dispor de bastante moeda local para as despesas do dia. Entre os períodos da manhã até a noite, a desvalorização da moeda alemã era tal, que tinham de trocar mais libras para dispor de marcos suficientes para pagar o jantar.

Meu pai se tornou, para o resto da vida, admirador entusiasmado da cultura alemã, o que repercutiu fortemente na formação dos filhos.

Ao voltarem da Europa, fixaram-se em Salvador, para o que contribuiu a clara preferência da minha mãe. Edgard abriu consultório e iniciou a sua bem sucedida carreira de cirurgião, mais tarde interrompida pelas crescentes responsabilidades na alta administração do ensino superior. Em dezembro de 1923, nascia o primeiro filho do casal, Eduardo.

Edgard: o cirurgião na cátedra e na clínica privada; a Diretoria da Faculdade de Medicina – 1926 a 1946

Com a formação que teve, movido pela legítima ambição de crescer profissionalmente, meu pai logo voltou seus olhos para uma das cátedras de Cirurgia da prestigiosa faculdade onde obtivera seu diploma. Entre os professores da época, vários apreciavam as suas qualidades, desde os tempos de estudante, e o estimularam e apoiaram nessa pretensão. Entre eles, Prado Valadares e Antonio Borja. Mas não faltaram os que lhe procuravam tolher os passos, na rápida ascensão à cátedra.

Antes de submeter-se a concurso para provimento efetivo do cargo de catedrático, Edgard regeu interinamente a cátedra de Patologia Cirúrgica, em duas oportunidades. A primeira nomeação para a regência interina é datada de 7 de agosto de 1925. Tendo sido dispensado doze dias depois, o episódio retrata as complicações da política universitária da época. Nova regência interina da mesma cátedra foi iniciada em março de 1926 e durou até a nomeação efetiva para o cargo, no final do ano seguinte.

Entre os seus papéis encontra-se cópia de uma petição dirigida ao ministro da Justiça, datada de 8 de março de 1926 (não existia, ainda, o Ministério da Educação), que dá uma idéia de como era complicada a política de provimento dos cargos de catedrático e como eram centralizadas, no Rio de Janeiro, Capital Federal, as decisões a esse respeito. Vou resumir-lá, uma vez que a documentação original é por demais extensa: logo após a sua nomeação para a regência interina, teria ocorrido uma “restauração da seriação antiga das cadeiras dos cursos superiores nos estabelecimentos de ensino do País”. Esta serviu de pretexto para a exoneração, apenas doze dias após a nomeação! Decorridos tantos anos, fica para nós difícil entender essa explicação, em verdade motivada pelo jogo de interesses da política acadêmica.

Mas, o candidato persistiu. Pleiteou e obteve nova nomeação interina para a cátedra, porém com a obrigação de reger o curso de Clínica Propedêutica Cirúrgica. A argumentação por ele apresentada joga com as sucessivas reformas de ensino – a Reforma Maximiliano e a Reforma João Luiz Alves – e com os regimentos internos das faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia. Na mesma petição, e em defesa de sua pretensão, Edgard tece considerações em torno de outro requerimento, do prof. Inácio Menezes, excelente anatomista que nada tinha de cirurgia, e que pretendia transferir-se do cargo de professor substituto de Anatomia Humana para o de professor catedrático de Patologia Cirúrgica. Segue-se argumentação de cunho marcadamente bacharelesco, em linguagem terrivelmente arrevezada, da qual se depreende que a “mano-

bra” pretendida visava, tão somente, a dificultar o acesso de Edgard, cirurgião de fato, jovem, brilhante e inovador, a uma das cátedras de Cirurgia de uma escola estagnada. Foram em vão tais manobras. Pouco mais de um ano depois, o concurso de títulos e provas assegurou a sua efetivação na cátedra de Patologia Cirúrgica e, seis anos mais tarde, a transferência para a de Clínica Cirúrgica.

O vitorioso concurso para a cátedra ocorreu quando meu pai tinha 33 anos. Eram seus competidores, muito mais velhos. A vitória foi saudada pelos progressistas e lamentada pelos tradicionalistas ferrenhos. Aliás, havia e ainda podem identificar-se brigas de grupos na velha Faculdade, com duração de muitas décadas. Durante longo tempo, Edgard esteve profundamente engajado nessas lutas, que passavam de pais para filhos e de mestres para discípulos e geraram número infinito de anedotas. Eram parte integrante da vida da Bahia, tal a importância da Faculdade de Medicina na nossa comunidade. Com o passar do tempo, meu pai foi se envolvendo com problemas outros, referentes à Universidade em geral e à política do ensino superior no Brasil. Os colegas que o viam distanciar-se da estreiteza das lutas da sua escola de origem, procuravam atingi-lo, diretamente ou instigando os estudantes, na expectativa de perturbar-lhe a carreira de grandes realizações e crescente prestígio.

O concurso de catedrático exigia duas teses, uma sobre tema de livre escolha do candidato e outra sobre assunto sorteado. Parece, hoje, inteiramente esdrúxula, a idéia de construir-se trabalho deste gênero sobre assunto sorteado. Mas, assim o era.

Conservo exemplares das duas teses, cuja elaboração coincide, no tempo, com o meu nascimento e os meus primeiros meses de vida. Foram elas escritas cerca de dez anos depois da tese inaugural, já comentada. Sem de todo perder a influência de Prado Valadares, a linguagem de Edgard amadureceu. Para o leitor de hoje, o estilo ainda parece rebuscado. Mas difere muito dos excessos do “Ensaio em torno de hormônios”.

O trabalho intitulado “Câncer na bexiga”, originado do ponto sorteado, se inicia com um capítulo relativo à história. Seguem-se os referentes

à etiopatogenia, à anatomia e histologia patológicas, à sintomatologia, ao diagnóstico, à evolução e prognóstico, e ao tratamento. No final são relacionadas 269 referências bibliográficas, incluindo livros e artigos de revistas. No tocante à revisão da literatura, poderia essa estrutura ser adotada em monografia atual sobre o mesmo tema. Em seguida à revisão, o trabalho registra três observações clínicas de casos de câncer da bexiga, sem qualquer comentário. O segmento da tese relativo à experiência do autor difere, essencialmente, do que veio a tornar-se a praxe atual. Não há discussão, não há conclusões. O leitor fica sem saber os critérios que nortearam a escolha dessas observações. Na prova de defesa da tese, o candidato mereceu nota 9.97.

Escolhi, de cada qual das teses, algumas frases representativas do estilo adotado em 1927. Seguem-se trechos oriundos do trabalho sobre câncer na bexiga:

O médico anterior de todos, que viu o câncer a primeira vez, e que, atento a seu doente, que nunca admite ignorâncias, teve a toda pressa de disfarçar serenamente o próprio enleio, desembaraçou-se com um ato de ciência providente, diagnosticando o mal desconhecido com um nome tradutor da impressão mais forte que o tocara. Chamou de câncer a massa tumoral que examinava. O caso, imagina-se, há de ter sido diante de um seio, ontem como hoje, uma das mais freqüentes localizações do carcinoma, diante de um acabadíssimo carcinoma do seio, ali à vista a massa tumoral a irradiar-se pelo órgão adentro, invasivamente, e o turgor dos vasos e o engorgitamento dos linfáticos a comporem a figura descomposta.

Não se desconvença da necessidade, que é grave, de que elejamos por dever, todos os que fazemos Medicina Clínica, pensar na responsabilidade de um futuro câncer na bexiga, toda vez que houvermos de cuidar de um lesão infectuosa ou obstruente das vias urinárias. A profilaxia deve ter em conta tudo o que significa estado pré-canceroso, empenhando-se por vulgarizar conhecimentos a respeito dos perigos da doença. É impres-

cindível que se faça neste espírito, com o desvelo que ele inspira, o tratamento das afecções vesicais, das infecções, das calculoses, dos traumatismos e das neoplasias benignas.

A outra tese de cátedra, versando assunto de livre escolha, intitula-se “Intervenções de cirurgia nos domínios do simpático”. Foi este um tema pelo qual Edgard teve muito carinho ao longo de toda a sua atividade cirúrgica, e no qual brilhava o seu ídolo no terreno da Cirurgia, o prof. René Leriche, inicialmente da Universidade de Strasbourg e depois do College de France. Na tese, há um prólogo, a que se seguem duas partes: 1^a) os domínios do simpático; 2^a) as intervenções de cirurgia. A bibliografia registra 170 trabalhos, dos quais 50 assinados por René Leriche, que devia ser ainda bastante jovem àquela época. Da mesma forma que em relação à outra tese, transcrevo aqui trechos ilustrativos do que foi o trabalho sobre o simpático:

Preocupado por interesse técnico, com as razões de ordem fisiopatológica que norteariam, nos domínios do simpático, a terapêutica das intervenções de cirurgia, pus a atenção em analisar, um a um, todos os elementos dos problemas, cada vez mais novos e mais interessantes, desta curiosa classe das neurotomias.

Dei-me com um material bem copioso, dentro de um assunto vário e emburilhado: a anatomia, com a miudeza difícil do que é seu, legando para o clínico o que só a ele, de razão é que deve interessar; a fisiologia, a examinar o depoimento clínico e o anatômico, com as exigências do critério experimental, e a esclarecer dificuldades, que só ela costuma desnodar; e a cirurgia, enfim, ensinada ajuar nestas lições, mergulhando, curiosa, as mãos seguras aí mesmo, e achando, bem mais do que esperava, uma quantidade volumosa e muito interessante de fatos novos e de novas sugestões.

A mim me pareceu, então, que seria utilidade levantar, a título de didática, um esquema geral dos interesses clínicos da matéria,

mostrando-a por um prisma de cirurgião, no estado dos seus dias atuais. Em esquema por onde se pudesse, com o discríme desse interesse novo, definir a sùmula das apurações adquiridas.

Mas, talvez que a ambição mais cobiçada do autor seja bem a obra de apontar, neste gênero de trabalho que escolheu, como é alto o lugar em que ele vê a Arte Cirúrgica. E como, reconhecendo-a nesta altura, estaremos todos enxergando, descobertamente, que a Cirurgia, sempre inspirada no pensamento científico do momento, se ilumina, a toda hora, de Biologia e Medicina refletindo, a todo instante, para uma e outra, descobrimentos e ensinamentos novos.

Sei que meu pai considerava o trabalho sobre câncer da bexiga superior ao outro. Fica difícil a comparação à luz dos critérios de hoje, porquanto, na praxe atual, mais do que à revisão da literatura, dá-se ênfase ao material próprio do autor. E este é escasso nas duas teses, enquanto nelas ressalta a capacidade de analisar e criticar a extensa literatura examinada. Ambas são muito bem escritas, bem estruturadas, inteligentemente dispostas na apreciação do que se escreveu sobre o tema. A do câncer na bexiga parece mais densa, resultado de busca mais intensa do que a literatura mundial registrava sobre o assunto. Mas a outra é, igualmente, o trabalho de um *scholar*.

Uma folha de papel pautado, isolada e solta entre os poucos papéis preservados por Edgard, diz o seguinte: “Ponto nº 4 – Anurias – Prova oral às 9 horas e 15 minutos. Bahia, 30/11/1927”. Segue-se a assinatura do secretário da Faculdade. Foi este o tema da prova didática do concurso para cátedra de Patologia Cirúrgica. Dispunha o candidato, de acordo com norma regimental em vigor ao longo de muitas décadas, de 24 horas para organizar a aula e 50 minutos para proferi-la. Entre tão poucos documentos preservados, a manutenção desse parece significar a profunda marca deixada em seu espírito pelas horas de preparo da aula e pelos minutos durante os quais a proferiu.

A correspondência do meu pai datada dos anos 20 e do começo dos anos 30, preservada até os nossos dias, quase se limita a tratar da aquisição de livros e revistas no exterior. Foi esta uma “mania” que herdei integralmente. Note-se que o empenho em ampliar a sua biblioteca não se esgotara com a conquista da cátedra. Pelo contrário, cresceu com a responsabilidade do preparo das aulas do jovem catedrático e com o aumento do número de pacientes na clínica privada. Os livros e revistas não se limitavam aos assuntos da especialidade que escolhera na profissão. A sua visão da Medicina foi sempre muito abrangente e os horizontes culturais se estendiam para além da profissão, conforme revelou com tanto vigor no desempenho das funções de reitor. Somente entre 1926 e 1930 acham-se assentados, de próprio punho, não menos que 1.200 títulos de volumes adquiridos, sendo a maioria de livros de Medicina, importados da Europa. Eram leituras obrigatórias, de toda semana, a “Presse Medicale” e “L’Illustration”, esta última revista de assuntos gerais com excelente apresentação gráfica e ótimos textos referentes aos acontecimentos da atualidade pelo mundo afora. E que trazia como encarte a “Petite Illustration”, recheada de peças de teatro em voga na França daqueles dias. Edgard devorava estas peças, e à distância, acompanhava a carreira dos atores e diretores do teatro francês.

Entre as revistas de cultura geral, de conteúdo mais denso, acumularam-se, ao longo do tempo, os números de “La Revue des Deux Mondes”, “Esprit”, “Le Mois”, “La table ronde”, com as quais ocupava boa parte dos fins de semana e dos feriados.

As encomendas de livros e assinaturas de revistas, quando feitas via Paris, eram cuidadas por um “correspondente”, que serviu a toda nossa família, desde meus avós a meus pais e tios maternos. *Monsieur* Augendre comprava tudo e remetia por portadores e pelo correio. Quando alguém da família ia lá, acompanhava nas compras, cuidava da hospedagem e dos transportes e informava sobre os últimos acontecimentos políticos,

culturais e econômicos. Era, enfim, um amigo da família à distância, durante muitas décadas. Além das despesas de embalagem, porte e registro, incluía uma comissão módica de 5% sobre o valor das faturas, relativas às mais variadas mercadorias, uma vez que no Brasil praticamente nada se fabricava e tudo era importado da Europa.

Por exemplo: em meio aos títulos dos livros, registrados em várias faturas, encontro, importados por Edgard, dois chapéus panamá nº 51 e 53, três pares de meias de seda branca, doze luvas cirúrgicas. Um dos meus tios maternos, Eduardo, solteirão, ia com freqüência à Europa. Nas encomendas a ele feitas por meu pai, para adquirir e trazer, misturavam-se, de um lado, camisas de zefir, camisas de seda, gravatas e, de outro lado, seringas de vidro de vários tamanhos, um gastrotonômetro, um injetor de oxigênio e um transpuctor (*sic*) de sangue, instrumentos que caíram em desuso.

Sempre bem trajado, ele era adepto dos ternos de linho irlandês, que usou até mesmo quando se foi tornando mais difícil contar com as engomadeiras que sabiam restabelecer a forma do tecido desfeita pela temperatura e umidade do nosso clima. Em especial, esmerava-se na escolha das gravatas, que iam desde o estilo borboleta aos desenhos mais ousados nas gravatas longas.

Desde o casamento até 1937, Carmen e Edgard residiram numa casa que minha mãe herdara do pai dela, situada à Rua Dias d'Ávila, nº 3, a primeira transversal da Avenida Oceânica, a partir do Farol da Barra. Quinze anos depois de casados, mudaram-se os meus pais para imóvel maior e mais confortável, igualmente recebido de herança por minha mãe, situado à Avenida Oceânica, nº 36, onde meus pais residiram os últimos anos de suas vidas. A casa da Avenida Oceânica fora construída por meu avô materno em 1913, para o veraneio da família de minha mãe, que residia no Campo Grande. Simultaneamente, obedecendo à mesma planta, meu avô fez construir imóvel idêntico que continua de pé na sua aldeia natal, no norte de Portugal. A casa da Avenida Oceânica permaneceu ocupada pela minha família até depois do falecimento de minha mãe, em 1972, e foi subseqüentemente demolida.

Ao assumir a cátedra de Patologia Cirúrgica, em 1928, Edgard encontrou, como campo para a sua atividade de magistério, alguns leitos na Enfermaria São Luiz (para homens) e outros na Enfermaria Santa Marta (para mulheres), do Hospital Santa Isabel. Conheci essas enfermarias nos anos 1944 e 45, quando iniciava o meu curso de Medicina e estava, ainda, freqüentando as disciplinas pré-clínicas, na seqüência curricular a que éramos obrigados. Os auxiliares do meu pai imaginavam que eu pudesse vir a ser atraído pela Cirurgia, o que jamais conseguiram.

O regime de trabalho nas enfermarias do Hospital Santa Isabel não era, então, muito diferente de quando meu pai assumiu a cátedra em 1928. Em ambas as épocas, os pacientes eram os chamados “indigentes”, os desvalidos da sorte sem outra possibilidade de assistência hospitalar, a não ser o ritmo lento e a ausência de serviços de enfermagem e de laboratórios, junto com o baixo nível de higiene que caracterizava o hospital da Santa Casa daqueles tempos. Havia, é verdade, umas poucas freiras, uma para cada três ou quatro dezenas de leitos, muito virtuosas, porém de poucas letras e sem nenhum preparo técnico na área da Enfermagem. Nas enfermarias de Cirurgia, o interesse dos médicos em operar, afim de aperfeiçoar-se na atividade profissional, tornava menos lento o preparo dos pacientes. Mas, nas enfermarias de Clínica Médica, a maioria dos internados permanecia meses a fio, à espera das providências mais elementares, e não havia nenhuma premência de ordem social para voltarem à vida ativa. Alguns pacientes aprendiam os rudimentos da rotina hospitalar, e acabavam servindo uns aos outros. Na maioria dos casos, era, para eles, melhor opção de vida, permanecer no hospital por tempo indeterminado, onde viviam menos mal do que em casa, sofrendo as limitações financeiras das respectivas famílias. Malgrado a extrema pobreza dos meios de trabalho, encontravam-se cirurgiões muito habilidosos, treinados na escassez e para a escassez, capazes de tudo superar e ter brilhante desempenho no teatro operatório.

Edgard Santos não era homem de conformar-se com tal situação. Havia ele visto e participado de coisa melhor, em São Paulo, Paris e Berlim. Partiu, então para o que considero o mais belo e audacioso lance de sua carreira de professor: a construção e instalação do Hospital do Pronto-socorro, depois designado Hospital Getúlio Vargas, história digna de ser contada pelo caráter exemplarmente negativo do seu desenlace.

Pouco depois de meu pai tornar-se professor, ocorreu a Revolução de 1930 e, com pequeno intervalo, a Revolução Paulista (ou Constitucionalista), em 1932. A Faculdade de Medicina participou intensamente do processo político. Os estudantes não foram simpáticos a esses movimentos – e vários foram presos, assim como alguns professores. Afim de representarem o Governo Federal junto aos Estados, foram nomeados “interventores”, que se sucediam com extraordinária rapidez. O vitorioso presidente Getúlio Vargas entregou, então, a Bahia a um dos chefes militares da Revolução, o jovem tenente, logo promovido a capitão, Juracy Magalhães. O interventor recém-nomeado chegou a Salvador ainda pouco afeito às lides políticas, porém não tardou em revelar capacidade de aprender e ajustar-se às complexidades da missão de liderança que havia recebido. Ocorreu, então, incidente que levou Edgard a aproximar-se deste último.

Getúlio Vargas havia feito ministro da Viação e Obras Públicas, o dr. José Américo de Almeida, intelectual e político do Nordeste brasileiro, oriundo da Paraíba. A navegação aérea estava, então, nos seus primórdios. Viajando do estado natal para o Rio de Janeiro, o ministro foi vítima de um acidente, quando o hidroavião que o transportava pousou em Salvador para reabastecer-se. Além de outras conseqüências menores, o Ministro sofreu uma fratura do fêmur de difícil correção, com os recursos da época. Ao providenciar, de urgência, um médico para atendê-lo, Juracy acatou a sugestão de que chamassem o meu pai, jovem professor de Cirurgia que vinha sendo muito bem sucedido na profissão. Entre as lembranças mais remotas da minha infância, está a da interrupção súbita de uma refeição, quando estávamos todos sentados à mesa, por ter sido meu pai convocado com a máxima urgência afim de atender a esse novo pacien-

te. Para os que pregavam a renovação de valores em nome da Revolução de 30, era perfeita a escolha de Edgard para tarefa profissional de tão grande responsabilidade. Ao lado disso, o ministro se havia aproximado do meu avô, João Pedro dos Santos, quando eram ambos deputados federais, na década de 1920. Ao mesmo tempo representando o Nordeste, no Palácio Tiradentes, no Rio de Janeiro, haviam eles morado no famoso Hotel América, onde se hospedavam muitos deputados com as respectivas famílias. Durante os dois ou três meses de permanência de José Américo na Bahia, convalescendo das conseqüências do acidente, em ritmo compatível com os hábitos da época – consolidou-se a amizade pessoal entre o cirurgião e o seu paciente, o que teria reflexos na política local futura.

Pouco depois desse episódio, Edgard foi convidado por Juracy Magalhães para dirigir o serviço estadual de pronto-socorro da cidade, conhecido da população como “Assistência Pública”, situado na Rua da Ajuda em frente ao Tesouro Estadual e vizinha à área onde havia sido construída uma das mais antigas igrejas da Bahia. Quando meu pai assumiu, estava o serviço de pronto-socorro total e merecidamente desacreditado perante o público. As instalações eram paupérrimas, e péssima a sua manutenção. Equipamento cirúrgico, medicamentos, alimentação, roupa de cama – tudo era escasso e mal administrado. A demanda de serviços era enorme, em relação à capacidade instalada. Os outros hospitais, tanto os privados como o da Santa Casa, não atendiam situações de emergência. Essas convergiam, de Salvador e de todas as pequenas cidades vizinhas, para o inferno que era o pronto-socorro da Rua da Ajuda. Com a visão de professor, Edgard logo identificou o enorme potencial de ensino que se oferecia naquelas instalações, desde que fossem melhoradas a ponto de poder servir à formação de futuros médicos. Ali já se encontravam, fora da atividade curricular, estudantes-internos que acompanhavam os médicos plantonistas e se preparavam para a profissão no clima de informalidade que cercou o preparo de gerações e gerações de médicos brasileiros. Mas, não era bem isso o que desejava o professor de Cirurgia. Enxergou ele a possível articulação mais íntima entre a Faculdade de

Medicina, órgão federal, e o Governo do Estado. O Governo construiria e instalaria um moderno Hospital de Pronto-socorro, a ser entregue à Faculdade, que o manteria com recursos federais, para servir ao ensino da 2ª cadeira de Clínica Cirúrgica, em substituição às obsoletas instalações do Hospital Santa Isabel. Meu pai se antecipara, nos primeiros anos da década de 30, às idéias de integração docente-assistencial que vieram a ter voga três a quatro décadas mais tarde.

Não se limitou Edgard a sonhar com estas perspectivas. Pôs mãos à obra e, graças à aproximação com o Governador Juracy Magalhães, convenceu-o a fazer construir o novo hospital.

Os serviços de saúde no Brasil, com pouquíssimas exceções, não eram incluídos entre as principais prioridades das lideranças comunitárias. Sempre que aparecia alguém com a determinação de melhorar a saúde do povo e conseguia realizar algo, logo em seguida vinham os espíritos retrógrados que não se conformavam com o progresso alcançado e os serviços voltavam a ficar defasados.

Na época, tinha eu oito a nove anos de idade. Nunca esqueci o entusiasmo do meu pai ao conduzir o planejamento, a construção, o equipamento e a organização dos serviços desse hospital, verdadeira jóia para a sua época. As dimensões eram corretas para a população de Salvador, que beirava os 300 mil habitantes, e a localização, excelente. O acesso era fácil, estava perto “de tudo”, e não havia os problemas de tráfego que sobrevieram mais tarde. Tratava-se de projeto de hospital moderno completamente diferente da planta centenária do hospital da Santa Casa. Abrigava instalações para os exames complementares, como radiologia, laboratórios de análises e de anatomia patológica, no que diferia das clínicas privadas com que a cidade contava, improvisadas, ou mal adaptadas para a atividade hospitalar. Nestas últimas, o paciente devia levar consigo os exames feitos em consultórios espalhados pela cidade, ou aguardar a visita dos médicos, na residência ou no quarto hospitalar, quando iam recolher o material para os exames complementares, realizados fora do hospital. Para enriquecer suas fontes de informação e de orientação,

além dos contactos no sul do País – em especial junto ao então chamado Hospital Alemão do Rio de Janeiro -, Edgard se aproximou do Consulado Alemão na Bahia, de onde colheu subsídios importantes para a importação de equipamentos da melhor qualidade e por cujo intermédio conseguiu fazer vir para a Bahia uma equipe de freiras-enfermeiras de excelente formação. Essas freiras, assim como outras, da mesma ordem, igualmente treinadas na Alemanha, serviram, por muitos anos, no Sanatório Espanhol de Salvador, onde meu pai era diretor clínico. De nível profissional excepcionalmente elevado, estas senhoras se tornaram colaboradoras admiráveis do meu pai e foram amigas verdadeiras de nossa família.

Desde o projeto, à construção, à instalação dos moderníssimos equipamentos, tudo era novidade, nesta primeira grande realização de Edgard Santos. Para que as coisas andassem em bom ritmo, na Bahia da época, ofereceu ele sua forte presença pessoal e a paixão com que se dedicava aos empreendimentos sob sua responsabilidade. Entre as manifestações de empenho pelo seus trabalhos, relembro o passeio obrigatório que minha mãe e nós, os três filhos, fazíamos com ele às obras nas tardes de domingo, durante perto de dois anos. Todos os detalhes eram inspecionados, desde a escavação dos alicerces até os testes da aparelhagem importada, com ênfase no equipamento cirúrgico, diante do qual ficava fascinado. Passando pelo mobiliário, pela roupa de cama, pela lavanderia e pela cozinha, tudo era da melhor categoria.

Mas, assim, é a vida do homem público. Essa jóia de hospital, pronto, equipado, com o pessoal especializado a postos, deveria ser inaugurado no Natal de 1937. A 10 de novembro do mesmo ano, ocorreu o conhecido golpe que deu origem ao Estado Novo. O governador da Bahia recusou-se a apoiar o golpe e rompeu com Getúlio, que havia sido até então seu chefe e correligionário. Inverteu-se, com isso, a situação de Edgard Santos junto às autoridades. Era ele pessoa da confiança do governador, e por isso havia podido criar aquele hospital. Juracy, tendo se afastado de Getúlio, renunciou ao restante do seu mandato de governador, deixou a Bahia e, com ele, ausentaram-se vários colaboradores mais próximos. Foi

substituído por uma seqüência de generais, comandantes da Região Militar, transplantados para o governo do Estado por curtos períodos de tempo. As transformações políticas de âmbito nacional tiveram profundas conseqüências sobre a vida pública de Edgard. Voltarei a comentá-las adiante. Mas, para que não se interrompa a história do Hospital do Pronto-Socorro, direi que a renúncia de Juracy e o conseqüente afastamento do meu pai do cargo de diretor da Assistência Pública, resultou, de imediato, no adiamento *sine die* da inauguração do novo hospital. Por incrível que pareça, nesta cidade extremamente carente de serviços de saúde, ficou o Pronto-Socorro, todo equipado, pronto para funcionar, *fechado*, sem conserva e sem qualquer serventia, *durante cerca de cinco anos*. Interromperam-se as negociações entre o Estado e a Faculdade, que assegurariam a manutenção do hospital pelo Governo Federal. E foi somente por uma casualidade, sob a pressão do atendimento aos naufragos de navios torpedeados pelos alemães nas costas da Bahia, em 1942, que as autoridades locais se dispuseram a desencaixotar parte do equipamento, que não chegara a ser instalado. Gradualmente, colocou-se o hospital em condição de funcionamento. E Edgard, que se tinha dedicado com tal entusiasmo à criação desta obra, nunca voltou a ter sobre ela qualquer influência.

Quando ocorreram os fatos mais relevantes desta história, tinha eu cerca de onze anos de idade. De tal forma me impressionou o episódio, que já não me abalei quando o hospital que tem, hoje, o nome de Roberto Santos, projetado e construído trinta anos depois, com máximo empenho pessoal meu, foi fechado logo após o início do seu funcionamento, para ser depois deturpado na sua concepção, maltratado e subutilizado, pela falta de espírito público dos que sucederam a mim e à minha equipe de governo.

Edgard não pôde ver concretizado o seu sonho de professor, quando pretendeu exercer o magistério da Cirurgia no novo Hospital do Pronto-socorro, e continuou lecionando no velho Santa Isabel.

Mas, um novo projeto, em escala bem maior e no mesmo rumo, o havia empolgado e viria a ter muito maior sucesso. Era o da construção do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Bahia, merecidamente denominado, anos depois, Hospital Universitário Professor Edgard Santos (HUPES).

O modo como se havia distinguido, desde os primeiros anos de exercício da cátedra, tinha levado os colegas a o elegerem diretor da Faculdade de Medicina, a mais destacada posição federal em nossa terra.

A nomeação do diretor, subsequente à organização da lista tríplice pela Congregação da Faculdade, era da responsabilidade do presidente da República, na época, Getúlio Vargas. Ocorreu a posse a 1º de setembro de 1936. Impossível seria prever que estava sendo esta a primeira de uma série de indicações para sua recondução à Diretoria da Faculdade, seguida de outras à Reitoria da Universidade, de tal modo que meu pai viria a ocupar o mais elevado cargo do magistério superior da Bahia, durante 25 anos ininterruptos, atravessando períodos muito diversos da alta administração do País. Desnecessário dizer que, naqueles anos, não havia o impedimento legal, estabelecido na década de 60, do exercício de mais de um mandato consecutivo dos cargos de reitor e de diretor.

Nos seus primeiros mandatos de diretor, era ministro da Educação e Cultura o mineiro Gustavo Capanema, cercado de uma equipe de coestaduanos que marcou época na gestão da Educação e da Cultura a nível federal. Edgard levava, como prioridade mais alta para a sua gestão, o começo da construção do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Bahia. Era esta uma aspiração de muitos anos, nutrida por professores e diretores da Faculdade, e que amadurecia lentamente, ao ritmo da Bahia da época, mediante tentativas de criação de um fundo, que nunca chegou a ter a desejada expressão financeira, em comparação com o investimento que o Governo Federal viria a fazer. Nas duas décadas anteriores, entretanto, providências de ordem prática haviam sido tomadas. Augusto Viana, professor de Microbiologia muito ligado a Ruy Barbosa, desde o começo do século XX, exercera vários mandatos de diretor

da Faculdade. Enquanto Diretor, conseguiu mobilizar recursos para a aquisição, pela Faculdade de Medicina, do antigo Solar do Bom Gosto, imóvel situado no bairro do Canela. Graças às gestões de Edgard, muitos anos depois, foram adquiridas extensas áreas a ele adjacentes, destinadas à construção do chamado Campus Universitário do Canela. Boa parte dessas áreas se incluía entre espaços verdes da cidade de Salvador, como tantos outros terrenos de vale, e vinham desocupadas desde os tempos coloniais, em vista das dificuldades da engenharia da época, para a drenagem satisfatória das baixadas. O vale do Canela, por exemplo, somente foi drenado no final da década de 1940, quando o baiano Clemente Mariani, ministro da Educação e Saúde, incluiu essa obra, por solicitação do meu pai, entre as medidas de saneamento destinadas à prevenção da malária.

Logo após adquirir o imóvel, Augusto Viana cuidou de construir um ambulatório que levou o seu nome, e que, durante várias décadas, abrigou parte dos serviços clínico-ambulatoriais da Faculdade. Prevalencia, na época, o conceito de hospitais pavilhonares, em contraposição à idéia de hospital em monobloco, firmada a partir da década de 30. O Ambulatório Augusto Viana foi construído exatamente no local onde hoje se encontra a Reitoria, com o propósito de vir a ser o primeiro dos pavilhões do futuro Hospital das Clínicas. Quando fiz meu curso de Medicina, na década de 40, tive aulas de Clínica Médica naquela modesta construção, onde várias cátedras tinham serviços ambulatoriais que atendiam a população da vizinhança, ao tempo em que serviam de campo de treinamento para estudantes. A construção do Hospital das Clínicas, com o seu feitiço atual, tornou sem propósito o modesto edifício onde funcionou o ambulatório, que foi por isto demolido.

Antes, mesmo, de assumir a Diretoria da Faculdade, em 1936, Edgard já se fora envolvendo no movimento tendente à construção do hospital que viria a ter seu nome. Questões preliminares tinham de ser decididas. E era conveniente buscar assessoria fora da Bahia. Foi assim que, por intermédio do ministro Capanema, Edgard entrou em contato com o professor de Microbiologia da Universidade de São Paulo, Ernesto Souza

Campos, daí nascendo forte e duradoura amizade, com repercussão sobre a vida da nossa Universidade. O professor Souza Campos, além de médico, era engenheiro, mediante diplomas conferidos pela Universidade de São Paulo. A sua formação o colocara em posição privilegiada para aproveitar os ensinamentos do famoso Departamento de Saúde Pública da Universidade de John Hopkins, na sua fase áurea, quando jovens médicos do que hoje chamamos países em desenvolvimento obtiveram títulos de pós-graduação nas áreas da Higiene e da Medicina Preventiva e assumiram destacados papéis de liderança junto às suas nações de origem. Graças à sensibilidade e à capacidade administrativa de Edgard, presentiu Souza Campos que existia na Bahia campo fértil para a modernização da área da saúde pela materialização de duas noções particularmente importantes: a da significação da boa arquitetura hospitalar para a administração profícua de hospitais e a da necessidade da formação de quadros da Enfermagem de nível superior. De forma pioneira e definitiva, Edgard implantou esses dois conceitos na Bahia, e assim revolucionou a tradicional organização de saúde em todo o Nordeste brasileiro.

Várias questões preliminares se colocaram nas visitas feitas à Bahia por Souza Campos, a convite de Edgard: teria cabimento modernizar e ampliar o Hospital Santa Isabel, ou seria mais indicada uma nova construção? Nesta segunda hipótese, dever-se-ia adotar o critério pavilhonar e considerar o ambulatório Augusto Viana a primeira unidade do conjunto? Seria o terreno que já pertencia à Faculdade de Medicina, no Canela, o local ideal para a construção do novo edifício? Ou melhor seria partir para uma área maior, embora menos central, e que viesse, mais tarde, a abrigar todas as unidades de uma futura Universidade?

A idéia do aproveitamento do Hospital Santa Isabel, como se encontrava àquela época, foi logo abandonada. Era tal a situação de anacronismo e de má conservação do hospital, que o Governo Federal acabaria gastando muito, para criar um remendo de difícil adaptação ao ensino e à pesquisa. Era necessário trazer para cá os modernos conceitos de assistência hospitalar. Passara a prevalecer o hospital monobloco, o que elimi-

nava a hipótese do aproveitamento do Ambulatório Augusto Viana. Foi mais demorada a decisão quanto ao local da construção do novo monobloco. Como já sonhassem com a futura Universidade, Edgard Santos e Ernesto Souza Campos, em 1936, procuraram área mínima de um milhão de metros quadrados. Depois de andar abaixo e acima, pela cidade de Salvador e arredores, admitiram que seria localização preferencial para a Universidade, a orla marítima, ao norte de Salvador, na vizinhança de onde, muitos anos depois, tive o privilégio de fazer construir o Centro de Convenções. Mas, naquele tempo, o local foi considerado impróprio para o Hospital Universitário, por muito distante dos bairros populares e pela dificuldade de construção das vias de acesso e da implantação dos meios de transporte coletivo, quando predominavam os bondes. Não existia, ainda, a Avenida Otávio Mangabeira, construída cerca de quinze anos mais tarde. Foi, assim, escolhida a área do Canela.

O primeiro passo era a elaboração do projeto arquitetônico, sempre com a supervisão de Edgard. A pedra inaugural foi colocada em outubro de 1938 e a construção se iniciou no ano seguinte. Daí para a frente, em meio a outras lutas dentro e fora da Faculdade, a busca de recursos federais para levar adiante a criação do hospital, constituiu-se na principal tarefa do meu pai, a que absorveu maior parcela da sua incontestável capacidade de trabalho.

Num preito de justiça e, também, com muito afeto, logo após o seu falecimento, o senador Lourival Batista apresentou projeto de lei, aprovado pelo Congresso, dando ao Hospital das Clínicas o nome de Hospital Professor Edgard Santos.

Além da construção do hospital, e da busca de verbas federais para melhorar as condições materiais de trabalho na Faculdade, boa parte do seu tempo, no desempenho das funções de diretor, era dedicado aos concursos para os cargos de magistério. O ritual era complicado. E havia os aspectos políticos, a exigirem a presença forte do diretor. Realizavam-se todo ano concursos de livre docência, instituição quase desaparecida, porém que teve grande significação durante muitas décadas. Não havia,

entre nós, a carreira do magistério como é hoje entendida. Existiam apenas dois cargos para as funções docentes: o de Assistente, de livre escolha do professor e para o qual não se exigia concurso, e o de Catedrático, provido, sempre, mediante concurso de provas e títulos. O Brasil copiara da Alemanha, desde 1911, a instituição da docência livre, com adaptações, é claro, à situação nacional. Mediante concurso de títulos e provas, estruturado de forma muito semelhante ao que servia à seleção dos catedráticos, o docente livre conquistava o direito de dar aulas que tinham a mesma significação curricular que os cursos oficiais, oferecidos pelos titulares da mesma disciplina. À docência livre não correspondia a ocupação de cargo público, nem qualquer remuneração. Porém o título assegurava vantagens de natureza acadêmica, das quais a mais importante era a possibilidade de inscrever-se no concurso para a cátedra. Não havia, então, limite quanto ao número de portadores desse título, o que retirava do concurso para docência livre o caráter extremamente competitivo dos concursos para a cátedra.

O título de Catedrático da Faculdade de Medicina da Bahia significava grande prestígio social, abria caminho para o sucesso profissional, e credenciava a outras tarefas de liderança, inclusive na área política. *Nem se sonhava*, então, com o *regime de dedicação exclusiva* no exercício dos cargos de magistério superior. Procurava-se cercar o processo de escolha de intrincadas formalidades, no intuito de evitar ou reduzir os apadrinhamentos e assegurar a melhor escolha. As bancas examinadoras eram compostas de cinco membros, dois catedráticos da mesma Faculdade e mais três, obrigatoriamente oriundos de outras instituições de ensino superior. Na Bahia daquele tempo, esta exigência significava convidar professores de outros estados. Cada concurso, em si, durava cerca de uma semana, durante a qual parava, praticamente, toda a Faculdade. E as gestões para escolha dos membros das comissões examinadoras, assim como a fixação da data do concurso, se prolongavam durante meses, quando não duravam anos a fio. O ritmo de vida, completamente diverso do de hoje, não envolvia viagens de avião, somente tornadas freqüentes depois

da Segunda Guerra Mundial. Os examinadores de outros estados eram trazidos e levados pelos grandes transatlânticos que transitavam entre as maiores capitais do Brasil, onde havia faculdades e professores renomados. A permanência dos examinadores ficava condicionada às datas das paradas dos navios em Salvador. Não raro, chegavam vários dias antes do começo do concurso, e permaneciam outros tantos depois de terminado. Cabia aos anfitriões, entretê-los. Com a dedicação que meu pai tinha à Faculdade de Medicina, era esta uma das tarefas que chamava a si e à sua família. Na verdade, esses contactos, em época na qual os congressos de profissionais não eram tão freqüentes nem tão bem organizados como hoje, eram importante forma de intercâmbio cultural e científico. Os professores que vinham à nossa terra, além de examinar os candidatos, eram chamados a opinar sobre quadros clínicos mais complexos, davam aulas, faziam conferências, operavam e conversavam sobre as respectivas experiências técnico-científicas e as últimas fofocas universitárias. Eram in-críveis a energia e o tempo de todo o pessoal da instituição dedicados aos concursos, tanto de docência livre como de cátedra. Um professor francês que passou algum tempo no Rio daquela época, de volta à sua terra, confidenciou a amigo seu, brasileiro radicado em Paris: “Os seus conterrâneos são muito talentosos e de convívio muito agradável. Porém, gastam a metade do seu tempo *examinando-se uns aos outros*”.

Essas praxes tinham ângulos favoráveis, além dos citados, e resultavam do grande prestígio associado aos cargos de magistério superior. Como ocorria tão intensa disputa, se havia tanto empenho da parte dos protagonistas e tanta participação da comunidade, era porque todos se importavam com o assunto, tinham orgulho da instituição e desejavam fosse ela servida e representada pelos mais capazes. Por outro lado, tão fortes eram esses sentimentos, que as pressões sociais chegavam a desfigurar e prejudicar decisões de extrema importância para a vida das faculdades.

* * *

Transcorreram mais de onze anos entre o lançamento da pedra fundamental do Hospital das Clínicas e a inauguração, em novembro de 48. Quanto mais Edgard se envolvia na administração da Faculdade e, depois, da Universidade, mais se ia afastando da atividade cirúrgica, na cátedra e na clínica privada. Mas, ao longo das décadas de 1920 e 30, profissionalmente bem preparado, já professor catedrático, jovem, trabalhador incansável, conheceu grande sucesso no exercício da profissão, como cirurgião geral. Foi, por isto, escolhido pela Real Sociedade Espanhola de Beneficência, para dirigir o Sanatório Espanhol, função que exerceu durante quase trinta anos. Ficava o Sanatório muito próximo à nossa residência. Os cirurgiões, pelo mundo afora, costumam acordar cedo. Razões climáticas levavam a que esta norma geral fosse cumprida a rigor, na Bahia da época. Não havia, então, aparelhos de ar condicionado, e as salas de cirurgia tinham de se manter fechadas por motivos de assepsia. Era muito mais confortável operar às 6:30 da manhã do que quando o sol já estava alto. Meu pai começava o seu dia realizando duas ou três cirurgias. Conforme o dia da semana, operava pacientes privados no Sanatório Espanhol, ou indigentes das enfermarias do Hospital Santa Isabel, onde continuava a ocupar-se dos seus deveres de professor, dando aulas e visitando enfermarias. Seguiu, logo mais, para a Diretoria da Faculdade, onde ficava o resto da manhã. Almoçava, invariavelmente, em casa, com a família, e voltava ao prédio do Terreiro, permanecendo ali até as 4 ou 5 horas. No fim da tarde, ia para o consultório privado que manteve durante mais de trinta anos no Palacete Catarino, edifício demolido há vários anos e que se situava numa das esquinas da Rua Chile. Era este consultório movimentadíssimo pelos numerosos clientes, e servia, também, terminadas as consultas, de ponto de encontro, onde inúmeros amigos o procuravam para as fofocas políticas, acadêmicas ou sociais. Neste horário de consultório, o dr. João Batista Caribé, depois superintendente do Hospital das Clínicas, foi seu companheiro fiel durante mais de três décadas. Caribé era filho adotivo do dr. Otaviano Pimenta, que fora médico de grande clientela em Salvador na passagem do século XIX para o XX,

e havia sido companheiro de política do meu avô João Santos. O mesmo Caribé começou a trabalhar com meu pai quando ainda estudante, e foi o mais dedicado dos seus amigos até o fim da vida.

Todas as noites, depois do jantar, dirigindo o seu carro, Edgard voltava a sair com a esposa e os filhos, a fim de visitar os pacientes hospitalizados, ou a domicílio. Neste vai e vem do ritmo diuturno, repetido durante muitos anos, havia uma particularidade digna de nota. Salvador era cidade “de uma rua só”. De um canto a outro da cidade tinha-se de passar pela Avenida Sete de Setembro, em especial por trechos como o das Mercês, onde morava o meu avô. Ocupado como era, Edgard parava na casa dos seus pais quatro ou cinco vezes ao dia, nem que fosse, simplesmente, para entrar e sair “no mesmo pé”. Quando dispunha de tempo, sobretudo após o jantar, e estava em pauta algum assunto mais “quente” na política nacional ou internacional, entrava em debate com o meu avô. Discutiam com enorme veemência, malgrado as fortíssimas afinidades entre os dois.

Os seus clientes particulares vinham de todas as camadas da sociedade, até porque era conhecido o seu desprendimento em relação aos honorários profissionais. Mas um grupo se destacava: eram em proporção elevada os integrantes da colônia espanhola na Bahia, entre os quais se incluíam alguns dos seus amigos mais constantes e mais decididos, daqueles com os quais contou nos momentos de vitória assim como na adversidade.

* * *

Alguns comentários de ordem política, apenas aflorados a propósito da história do Hospital do Pronto-socorro, devem ser agora ampliados. Cerca de um ano após haver Edgard assumido, pela primeira vez, a Diretoria da Faculdade de Medicina, em ambiente político que havia sido altamente favorável, mudou o quadro nacional, com fortes repercussões sobre a Bahia. Getúlio Vargas e Juracy Magalhães haviam feito, juntos, a

Revolução de 30. E juntos continuaram até novembro de 1937, quando estavam em campanha os candidatos para a sucessão presidencial, no ano seguinte. Juracy apoiava José Américo para a Presidência, e ambos eram amigos pessoais de meu pai. Admitia-se, entre amigos e familiares deste último, a candidatura de Edgard ao Governo do Estado. Quando José Américo, em campanha, esteve na Bahia, foi à nossa casa e lá teve encontros políticos importantes. Interessado em estender a sua permanência como chefe da Nação, além do mandato constitucional, Getúlio criou, artificialmente, um clima de rebelião, como pretexto para o golpe de 10 de novembro, do qual resultou uma nova Constituição, de inspiração fascista, e a instalação do Estado Novo. O ambiente internacional favorecia esta atitude, uma vez que o nazi-fascismo vinha crescendo na Europa e se preparava para uma nova Guerra Mundial, em que esperava alcançar vitória sobre as forças democráticas. Eram a loucura e a arrogância do “Reich de mil anos”, de que falava Hitler nos seus discursos históricos.

Quando Juracy se recusou a acompanhar Getúlio no golpe de estado de 10 de novembro de 1937, e renunciou ao resto do mandato de governador, a política baiana mudou completamente. Em substituição ao governador Juracy, Vargas nomeou sucessivos interventores, entre eles generais que se achavam no comando da Região Militar da qual fazia parte o território baiano. Alguns tiveram atuação curta e calamitosa, pela truculência, pela corrupção e pelo despreparo. De modo geral, procuraram cercar-se de pessoas contrárias ao governador que havia renunciado, para bem caracterizar o descontentamento que este gesto criara no Governo Federal. Em função de tal critério, aproximaram-se esses interventores de desafetos de meu pai, sequiosos de reduzir o prestígio deste último, na própria comunidade e junto ao presidente Vargas. Mas, tudo em vão. Em pouco tempo o competente desempenho de Edgard na direção da Faculdade, e a sua habilidade política, asseguraram-lhe crescente aproximação direta junto a Getúlio. Enquanto os prepostos da Presidência na Bahia anunciavam, de semana a semana, a sua exoneração

do cargo de diretor, tornava-se cada vez maior o seu prestígio no Governo Federal, demonstrado pela obtenção de verbas para o início da construção do Hospital das Clínicas e pela liberação de recursos mais vultosos para a manutenção da Faculdade. Criou-se um clima de confusão em torno da posição de Edgard, aliás muito ao gosto de Getúlio e por este estimulado. Não faltaram, diante do estreitamento das suas relações pessoais com o presidente, boatos da possível escolha do diretor da Faculdade de Medicina para a Interventoria do Estado – o que nunca chegou a ocorrer, porém, serviu para irritar profundamente os interventores de plantão. E assim se passaram vários anos, até a queda de Getúlio, em 1945, seguida de redemocratização do País, e da concretização do sonho da criação da Universidade da Bahia.

Roberto: os anos de formação –1926 a 1949

Quando eu nasci, a 15 de setembro de 1926, meu pai firmava o seu nome como cirurgião em franca ascensão profissional na cidade de Salvador. A sua clientela privada crescia, rapidamente. Exercia, interinamente, a cátedra de Patologia Cirúrgica, na Faculdade de Medicina da Bahia, e se preparava para o concurso que o efetivaria no cargo, pouco mais de um ano após o meu nascimento. Enquanto isto, minha mãe, completando os primeiros quatro anos do casamento que haveria de durar quase quarenta, cuidava dos afazeres domésticos, inclusive dos filhos de tenra idade, e administrava, de sua própria residência, os imóveis de aluguel que o pai dela, Antonio Figueira, lhe havia deixado de herança.

A casa em que morávamos, herdada do meu avô Figueira, ficava a poucos metros do Farol da Barra, na primeira transversal da Avenida Oceânica, a Rua da União, depois denominada Dias d'Ávila. O imóvel

continua de pé e é, atualmente, propriedade do meu irmão Eduardo. Não raro, até hoje, encontramos-nos com os vizinhos da época, sempre prontos a comentar as gratas reminiscências daqueles bons tempos.

Poucos dias antes do meu nascimento, a casa entrara em obras de conservação e pintura. Minha mãe, Carmen, em fase adiantada de gravidez, não se sentia bem, em virtude do forte cheiro das tintas (assim eram as tintas daquela época) e foi aconselhada a passar uns dias na casa do meu avô paterno. Por isto nasci na Avenida Sete de Setembro, 180 (trecho das Mercês), exatamente ao lado do tradicional Colégio das Ursulinas (em direção ao centro da cidade). Ao fim de algumas semanas, voltou a família à Rua da União, onde residimos até o começo de 1937.

Cresci em meio a intensa vida de família. Os meus tios e tias maternos (Álvaro, Helena, Jaime, Eduardo e Antonio), a minha bisavó (a “Bisa” Maria Cândida), a tia-avó Alice e muitos primos, morávamos, todos, em casas herdadas do meu avô no Bairro da Barra, à distância máxima de trezentos metros, uns dos outros. Era, então, de todos os dias, o convívio com a família materna. Os pais do meu pai residiam a distância pouco maior (cerca de quatro quilômetros), em local de passagem obrigatória entre o centro da cidade e a nossa residência.

Fui alfabetizado pela minha bisavó materna, quando eu tinha quatro anos de idade e ela, mais de oitenta. Da mesma forma que eu, numerosos tios e primos também com a Bisa aprenderam a ler e se iniciaram nas operações fundamentais da aritmética. Desde aquela época, e ao longo dos meus estudos primários e secundários, os deveres de casa eram rigorosamente acompanhados pela minha mãe. Os seus dotes naturais de inteligência haviam sido bem cultivados pela freqüência, durante quatro anos, a um colégio em Paris. À aluna brilhante, o colégio conferiu diploma que permitia lecionar francês na própria França, e que lhe proporcionou nível cultural bem melhor que o da maioria das moças do seu convívio social, na Bahia da época. Foi este relacionamento materno, o mais importante dos privilégios com os quais me beneficieei nos primeiros anos de vida.

Nos antecedentes familiares do meu pai, prevaleciam os valores dos profissionais liberais e dos servidores públicos com nível superior de escolaridade. A família de minha mãe tinha antecedentes bem diversos. Era possível acompanhar cinco gerações de vida urbana – o que não era pouco no Brasil daqueles dias – nos quais se repetia o mesmo comportamento social: uma moça nascida e criada em Salvador se casava com um europeu que trazia consigo algum patrimônio e se dedicava, na maioria dos casos, à atividade comercial.

A referência a personalidades e fatos de épocas remotas conserva interesse na medida em que seja ilustrativa dos hábitos dos antepassados. Mas, o texto logo pode tornar-se enfadonho, quando se procura assinalar a geração e o grau de parentesco dos personagens envolvidos nas crônicas de família. A fim de não interromper o ritmo do presente depoimento, relatei em anexo, inserido ao final do presente volume, algumas reminiscências que poderão interessar aos estudiosos da vida social da nossa terra. Citarei, aqui, apenas o essencial.

Minha mãe era filha de Elisa e Antonio Figueira. Minha avó Elisa, nascida e criada em Salvador, esbelta e sempre muito bem trajada, era filha de Maria Cândida (a Bisa muitas vezes citada) e de Tibúrcio Kelsch. Antonio Figueira, meu avô materno, nasceu no norte de Portugal, na aldeia de São Cristóvão do Rio Mau, próximo à Póvoa do Varzim, e veio para Salvador aos onze anos de idade, chamado pelo tio e padrinho Joaquim Fortuna. Este último, meu tio-bisavô, solteirão, fora bem sucedido no comércio de Salvador, e como não tinha filhos, fez do meu avô o seu principal herdeiro.

Fiz em casa a quase totalidade dos meus estudos primários, o que era perfeitamente admissível pela legislação e pelos costumes da época. Entre 1932 e 1936 tive uma extraordinária professora, a d. Hilda Cardoso de Albuquerque, ainda viva e com boa saúde, enquanto escrevo esse depoimento. Dela aprendi noções, que continuam bem vivas, de português, geografia, história do Brasil, história natural e os rudimentos de aritmética. Durante uns poucos meses do ano de 1935, freqüentei o Co-

légio Alemão da Bahia, e em setembro de 1936, três meses antes de fazer o exame de admissão ao ginásio, fui matriculado no Colégio Antonio Vieira, para familiarizar-me com o ambiente onde iria cursar as cinco séries ginásiais. No exame de admissão ao nível secundário, preparado pela d. Hilda, tirei as notas mais altas da turma, com média 99 sobre 100. Durante todo o curso secundário mantive as melhores notas da classe em todas as disciplinas, exceto na de desenho à mão livre. O Colégio Vieira, dos padres Jesuítas, fazia, ao final de cada ano, a distribuição de medalhas aos alunos que haviam obtido as notas mais altas, em cada disciplina. Durante os cinco anos de ginásio, conquistei todas elas, exceto as de desenho nos três primeiros anos. Na 4ª série, durante a qual cursávamos maior número de disciplinas que nas demais, o Colégio acrescentou uma medalha especial, a que deu o nome de “Prêmio de Excelência”.

Minha curiosidade se estendeu, desde cedo, a quase todas as áreas do conhecimento, e assim se manteve, mesmo quando fui assumindo responsabilidades que exigiam especialização no saber e no fazer. Sempre gostei de estudar. E lia muito, também fora das obrigações curriculares. Vivia num clima de alta competição com os colegas de classe, e outros jovens da mesma idade. A pedagogia dos tempos em que meus filhos freqüentaram os estudos primários e secundários, amorteceu muito o espírito de competição. Creio que foram longe demais a este respeito e não vejo superioridade na atitude mais recente em relação à do meu tempo, neste particular. As aulas freqüentadas pelos meus netos, na pré-escola e na escola primária, me parecem ter muito melhor orientação do que ocorria no meu tempo.

Não tenho idéia de como meu pai ocupava suas horas de lazer, durante os anos de infância e adolescência, vividos trinta anos antes de mim. Mas, sei que meus filhos, outros tantos anos depois de mim, ocuparam-se de forma totalmente diversa do que ocorreu comigo. Nasceram eles dentro da era da televisão, o que contribuiu para que na sua geração, a dos meus filhos, se observasse menor apego à leitura, desde a infância. Em compensação, as escolas por eles freqüentadas estimulavam, mais do que ao meu tempo, a iniciativa própria dos alunos e o trabalho em

equipe. Além disso, ofereciam metodologia superior à dos meus dias para o ensino da matemática e das ciências. Em contrapartida, a mim pareceram desastrosos os processos empregados para o ensino da língua portuguesa, vividos pelos meus filhos.

Tive alguns bons professores no ginásio e no curso pré-universitário, aos quais rendo especial homenagem. Entre eles, cito: João José Seabra, de zoologia e botânica; Pedro Tavares, de matemática; Raul Sá, de português, e dois jesuítas que foram mais disciplinadores do que professores, os padres Abranches e Bragança. Faço um destaque para o que mais me impressionou dentre os professores na escola secundária: o padre Camilo Torrend, jesuíta nascido nas Antilhas Francesas, com mais de oitenta anos ao tempo em que foi meu professor, e que tinha a formação de naturalista ao estilo do século XIX. Graças à sua vocação, ao longo das muitas décadas que viveu na Bahia, havia estudado aspectos da fauna, da flora, da geologia e da mineralogia locais, e colecionado espécimes nas inúmeras excursões pelo nosso interior. As suas aulas tinham um feitio de vivência própria dos assuntos, de atividade de campo numa realidade que nos era próxima, o que as diferenciava das de todos os outros mestres, em geral marcados pelo estilo livresco de ensino.

Comecei a aprender a tocar piano aos sete anos. E acabei cumprindo todo o currículo que levava ao diploma, em escola oficializada, com formatura e discurso de orador da turma, o primeiro que pronunciei na vida, aos dezessete anos. Logo depois, deixei de exercitar-me no teclado, por absoluta falta de tempo. Mas, daquele aprendizado me ficou muita coisa. Posso ouvir melhor a música erudita, por ter chegado a familiarizar-me bem com um instrumento. Conheci a intimidade de muitas peças dos melhores compositores, o que despertou meu interesse pelas suas biografias e pelo ambiente cultural em que viveram e produziram a respectiva obra. Sempre consegui tempo, quaisquer que fossem as minhas obrigações funcionais, para ouvir boa música, de preferência a música instrumental, seja na forma de solo, de música de câmara, solo com orquestra, ou música sinfônica. Jamais consegui o mesmo apego à música vocal. Não

conheço espetáculo mais impressionante do que uma boa orquestra sinfônica tocando num bom auditório. Enquanto vivi em Boston, em duas oportunidades, freqüentei assiduamente a orquestra sinfônica local, em sua casa, o Boston Symphony Hall. Constituía a suprema satisfação dos meus anseios culturais, participar dos concertos e dos ensaios finais da orquestra. Houve uma fase da minha vida particularmente propícia à ampliação do conhecimento da boa música: foi em Nova York, em 1950/51, quando pude ouvir e ver o que havia de melhor no mundo afora, oportunidade concentrada em período pouco superior a seis meses. Acompanhei, de perto, os passos essenciais da evolução da aparelhagem de reprodução do som e da tecnologia dos discos, de quando passaram de 78 rotações por minuto para os LP que giravam 33 1/3 rotações. Não posso esquecer o sentimento de alegria ao ouvir, pela primeira vez, um toca-discos a laser ligado a um bom conjunto de som, totalmente melhorado em relação ao que eram os discos mais antigos. Fiz uma primeira coleção com os de 78 rotações, passei pela era do LP de vinil e nos últimos anos, venho refazendo a mesma coleção, pela substituição dos LPs pelos CDs. Recentemente, tomei conhecimento dos videodiscos, aos quais pretendo dedicar-me daqui para o futuro.

Deixaram marca indelével, da infância à adolescência, as viagens que fiz para fora da Bahia. A primeira delas, com destino ao Rio, ocorreu em janeiro de 35, num navio italiano, quando eu tinha pouco mais de oito anos. Durou cerca de quinze dias, e me permitiu descobrir, na companhia de meus pais e irmãos, as belezas naturais da cidade e arredores, ao lado dos monumentos famosos e marcos históricos da Capital do País. Todos os brasileiros eram, então, enamorados do Rio de Janeiro. Ainda mais, pude conhecer alguns membros da família que lá se haviam radicado. Entre eles, dois tios-avós, um tio do meu pai e outro de minha mãe. Muito diversos um do outro, fizeram, ambos, forte impressão sobre a criança que eu era. O tio-avô paterno era ministro aposentado do Supremo Tribunal Federal, Pedro Joaquim dos Santos, e o outro, diplomata aposentado, Gustavo Viana Kelsch.

Experiência muito proveitosa daquele período, foi a das férias nas quais freqüentei escritórios de empresas comerciais ligadas à família. Na faixa dos doze aos quinze anos, durante algumas semanas de cada vez, compareci, diariamente, ora a um pequeno banco, ora a uma empresa de mineração, cujos dirigentes eram parentes próximos. Adquiri, então, noções de contabilidade, senti o funcionamento das máquinas usadas na época para esse fim e percebi as relações entre a empresa e seus empregados, seus clientes e fornecedores. Para a minha futura atuação de administrador, na vida pública e privada, foram esses estágios da maior utilidade.

Entre as lembranças gratas daquela época, ficou-me a do laboratório de química que montei no porão da casa dos meus pais. Brincando e aprendendo, com o apoio de minha mãe, adquiri reagentes e vidraria que permitiram realizar a grande maioria das reações constantes dos livros de texto da época. Era esta uma atividade que me dava o maior prazer.

Até muito perto do momento da escolha da carreira profissional, eu tinha como primeira hipótese o estudo do Direito, para subsequente ingresso na diplomacia. Para isso contribuía a impressão que me deixara o tio-avô Gustavo Kelsch. Na iminência da minha inscrição para o exame vestibular, reexaminei mais atentamente as várias possibilidades de carreira, e acabei por orientar-me para o curso de Medicina. Quando analiso, no íntimo, *a posteriori*, os fatores desta escolha, entendo que o mais forte motivo pouco teve a ver com a natureza da profissão, em si mesma. Das escolas de nível superior na Bahia, onde eu pretendia continuar vivendo, a de Medicina se distanciava das demais, no elevado conceito quanto à excelência dos mestres e à qualidade do ensino. Sendo a mais antiga instituição de ensino superior no Brasil, foi, também, uma das duas únicas faculdades de Medicina a formar médicos para o Brasil inteiro, ao longo de quase todo o século 19. Havia, então, pelo país afora, número proporcionalmente alto de médicos aqui formados. Além destes, existiam, apenas, os que haviam cursado a Faculdade do Rio de Janeiro.

No exame vestibular à Faculdade de Medicina – assim como havia ocorrido no exame de admissão ao ginásio – tive as notas mais altas entre todos os candidatos. Mas, para mim, os primeiros anos do curso médico representaram grande decepção, tanto com a escola como pelo processo de formação universitária. Estávamos, então, em plena Segunda Guerra Mundial, e o Brasil se encontrava distanciado das nações, culturalmente, mais desenvolvidas. Tornara-se notório o nosso atraso em relação aos progressos das ciências e das técnicas. Não me coformava com o feito excessivamente teórico do ensino, a desatualização do conteúdo de algumas das aulas e a falta de participação ativa do estudante no processo de aprendizagem. Em pouco se diferenciava o curso superior, naqueles anos, do rígido esquema de formação jesuítica que eu havia freqüentado na escola secundária.

De modo geral, eram, professores e assistentes da Faculdade de Medicina, cidadãos merecedores do elevado conceito em que os tinha a sociedade baiana. Com boa formação humanística, a maioria se expressava corretamente e com desembaraço. Era este o mais valorizado dos critérios no julgamento dos concursos para a atividade docente. Faltava, entretanto, em grande número de casos, dedicação integral à disciplina que lecionavam. Os salários, invariavelmente, correspondentes a atividade em tempo parcial, eram mais compatíveis com os padrões de vida daquela época, do que os correspondentes, nos dias atuais. Mas, não havia remuneração para a exclusiva dedicação aos encargos da cátedra. E nem se cogitava da importância deste princípio. Ninguém podia viver dos proventos gerados pela dedicação a uma disciplina pré-clínica. Divididos, o tempo e a atenção desses professores, não sobrava margem para a constante atualização de conhecimentos, nem para a pesquisa. As aulas teóricas e práticas se repetiam de ano para outro, ao longo de décadas, e a enorme pobreza dos laboratórios não permitia pesquisa nem demonstrações práticas que exigissem equipamentos mais modernos e mais caros. O ensino pré-clínico estava, assim, tão estagnado quanto a economia da região, até o final da década de 50. E por não destoar do ambiente social

conservador, deixava de gerar reações, a não ser de uns poucos estudantes mais rebeldes.

O ensino clínico, no Hospital Santa Isabel, até 1949, era de nível melhor e mais atualizado que o das disciplinas básicas, no tocante às aulas teóricas. Quando o ensino prático se transferiu para o Hospital das Clínicas, dando um salto de, pelo menos, cinqüenta anos, criou-se verdadeiro abismo de diferença entre o ensino das disciplinas pré-clínicas e das clínicas, o que agravou tensões e divergências no seio do corpo docente, que repercutem ainda hoje. As lembranças que tenho da Faculdade do meu tempo de estudante são muito gratas no tocante ao convívio com os professores e alunos. Porém, não quanto aos métodos de organização do ensino.

Voltemos ao que foi o começo da minha formação médica, na década de 40. Para começar, o 1º ano era desastroso. Apenas duas disciplinas morfológicas, a Anatomia e a Histologia. As peças anatômicas vinham prontas para as aulas e as lâminas para o estudo da Histologia eram escassas. Havia, entre as equipes de ensino de Anatomia, dois mestres, dois verdadeiros artistas da dissecação anatômica: os professores Audemario Guimarães e Aldemiro José Brochado. Eu esperava um novo patamar, uma diferença qualitativa entre o ensino secundário e o superior, mas a metodologia era a mesma, sem nenhum estímulo à participação ativa do estudante. Nas aulas e para as provas, os alunos não faziam outra coisa senão memorizar o que estava nos livros de textos franceses – predominavam o tratado de Testut para a Anatomia e o compêndio de Prennant para a Histologia. Nada mais inútil, mais chato, mais desmotivador, mais atrasado. Nos anos seguintes, ouvíamos algumas aulas teóricas que chegavam a ser brilhantes, como as dos professores Aristides Novis e Edgard Pires da Veiga, e os livros de textos eram menos áridos do que os das ciências morfológicas do 1º ano. Mas, continuava o aluno a assistir passivamente às aulas, o que tornava o estudo igualmente desinteressante do ponto de vista da formação do raciocínio científico do futuro médico. Nos laboratórios das várias cátedras, ressalvadas algumas exceções, as

atividades se limitavam à realização de práticas para estudantes. A não ser esporadicamente, quando algum dos assistentes se preparava para o concurso de docência livre, não havia qualquer linha de pesquisa em curso nesses laboratórios. Por isto, digo que não havia diferença entre o processo ensino-aprendizagem ao nível secundário, como era então praticado, e nos primeiros anos do curso superior.

Estávamos em plena Segunda Guerra Mundial. O Brasil e a Bahia tinham vivido, até o início da guerra, sob forte influência cultural francesa. E a França, entre os dois grandes conflitos deste século, não havia primado por grande produção científica na área médica. Começada a Segunda Guerra, os nossos laços com as fontes culturais européias se romperam totalmente e entramos em período de completa estagnação na área biomédica. Mais tarde, logo depois de formado, quando fui para os Estados Unidos, pude avaliar ainda melhor as razões do meu desencanto. Na verdade, toda a informação que me foi transmitida nas aulas das disciplinas pré-clínicas estava superada e valeu pouco para minha formação técnica, profissional e cultural, uma vez que o processo ensino-aprendizado era totalmente obsoleto.

Do 4º ano em diante, os trabalhos práticos se transferiam dos laboratórios anacrônicos do prédio do Terreiro, para as enfermarias tão ou mais obsoletas do Hospital Santa Isabel. Mas, nesta parte do curso, vários professores eram atualizados e viviam, na vida profissional, a disciplina que lecionavam. Havia o que aprender de forma viva e tínhamos com que nos preparar para as práticas da Medicina, apesar das limitações oriundas das paupérrimas instalações hospitalares. Literalmente, não havia enfermagem no velho Hospital Santa Isabel. Os poucos exames laboratoriais que conseguimos, eram realizados sob condições muito precárias. A terapêutica se limitava ao que nós, estudantes, podíamos ministrar no período da manhã, porque à tarde e à noite havia, nas enfermarias, tão somente alguns doentes mais antigos para cuidarem de outros doentes. A permanência dos pacientes era muito mais prolongada do que justificava a sua enfermidade. Num dos pavilhões do Hospital da Santa Casa, funcionava em moldes mo-

denos um ambulatório de Cardiologia, dirigido pelo prof. Adriano Pondé, onde trabalhavam entre outros competentes colegas, o jovem médico dr. José Moreira Ferreira, de quem aprendi os rudimentos da Propedêutica Médica.

No último ano do curso, em 1949, entraram em funcionamento as primeiras quatro enfermarias e os principais serviços auxiliares do Hospital das Clínicas. Duas das quatro enfermarias correspondiam a disciplinas do 6º ano. Era imensa a distância entre o ambiente do Santa Isabel e o do novo Hospital das Clínicas. Não apenas porque o novo hospital fosse novo e bem equipado, mas, sobretudo, porque as suas instalações e a sua organização haviam sido orientadas por Edgard Santos, com sentido verdadeiramente revolucionário diante do que existia em todo o Nordeste brasileiro. Àquele tempo, somente dois hospitais gerais de grande porte existiam no Brasil, funcionando conforme os modernos princípios da organização hospitalar: o Hospital das Clínicas de São Paulo e o Hospital dos Servidores do Estado, no Rio de Janeiro, ambos inaugurados pouquíssimo tempo antes do nosso Hospital das Clínicas. Era esse último o único a pertencer à rede federal de ensino superior.

Nos primeiros tempos de funcionamento desse hospital, que hoje leva o nome do meu pai, trabalhei como estudante, durante todo o ano de 1949 e, recém-formado, durante os primeiros meses de 1950. Preparava-me, então, para a primeira viagem aos Estados Unidos, onde aperfeiçoei a minha formação médica e alarguei os horizontes culturais. Saí da Bahia em julho de 1950, e somente voltei em abril de 53.

O melhor espírito científico do corpo docente da Faculdade, ao tempo em que fiz o curso, foi o de João José de Almeida Seabra, professor de Clínica Propedêutica Cirúrgica. Houvesse ele freqüentado ambiente mais propício à pesquisa, sem dúvida teria realizado trabalho original de grande expressão. Era, além disso, excelente didata. Nas condições da sua época, embora tivesse grande dedicação à Faculdade, encontrou dificuldades de toda espécie. Começou pretendendo ser microbiologista, talvez por ter encontrado apoio sincero na respectiva cátedra, então chefiada

pelo prof. Eduardo Araújo. Ao fim de pouco tempo, passou a dedicar-se à Anatomia. Os trabalhos nessa área lhe serviram de fundamento para a carreira de cirurgião, que culminou pela indicação, mediante concurso, para a cátedra de Clínica Propedêutica Cirúrgica.

Entre os demais professores do meu tempo de aluno, cabe destacar os esforços de Adriano Pondé, na realização de pesquisa clínica. Estava em voga a eletrocardiografia, impulsionada pelos recentes trabalhos de Frank Wilson, que deram ao método uma base científica; e mereciam atenção especial, pelo Brasil afora, os trabalhos sobre a doença de Chagas. Mesmo nas condições extremamente precárias do Hospital Santa Isabel, Adriano conseguiu realizar uma série de observações clínicas de real interesse e, com isso, estimulou a colaboração de estudantes e de jovens médicos, entre os quais me incluo. A Cardiologia foi a primeira especialidade, dentro da Medicina Interna, a desenvolver-se no Brasil no tocante à pesquisa clínica, o que veio a ocorrer quando eu já completara a minha fase de estudante.

Se deixarmos à margem a preocupação com a pesquisa, e nos detivermos nas tarefas universitárias ligadas à formação profissional, consideradas na época suficientes para o cumprimento da missão universitária, foram vários os professores de clínica, experientes nas respectivas especialidades, que lograram transmitir conhecimentos úteis aos futuros médicos da minha turma. Destaco, entre eles, os titulares Rodrigo Argolo, Hosanah de Oliveira, César Araújo, José Olímpio da Silva, Carlos Moraes, Heitor Marback.

Quero acentuar que esses comentários se aplicam ao ensino e aos professores da época em que fui aluno. Mais tarde, entre os meus colegas de Congregação, convivi com vários outros, de elevada categoria profissional, sobre os quais terei oportunidade de me estender oportunamente.

Ao longo de muitas décadas, manteve-se na Faculdade de Medicina a praxe de designar, anualmente, um professor para redigir a memória histórica concernente àquele ano. Muitos desses documentos se perderam. Alguns deles, talvez, nem tenham chegado a ser redigidos, uma vez que a

designação passara a ser mera formalidade, baseada em dispositivo regimental, e ninguém ousava cobrar o cumprimento de qualquer tarefa, de qualquer dos catedráticos daqueles tempos. Umhas poucas dentre as memórias, contudo, foram divulgadas e continuaram citadas muitos anos depois de sua elaboração. Em 1992, a Universidade Federal da Bahia reeditou a referente ao ano de 1942, de autoria do professor de Cirurgia, Eduardo de Sá Oliveira. Nesse cuidadoso trabalho, encontram-se extensas transcrições de memórias mais antigas, desde a do prof. Malaquias Álvares dos Santos, relativa ao ano de 1854, às de Antonio Cerqueira Pinto (1864), Antonio Pacífico Pereira (1882), Anselmo da Fonseca (1891) e Gonçalo Moniz (1924). Sucessivas referências à qualidade do ensino, nas diferentes épocas, dão idéia de que as queixas vinham de muito tempo e incidiam sobre questões diversas das que nos ocupam nos nossos dias.

Os três primeiros anos do curso médico de Edgard Santos, entre 1912 e 1914, não devem ter sido muito diferentes do que encontrei, de 1944 a 1946. Em alguns laboratórios das disciplinas pré-profissionais, ao meu tempo, havia muito equipamento ainda do início do século XX. As aulas práticas, na sua maioria, diziam respeito a fenômenos descritos há muitas décadas. A metodologia de ensino, copiada dos franceses, não tinha evoluído nos anos transcorridos de 1912 a 1944. Não existia nenhum propósito de integração entre as disciplinas pré-profissionais e as clínicas. O ensino da Medicina Coletiva era, praticamente, nulo. No ensino das clínicas, entretanto, mesmo das disciplinas que ainda cursei no Hospital Santa Isabel, acredito que houvesse maior objetividade nas aulas por mim freqüentadas, do que ao tempo dos estudos do meu pai. Digo isso em virtude de testemunhos que me chegaram, ao longo do tempo, sobre o desempenho didático de alguns professores no início do século, em comparação com as aulas do meu tempo. E, mais ainda, em virtude de consultas que tenho feito a teses de doutoramento versando assuntos clínicos, dentre aquelas que eram obrigatórias, até 1930, à colação do grau.

A grande linha divisória nas oportunidades de formação médica, na Bahia, foi, sem dúvida alguma, o Hospital Professor Edgard Santos, que começou a funcionar no meu último ano do curso médico (1949).

* * *

Enquanto Edgard, recém-formado, se dirigiu a São Paulo e, subseqüentemente, à França e à Alemanha, o meu roteiro de pós-graduação, 33 anos mais tarde, foi em direção aos Estados Unidos. A Segunda Guerra Mundial havia terminado cinco anos antes da minha primeira chegada a Nova York. Durante esse período, no plano exterior, os Estados Unidos se tinham preocupado, sobretudo, com a reconstrução da Europa, onde o Plano Marshall estava sendo um grande sucesso. Em seguida, e de modo muito mais modesto, voltaram as vistas para o restante do continente americano. A Fundação W.K. Kellogg, sediada no Estado de Michigan, visitara a Bahia, pela primeira vez depois da guerra, em 1948. Era eu estudante da 5ª (penúltima) série, lia fluentemente o inglês e conseguia, com esforço, sustentar uma conversa na mesma língua. O seu representante, o dr. Benjamin Horning, que se tornou um grande amigo nosso, veio à Bahia recomendado ao meu pai, então diretor da Faculdade de Medicina. Essa Fundação se relacionava há mais tempo com a América Latina, no campo específico do combate à cegueira. E havia atribuído umas poucas bolsas a jovens médicos brasileiros, no campo da Oftalmologia. Trazia o dr. Horning, em 1948, uma nova missão: a de oferecer bolsas para o preparo de prováveis futuros professores de Medicina, nas mais diferentes especialidades. No ano seguinte, o da minha formatura, fui novamente entrevistado e, em 1950, segui para os Estados Unidos.

Não tenho por que negar o meu deslumbramento ao ali chegar. Do ponto de vista médico, o que se praticava nos hospitais universitários diferia, fundamentalmente, do que eu conhecera entre nós, e de muito superava o que eu imaginara encontrar. É claro que o Hospital das Clínicas, em início de funcionamento, me dera uma primeira idéia do que fosse um

hospital moderno, mas, quando saí da Bahia, estava ele apenas começando a funcionar, de modo gradual. De outra parte, a leitura de artigos de revistas médicas do Primeiro Mundo oferecia uma pálida noção do que ali se praticava. Distanciavam-se os clínicos norte-americanos dos nossos, sobretudo, pela fundamentação do raciocínio clínico em conhecimentos aprofundados da moderna Fisiologia e da Bioquímica, o que me deixava entusiasmado. Esta concepção da Medicina Clínica, já amadurecida nos ambientes hospitalares universitários dos Estados Unidos do pós-guerra, foi brilhantemente consubstanciada no livro de texto coordenado por Tinsley Harrison, outra importante descoberta que fiz ao ali chegar. Senti que tinha de refazer o curso médico, pela leitura cuidadosa, em textos modernos, desde os referentes às disciplinas pré-clínicas, de tudo o que não havia chegado a aprender no Brasil. De fato, estivéramos culturalmente isolados na década de 1940, devido à Segunda Guerra Mundial. Trabalhei com o maior afinho, estudei, incansavelmente, com verdadeira ânsia de renovar e ampliar o pouco que sabia. Não queria perder qualquer oportunidade, mínima que fosse, de acompanhar os professores que, diante dos seus pacientes, revelavam muito maior solidez de conhecimentos das bases científicas da Medicina do que a maior parte dos que eu conhecera até então. E ainda se dizia, entre nós, naquela época, que os americanos eram “pouco inteligentes” e que não eram bons clínicos, que lhes faltava a base humanística, o lastro cultural e o espírito crítico que sobrava entre nós, latinos. Tinham eles, na verdade, maior desembaraço que a maioria dentre os nossos, no lastro científico do raciocínio clínico.

Mas, não foi só na área médica, em Nova York de 1950, que eu descobri um Novo Mundo. À noite, nos dias úteis, e durante os sábados, domingos e feriados, não me cansava de ir a concertos, exposições de artes plásticas, museus, conferências, espetáculos de teatro e clubes noturnos, quase sempre para assistir a eventos da mais alta categoria.

Estive em Nova York de julho de 1950 a março de 51. Sempre que pude, para o resto da vida, voltei àquela cidade. A Universidade de Cornell, mantinha, então, um programa para médicos estrangeiros, com

oportunidade de trabalhos de enfermagem no Hospital Bellevue e acesso a sessões clínicas de discussão de casos, no New York Hospital e no Memorial Hospital. Nos horários de trabalho, eu transitava diariamente no lado leste da cidade, pelos ônibus da 1ª Avenida, entre as ruas 20 e 70. O edifício das Nações Unidas, na rua 42 e adjacências, estava em construção, e a vizinhança dessa área ainda não havia passado pela renovação urbana ocorrida nos anos subseqüentes.

Cheguei a Nova York cerca de uma semana antes da data prevista para a minha apresentação ao serviço hospitalar onde cumpriria a primeira parte da bolsa de estudos. Hospedara-me no velho Hotel Lexington, na esquina da avenida do mesmo nome com as ruas 47 ou 48. Os preços, naquela época, eram módicos. Creio que nenhum bem ou serviço subiu tanto de preço, pelo mundo afora, nas últimas quatro décadas, quanto a hospedagem em hotéis de algum conforto. Sem ser luxuoso, o Lexington era muito bem situado, a poucas quadras da estação Grand Central e do mais dinâmico centro comercial do mundo.

Depois de andar a pé durante quatro ou cinco dias, descobrindo os aspectos externos da metrópole, era chegada a hora de comparecer à Divisão do Hospital Bellevue, o maior dos hospitais da municipalidade de Nova York, vinculada à Universidade de Cornell. Ia apresentar-me ao prof. E. Hugh Luckey, chefe da Divisão, que veio a tornar-se meu amigo durante mais de quarenta anos, até o seu recente falecimento. Imaginava eu que o prof. Luckey, pelo prestígio acadêmico alcançado tão precocemente, em carreira meteórica, fosse personalidade universalmente conhecida na instituição. O pátio, situado em frente à entrada principal do enorme conjunto de edifícios, fervilhava de gente. À distância, enxerguei um quiosque com o rótulo de “informações”. Nele se encontravam três ou quatro policiais com o ar super-ocupado que têm todos os habitantes daquela cidade, e que eram os encarregados de orientar o tráfego de muitos milhares de pessoas que circulam diariamente pelo Bellevue. Dirigi-me a um deles, com o meu inglês aprendido em salas de aulas e, simploriamente, perguntei aonde dirigir-me a fim de encontrar o prof.

Luckey. Para total surpresa minha, o policial respondeu, com o forte sotaque irlandês que eu ainda não sabia identificar: “O cidadão que o senhor procura deve ser pessoa muito importante. Mas, eu não tenho a menor idéia de onde poderá ser localizado”. Caí das nuvens. Era um dos primeiros exemplos de choque cultural a que eu teria de sobreviver. Imaginei uma resposta destas dada na porta do nosso Hospital das Clínicas, a alguém que, vindo de longe, procurasse por um dos nossos ilustres professores ou chefes de serviço. Logo esclareci que buscava a 2ª Divisão, a da Universidade de Cornell, e tive a indicação que procurava.

Nos seis meses de trabalho no Bellevue, convivi com dois aspectos particulares do feitio cosmopolita da cidade: a clientela do hospital e os meus companheiros de estágio.

O enorme hospital, naquele ano de 1950, ocupava construções antigas, que tinham, à primeira vista, forte semelhança com os hospitais das Santas Casas das velhas capitais brasileiras. Muitos anos mais tarde, foram aquelas edificações substituídas por outras, de aspecto moderníssimo. Porém, a exemplo do que ocorre em tantos outros hospitais do Primeiro Mundo, de histórica tradição, muitos espaços cercados pelas paredes antigas haviam sido transformados em modernos e sofisticados laboratórios, como ocorria com o serviço de cateterismo cardíaco, em pleno apogeu, sob a sábia direção do prof. André Cournand. As alas modernizadas conviviam, entretanto, com vastas enfermarias, de 30 a 40 leitos, estas, sim, ao estilo dos nossos hospitais de Santa Casa, e que abrigavam, predominantemente, pacientes que migraram para os Estados Unidos algumas décadas antes, e haviam sido tragados pelas dificuldades da sobrevivência na grande metrópole. Na maioria, eram de origem centro-européia ou irlandesa. Os hispano-americanos apenas começavam a chegar aos Estados Unidos, em grande número, e eram ainda escassos nessa clientela. Dos de remota origem africana, somente se encontravam os casos clínicos mais complicados, transferidos dos hospitais do Harlem em busca de serviços mais especializados. O inglês falado pelos nossos pacientes era de compreensão difícil para nós. E vice-versa, tinham eles dificul-

dade em entender o nosso inglês. Mas, a barreira da linguagem tinha de ser superada a fim de colhermos a história médica e estabelecermos bom relacionamento médico-paciente, o que nos forçou a alcançar, com rapidez, a indispensável familiaridade com o inglês coloquial.

Igualmente cosmopolita era o grupo de médicos recém-formados que acompanhava o mesmo estágio de adaptação aos métodos da medicina norte-americana, antes de nos dirigirmos a outros hospitais universitários, onde cumpriríamos a maior parte das nossas bolsas de estudos. Além de outros latino-americanos de seis países, havia um norueguês, um japonês, um turco, um canadense, um tailandês. Todos entusiasmados com as descobertas que fazíamos a cada dia, tanto discutíamos a vida em Nova York, como conversávamos sobre os problemas dos nossos países de origem. Vários deles eu tornei a encontrar, tempos depois, em congressos ou nas respectivas faculdades.

A etapa seguinte da minha bolsa foi cumprida no hospital da Universidade de Michigan, em Ann Arbor, onde residi durante ano e meio. A pequena cidade universitária tinha, então, cerca de 40.000 habitantes, dos quais 21.000 eram estudantes. O contraste com Nova York era notório, em praticamente todos os sentidos. Predominavam, em Ann Arbor, professores e estudantes do Centro-Oeste americano, gente completamente diversa dos da Costa Leste. Não havia aqui a sofisticação, o toque internacional próprios de Nova York. Os professores, por mais brilhantes, por mais famosos, tinham quase sempre um ar de modéstia, uma cortesia inata, uma preocupação em não chamar a atenção, um jeito provinciano que os tornava ainda mais simpáticos. Pude, então, trabalhar em silêncio, e continuar suprindo as deficiências da minha formação médica. Novamente, estudei e trabalhei até onde iam as minhas forças. Cumpria tarefas de residente no hospital da Universidade de Michigan, em rodízio pelas diferentes especialidades da Clínica Médica. A densidade dos conhecimentos, a organização do raciocínio, o respeito aos pacientes, a disposição para o trabalho, o elevadíssimo senso de responsabilidade, revelados por todo o pessoal, me deixavam contagiado. A concepção

de currículo médico era substancialmente diferente da nossa e muito melhor. Eram os meus contatos limitados ao exercício profissional em meio universitário. Mas, a própria organização da assistência à saúde ensejava muita informação sobre o que se passava, na profissão, fora desse ambiente. Não restava dúvida de que, às custas de muito dinheiro, muita competição, maior respeito pelos cidadãos usuários dos serviços, e de uma disciplina intelectual muito rigorosa, o sistema funcionava, no seu conjunto, muitíssimo melhor que o nosso.

Não era essa a impressão que, naquela época, à distância, predominava entre nós. Os Estados Unidos ensaiavam os primeiros passos no papel de liderança mundial que havia recaído sobre o seu povo, em virtude da vitória militar alcançada contra o nazi-fascismo. As dificuldades que a Europa atravessava abriram espaço para a crescente presença norte-americana nos campos técnico-científico, industrial, comercial e cultural. Em países como o nosso, onde por muitas décadas predominara a influência européia, especialmente a francesa, havia resistência à nova situação. Existia, mesmo, um preconceito contra a cultura americana, aliado ao saudosismo pela interrupção das fontes européias no intercâmbio das idéias.

Nos primeiros dois a três meses de permanência em Ann Arbor, morei em modesta hospedaria próxima ao hospital. A maior parte da clientela da mesma pensão se constituía de pacientes ambulatorios, que vinham de áreas vizinhas para submeter-se a procedimentos diagnósticos ou terapêuticos que não exigiam internamento. Mudei-me, depois, para um apartamento muito próximo ao hospital, num pequeno prédio quase totalmente ocupado por médicos e enfermeiras.

Além do convívio no trabalho, durante um ano e meio partilhei a vida social dos residentes e jovens instrutores de Medicina da Universidade de Michigan. Conheci, a fundo, suas qualidades e limitações. Fiz bons amigos e boas amigas, com alguns dos quais tenho me correspondido ao longo de quatro décadas. O regime de trabalho era intensíssimo, e as oportunidades de aprendizado, excelentes. Além da esplêndida categoria do atendimento rotineiro aos pacientes, havia no Departamento vários

bons pesquisadores, dos quais os mais famosos eram os cardiologistas Frank Wilson e Franklin Johnston, e o endocrinologista Jerome Conn. O chefe do Departamento, o hematologista Cyrus Sturgis, além de ótimo clínico, desempenhava muito bem o papel de liderança que lhe era afeto.

Cumprido o meu período em Ann Arbour, e ainda com bolsa da Fundação Kellogg, fui para o Massachusetts General Hospital, vinculado à Universidade de Harvard, na condição de “Clinical and Research Fellow”, o que significava tarefas completamente diversas das que me tinham ocupado até então. O hospital, da mesma forma como outros igualmente situados em Boston, reunia alguns dos pesquisadores mais produtivos da área médica, num ambiente muito competitivo e de enorme efervescência quanto a oportunidades de aprendizado. O meu chefe, o prof. Alexander Leaf, estava começando um novo laboratório de pesquisa clínica, no campo do metabolismo hidromineral, em franca expansão. Até assumir essa responsabilidade, o dr. Leaf havia integrado o respeitabilíssimo grupo de Fuller Albright, no mesmo hospital, responsável pela realização de admiráveis pesquisas relativas ao metabolismo de cálcio e fósforo, com estudos de balanço metabólico.

Nas fases anteriores da minha bolsa, estava eu enquadrado num intensíssimo programa de rotina clínica, com papéis e atribuições muito exigentes, bem definidos e que ocupavam todo o tempo. Na nova função, a de aprendiz de pesquisador, a atitude era completamente diversa. Ouvi então uma pequena estória, que repeti, mais tarde, para inúmeros auxiliares meus: dizia o dr. Leaf que, ao iniciar-se no laboratório de pesquisa do dr. Newburgh, num momento em que se sentiu desocupado, perguntou ao chefe o que deveria fazer, como deveria ocupar seu tempo. E ouvi a seguinte resposta: “Se eu soubesse o que você deveria fazer, eu já o teria feito antes. Se você quer ser pesquisador, trace o seu programa, e trate de cumpri-lo”.

As três fases dos meus estudos nos Estados Unidos, respectivamente vividas em Nova York, Ann Arbour e Boston, tiveram características completamente diversas umas das outras. Também diferiam muito entre si, as

idades e as universidades que freqüentei. Cada fase do programa de estudos tinha objetivos próprios, assim como pontos positivos e negativos. Se alguma das fases sobrepujou as demais, na marca profunda e duradoura que deixaram em minha formação, sem dúvida a cidade de Boston, a Universidade de Harvard e o Massachusetts General Hospital ocupam essa posição. Conheci de perto e convivi com as fontes de inspiração da pesquisa médico-científica, com a correta formulação das questões ainda não respondidas e de como conceber a busca das respostas, com as dúvidas e as incertezas na interpretação dos fatos colhidos pela observação de pacientes e nas experiências *in anima vili*. Apreendi o ceticismo com que se encaram as supostas verdades aceitas e cristalizadas ao longo do tempo, até mesmo as admitidas em livros de texto de curso universal que servem de base para a formação profissional. Compartilhei o culto da busca da verdade e a ansiedade com que se procuram novos caminhos, na inesgotável faina de melhor conhecer o Homem a fim de melhor preservar e restaurar a sua saúde. Tácita ou explicitamente, essas passaram a ser as pautas de referência, nas inevitáveis comparações que as circunstâncias da vida me levaram a fazer.

Nessa minha primeira oportunidade de participar de pesquisa científica, pude sentir, acima de tudo, a significação dos princípios éticos inerentes ao processo. Como nada, no referente a conhecimento científico, pode ser considerado verdade absoluta; como toda e qualquer noção científica perdura enquanto resiste aos desafios; importavam, em primeira instância, os fatos, como os observamos, com isenção e com a preocupação do registro exato, preciso e verdadeiro. Os propósitos de verdade e de precisão acabam virando uma segunda natureza. E quem foge deles em algum momento, pode alcançar sucesso aparente e imediato, para logo se estragar, sem demora e sem caminho de volta. Também me foi dado avaliar em que extensão a vida moderna, sob todos os seus aspectos, está envolvida com as múltiplas aplicações do método científico, nos países mais desenvolvidos. Chega-se, mesmo, a identificar, no mundo moderno, uma correlação entre a qualidade de vida de diferentes povos, e o

grau de compreensão, por parte dos vários segmentos da população, das aplicações do método científico ao quotidiano de cada cidadão. Esta foi a minha leitura do tipo de ambiente em que vivi, em Boston do começo da década de 1950. E que deixou tão forte impressão que jamais a esqueci, mesmo quando essas atitudes não ajudaram o meu perfeito ajustamento aos métodos e processos aceitos na sociedade que integro.

Depois da permanência em Boston entre setembro de 1952 e abril de 53, era hora de voltar para casa e para o hospital da minha Universidade, preparado para assumir novos encargos e maiores responsabilidades.

Edgard: a Reitoria da Universidade – 1946 a 1961

No decorrer dos anos 1940, o progresso na construção do Hospital das Clínicas continuava contribuindo para o crescente prestígio de Edgard na Bahia. Cada três anos, ocorria nova eleição para a Diretoria da Faculdade, com a formação de listas tríplexes em que, no primeiro escrutínio, figurava o seu nome com grande maioria de votos. Era o período da Segunda Guerra Mundial, quando foram interrompidos os laços culturais que o Brasil tradicionalmente mantinha com a Europa. A nossa Medicina não se renovava. A Bahia permanecia em estagnação econômica, após breve impulso de progresso no meio da década de 30, promovido pelo primeiro governo de Juracy Magalhães.

Com o desastre de Hitler ao tentar conquistar a União Soviética, e a entrada dos Estados Unidos na guerra contra o nazi-fascismo, foi se desenhando com maior clareza a perspectiva de vitória das forças demo-

cráticas. Tornou-se, então, insustentável, a sobrevivência do chamado “Estado Novo” no nosso país. Políticos que haviam sido colocados no ostracismo, intensificaram os entendimentos visando a redemocratização do Brasil. Deposto Getúlio, o novo Congresso elaborou a Constituição de 1946 e foi eleito presidente da República o general Eurico Dutra. Para o Ministério de Educação e Saúde foi escolhido o velho amigo da Bahia e de Edgard, o prof. Ernesto de Souza Campos. Logo Edgard se pôs em campo, ao pressentir a oportunidade propícia à criação da Universidade da Bahia.

Datavam de séculos anteriores as primeiras tentativas de criação de uma Universidade em nossa terra. Os historiadores se referem a esforços iniciados ainda no século XVI, e continuados ao longo de décadas, no intuito de outorgar-se *status* de grau universitário, equiparado ao de Coimbra, ao diploma recebido pelos que completavam os estudos no Colégio dos Jesuítas de Salvador. Embora ficasse demonstrado que a qualidade do ensino aqui efetuado justificava esta pretensão, a Metrópole jamais aquiesceu. Enquanto nas colônias espanholas das Américas, se criavam várias universidades desde os primeiros tempos da ocupação, no Brasil, nada pôde existir em matéria de ensino superior até 1808. E somente na década de 1930, por incrível que pareça, vieram a funcionar as primeiras dessas instituições – as universidades do Distrito Federal, sob a orientação de Anísio Teixeira, e de São Paulo, por inspiração de Armando de Sales Oliveira.

O ensino superior no Brasil sofreu de um pecado original, de consequências que ainda não se esgotaram. São bem conhecidas as transformações que o Brasil viveu, em virtude da transmigração da família real portuguesa, da Metrópole para a mais importante colônia. O Príncipe Regente, d. João, tendo aportado na Bahia, no começo de 1808, promoveu a criação de uma Academia Militar Médico-cirúrgica, precursora da atual Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia. Foi ela a primeira instituição de ensino superior em todo o País. Ao fim de poucos dias de permanência em Salvador, o Príncipe se deslocou para o Rio de

Janeiro, para onde havia sido transferida a Capital da Colônia havia apenas pouco mais de quarenta anos, em 1763. Reunido ao resto da família e à corte, d. João fez criar, antes do fim de 1808, outra academia, que seria a precursora da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em moldes semelhantes à instalada, cerca de oito meses antes, na Bahia. Poucos anos depois, criavam-se os cursos de Direito, em Pernambuco e em São Paulo. Definia-se, desta forma, o modelo que dominou o ensino superior no País durante mais de 120 anos, e ainda hoje repercute. As origens das nossas universidades deixaram marca permanente no sentido pragmático e imediatista de que se reveste a formação profissional, limitada, em geral, à transmissão de conhecimentos e habilidades inerentes a determinada profissão, e despojada dos benefícios que o aluno encontra na maioria das universidades dos países avançados, onde são mais presentes a investigação científica e os estudos clássicos. Desde princípio, no nosso ensino superior, os setores básicos do conhecimento (Matemática, Física, Química, Ciências Humanas, Letras) aparecem com propósito meramente ancilar, como preparatórios para o objetivo institucional, de formar profissionais da Medicina, do Direito, da Engenharia e demais atividades liberais que exigem educação superior. Somente na década de 1930, com imenso atraso, se iniciou, aliado ao nosso ensino superior, o cultivo das ciências e das letras pela importância intrínseca que têm para a vida de um povo. Durante o Império, houve tentativas de criação de universidades, logo rechaçadas no Parlamento pelo prestígio das grandes escolas profissionais. Bem no início do século XX criaram-se, no papel, universidades que não chegaram a materializar-se. Estes fatos históricos foram contribuindo para o fatal atraso com que muitas lideranças nacionais vieram a criar consciência de que o ensino superior precisa estar intimamente vinculado à pesquisa científica e à formação de pesquisadores, em especial no referente aos ramos básicos do conhecimento, com proveito recíproco para estas duas missões das universidades. Ressalvadas umas poucas exceções mais antigas, foi somente nos últimos setenta anos que se desencadeou no Brasil o exercício sistemático e institucional

da pesquisa, como responsabilidade precípua das universidades. E, ainda hoje, é muito reduzida a parcela da população brasileira que reconhece e identifica o verdadeiro significado da pesquisa científica como responsabilidade inerente ao próprio conceito de universidade, a ponto de aceitá-lo como fator que deve condicionar a estrutura dessas instituições.

Esta síntese da evolução do ensino superior no Brasil serve como preâmbulo à exata percepção do papel desempenhado por Edgard Santos na criação da Universidade Federal da Bahia. Era ele, em 1945, há quase dez anos, o diretor da principal unidade de ensino superior em nossa terra. Foi muito variada a reação das várias escolas superiores existentes na Bahia, à criação da Universidade. De modo geral, as escolas menos dotadas entusiasmaram-se pela idéia. Viam nela o caminho para a ascensão, para a participação em projeto maior, na associação com unidades mais prestigiosas. Por via de conseqüência, esperavam a melhoria do *status* dos professores e recursos mais abundantes para o desempenho das suas responsabilidades. Haviam, contudo, segmentos das faculdades de maior tradição, como as de Medicina, de Direito e a Politécnica, que mostravam reservas ao projeto. As mesmas reservas que apareceram em debates no Parlamento do tempo do Império, quando a influência das poucas faculdades de renome no País impediu a tentativa de criação de universidades. Esta resistência, muito forte desde o começo, só lentamente foi diminuindo, e ainda não desapareceu de todo, por incrível que pareça.

A verdade é que, no começo, poucos entre os brasileiros alcançavam o verdadeiro sentido da transformação em uma universidade, do conjunto das nossas escolas profissionais. Na percepção da maioria, estavam em jogo, apenas o prestígio e os possíveis benefícios materiais que resultariam da mudança. Para a maioria dos professores e alunos continuava importando, tão somente, como tarefa da responsabilidade dessas instituições – a formação de profissionais. Não hesito em ser repetitivo quando se trata deste assunto, tão grande tem sido o prejuízo dele advindo para o desenvolvimento cultural do Brasil.

Não era esta a visão de Edgard Santos, nem a do ministro Souza Campos. Tinham eles bem presente a idéia de que a Universidade devia ser muito mais que o conjunto de escolas que a formariam, inicialmente. Era necessário projetá-la mais na sua dimensão cultural, o que nas condições baianas, dentro de pouco tempo e sob a liderança de Edgard, veio a traduzir-se predominantemente no aperfeiçoamento do talento artístico da nossa gente.

O trabalho inicial foi muito árduo e, essencialmente, administrativo. Escolas de larga tradição de isolamento, habituadas a decidir internamente todos os problemas, passaram a conviver, a ter de adaptar-se umas às outras, a decidir conjuntamente, a adotar normas comuns de gestão orçamentária, a resolver solidariamente problemas disciplinares e assuntos relativos ao pessoal, à aquisição de equipamentos de maior porte, aos processos de admissão de alunos e de formação e seleção de professores, à ênfase na pesquisa e na extensão. Mais tarde, em outra etapa, cuidou-se da maior integração dos trabalhos acadêmicos entre as várias unidades universitárias. Foi a chamada “Reestruturação das Universidades Brasileiras” da metade final da década de 1960.

No desempenho da tarefa de liderança a ele atribuída, firmou-se ainda mais o conceito de Edgard Santos junto à comunidade baiana e aos órgãos federais da área da Educação. No Conselho Universitário, era alvo de sucessivas demonstrações de apoio e de aplausos. Existiam, é claro, em diferentes unidades, forças reduzidas de oposição ao seu estilo. E na sua própria Faculdade de origem, encontravam-se desafetos que persistiam em fazer-lhe oposição, de forma sistemática e pouco construtiva.

Nos primeiros anos da Universidade, foi a Bahia muito beneficiada pela presença de um baiano ilustre à frente do Ministério da Educação e Saúde, o prof. Clemente Mariani. Professor da Faculdade de Direito, um dos políticos mais inteligentes e mais cultos da nossa história, foi Clemente Mariani altamente prestigiado pelo presidente Dutra, e ofereceu decidido apoio à gestão do meu pai nos anos de formação, do começo de vida da Universidade.

Insisto, não foi fácil. O sucesso do reitor dependeu, em grande parte, das qualidades inatas de negociador. E resultou, igualmente, da autoridade que lhe conferia a notória melhoria das condições de trabalho na instituição sob a sua responsabilidade! A aquisição de novos espaços, por compra e construção; a ampliação do equipamento à disposição de professores e alunos; a constante elevação do *status* do pessoal docente e administrativo, pela transformação de unidades privadas, de precaríssimas condições financeiras, em entidades “federalizadas”, com as regalias que tinha, então, o funcionalismo público federal; tudo isso revelava competência do reitor, prestígio perante as mais altas autoridades do País e crescente apoio dos que integravam a comunidade universitária.

Quando das comemorações do 25º aniversário da Universidade, em 1971, o Departamento Cultural fez publicar uma coletânea de pronunciamentos de Edgard em solenidades universitárias. O volume recebeu o título “Afirmações e Testemunhos” e foi prefaciado pelo professor Hélio Simões. Transcrevo algumas frases do prefácio àquele volume, porque traduzem, com muita exatidão e veracidade, aspectos importantes da personalidade do fundador da Universidade Federal da Bahia.

Edgard Santos, avesso por temperamento e formação aos reclamos da publicidade, só excepcionalmente fez ou deixou ir a lume as palavras que proferiu. Nem mesmo arquivou convenientemente os seus papéis. Viveu com demasiada intensidade e dedicação ao seu tempo para que lhe sobrassem vagares para se ocupar com a projeção da sua própria imagem no futuro. Nunca se preocupou com a glória. Nem a cortejou em vida, nem creio que visionasse como recompensa póstuma. No largo período em que o acompanhei – e de tão perto! – pude testemunhar, não direi a indiferença, porque, generoso e justo, era sensível à generosidade e à justiça, mas a tranqüilidade quase cética com que recebia as homenagens. E somente aquelas que não podia recusar. Era essencialmente um criador que se realizava na própria criação. Coerente com esta atitude psicológica, objetivava no que dizia as afirmações imediatas. A história é que lhe vem agora recolher os testemunhos.

Por isso mesmo não publicou, nem sequer terá conservado os originais de muitos dos seus discursos. De vários lembro-me eu, e alguns deles, vejo agora, de fundamental importância para a história da sua larga e benemérita gestão reitoral, de que não foi possível encontrar o texto. Não direi que foram palavras que o vento levou porque é certo que ou deram conta ou abriram perspectivas de realizações que ficaram.

A marcante atuação de Edgard Santos nos campos da educação superior e da cultura, na Bahia das décadas de 1930, 40 e 50, concentrou-se, particularmente, nas seguintes realizações:

a) a criação da Universidade Federal da Bahia, por ele liderada, iniciada pela aglutinação de faculdades existentes em Salvador no meio da década de 1940, e continuada pela instalação de novos cursos e unidades, mediante os quais a instituição recém-criada estendeu suas responsabilidades de ensino, pesquisa e extensão a novos campos do saber e do fazer;

b) o feito nitidamente inovador da sua atividade no domínio das Artes, envolvendo a formação e o aperfeiçoamento de jovens artistas, o fomento à criação e o estímulo à apreciação crítica das diferentes manifestações artísticas, como fatores de aproximação entre a Universidade e a comunidade a que serve;

c) a profunda transformação por ele impressa às atividades hospitalares em nosso meio, resultante da implantação de dois hospitais de grande porte em Salvador – o do Pronto-socorro, depois Hospital Getúlio Vargas, e o das Clínicas, depois Hospital Universitário Professor Edgard Santos – projetados, equipados e organizados para funcionamento sob sua liderança em moldes radicalmente inovadores para o seu meio;

d) o constante empenho em oferecer assistência pessoal aos estudantes da Universidade, ao proporcionar residência, alimentação, viagens de caráter cultural, atenção à saúde e meios para aquisição de materiais de estudo. A assistência ao estudante, na sua gestão, adquiriu dimensão que diferenciava a Universidade Federal da Bahia das congêneres da época.

Diante dos propósitos do presente texto, descabido seria historiar a evolução de cada unidade, das que compõem a estrutura da Universidade. É este um estudo que começou a ser feito por historiadores profissionais, no âmbito da própria Universidade, impulsionado pela sensibilidade da reitora Eliane Azevedo e continuado pelo reitor Luiz Felipe Serpa. No presente depoimento, quero, apenas, recordar fatos que ilustram a personalidade do biografado, no trato com as unidades universitárias, sem a preocupação de esgotar o assunto.

A valorização da Enfermagem de nível superior foi uma das iniciativas mais precoces e mais bem sucedidas do reitor, ao estender as suas atividades para fora da Medicina, conquanto, ainda, na área da Saúde. Como cirurgião, como construtor, dirigente e organizador de hospitais, a exemplo do Pronto-socorro, do Sanatório Espanhol e do Hospital das Clínicas – sentia ele, de perto, a significação do problema em termos regionais. Sabia da necessidade da criação de uma escola modelar, que desse sentido novo e atraente à profissão de Enfermagem e que se impusesse perante a comunidade pelo preparo técnico e pelos padrões éticos dos corpos docente e discente. Enfrentou a questão atuando em vários campos: do ponto de vista dos recursos humanos, estabeleceu um convênio com a Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, onde foi buscar professoras de excelente qualificação, que serviram, simultaneamente, na implantação do curso em nível universitário na Bahia e na organização da Enfermagem do Hospital das Clínicas. E promoveu a articulação com as fundações Rockfeller e Kellogg, que propiciaram bolsas de estudos às futuras professoras da nossa escola. Do ponto de vista material, construiu um belo edifício, onde, além das instalações para o ensino, se oferecia, a princípio, possibilidade de moradia das alunas. Em poucos anos, a Enfermagem estava transformada na Bahia, com repercussões para o Nordeste e o restante do País. A Escola de Enfermagem foi, durante muito tempo, a melhor organizada das nossas unidades universitárias, pelo aproveitamento das alunas, pela excelência do currículo e das atividades didáticas e pelas atividades de extensão, envolvendo a

precoce adoção da integração docente-assistencial, tanto na atividade clínica como nas tarefas de preservação e promoção da saúde das coletividades. Cabe referência especial à colaboração de Nilza Garcia, de Haydée Dourado e, mais tarde, de Ivete Oliveira, nesta área de nítida preferência do reitor.

Foram enormes as dificuldades para implantar o moderno conceito de Enfermagem no nosso ambiente, a começar dos primeiros tempos do Hospital das Clínicas. Ressalvadas as exceções que sempre se encontram, a resistência maior provinha dos cirurgiões, em geral tendentes ao individualismo e resistentes a normas adotadas em comum para os diversos serviços de um hospital geral, mesmo quando firmadas com a sua participação. A praxe, nas salas de cirurgia, até então, era incompatível com a disciplina preestabelecida, e dependia, essencialmente, do arbítrio de cada operador, conforme os humores do momento. Nas enfermarias, a existência de uma equipe com papéis definidos, envolvendo o pessoal de Enfermagem, a dietista, a assistente social, o pessoal do arquivo médico e os que representavam os serviços complementares de laboratório, radiologia, eletrocardiografia e outros, constituía novidade em relação ao Hospital da Santa Casa e às clínicas privadas da época. Tudo isto gerou reações, descontentamentos e protestos da parte dos médicos, escudados nos tradicionais privilégios da hierarquia do magistério, habituados ao trabalho descoordenado, dispersivo e muito do agrado dos que se haviam habituado ao mandonismo próprio dos ambientes pouco desenvolvidos.

O primeiro superintendente do Hospital das Clínicas, o dr. João Baptista Caribé, teve papel decisivo na implantação das novas normas e dos modernos princípios. O seu sucesso dependeu, fundamentalmente, do persistente apoio de Edgard Santos na revolução ocorrida no final da década de 40 e primeiros anos da década de 50, no tocante ao funcionamento hospitalar no nosso meio. Passado o tempo, não hão de ser muitos os que ainda recordam e valorizam devidamente os reflexos daqueles embates, sobre os cuidados à Saúde em nosso meio e a formação dos futuros médicos pela Faculdade da Bahia. Além do meu pai e do dr. Caribé,

é de justiça citar os nomes de professores que emprestaram a sua colaboração ao processo inovador, entre eles Rodrigo Argolo, Augusto Mascarenhas, Adriano Pondé, Heitor Marback, Cícero Adolfo da Silva, Hosannah de Oliveira, Fernando Carvalho Luz, Benjamin Sales.

Acompanhei de perto, no Hospital e no convívio familiar, todo este movimento, a princípio na condição de estudante e, mais tarde, iniciando-me na carreira docente. A minha integral dedicação aos trabalhos do Hospital permitiu reunir grupos de estudantes e médicos recém-formados que deram extraordinária vida ao Hospital, e asseguraram a excelente qualidade da assistência aos pacientes.

Em 1956, logo após conquistar a cátedra mediante concurso de títulos e provas, obtive da Fundação W.K. Kellogg, a mesma que me havia proporcionado a bolsa de estudos nos Estados Unidos e confiava plenamente na liderança do meu pai, importante auxílio financeiro para a implantação do programa de residência médica, o mais antigo do Norte-Nordeste do Brasil e um dos primeiros do Brasil. Graças à competência e ao entusiasmo da equipe de jovens instrutores e das primeiras turmas de residentes, aproveitamos ao extremo as excelentes condições de trabalho no Hospital, magnificamente equipado. A Medicina universitária na Bahia alcançou, então, nível de qualidade que jamais fora registrado e não voltou a ser atingido. Os residentes daquela época se identificam, hoje, entre os líderes da profissão em diferentes especialidades. Em sadio clima de companheirismo, dava gosto trabalhar no Hospital dos anos 50 e 60, o que, obviamente, não excluía divergências, mal-entendidos, nem o forte sentido de competição.

Falemos de outro setor, o da Geologia. A formação de geólogos no Brasil tem uma história muito peculiar. Por inspiração do Imperador D. Pedro II, na metade do século XIX, em Ouro Preto, no seio da região marcada por intenso trabalho de mineração, o belga Gorceix formou uma Escola de Mineralogia e Geologia que teve o monopólio da formação desses profissionais em todo o Brasil, durante quase um século. No sistema federal de ensino superior, eram desencorajadas quaisquer tentativas

de criação de novos cursos, devido ao prestígio da Escola de Ouro Preto e à duradoura influência dos mineiros na política educacional do País. Era conhecida a escassez de geólogos e mineralogistas no Brasil. De longa data, vinha o país importando, e continuava a importar esses profissionais para o estudo das riquezas minerais apenas suspeitadas no nosso subsolo. Edgard entendeu que a Bahia tinha especial vocação para formar geólogos, sobretudo quando o petróleo passou a ser explorado em nosso Estado, em escala comercial, muito antes que em qualquer outra unidade da Federação. E começou entendimentos com a Petrobrás, para organizar um curso de especialização em Geologia do Petróleo. Para isso ofereceu espaço em edifício que acabara de fazer construir no terreno onde se situava a Faculdade de Filosofia. A Petrobrás contribuiu para a adaptação dessas instalações e contratou professores do melhor nível, bem remunerados, em regime de tempo integral, que tiveram papel decisivo na formação de uma consciência da importância da geologia para o futuro do País. Não se contentou o reitor com o bom funcionamento do curso de especialização, oferecido a geólogos formados em outras escolas, assim como a graduados em Engenharia, Química, Economia e áreas correlatas. A seguir, partiu Edgard para a implantação de um curso de Geologia em nível de graduação. Foram muitas as resistências dentro do Ministério da Educação e Cultura. E a Petrobrás, que fora tão pronta em auxiliar o curso especializado, hesitou em permitir que os professores estendessem a atividade docente à formação de geólogos generalistas, ao nível de graduação. A persistência do reitor da Bahia a tudo isso venceu. A Escola de Geologia, depois Instituto de Geociências, se transformou numa das unidades de maior dinamismo e se constituiu em excelente exemplo da ampliação do âmbito de atuação da Universidade, a serviço dos interesses regionais, além das profissões tradicionais no nosso meio.

Outro exemplo servirá para acentuar a variedade de situações e de estratégias adotadas naqueles anos. A Administração pública e de empresas, na nossa tradição, era exercida por diplomados em diferentes cursos de nível superior, a exemplo do Direito, da Economia, da Engenharia

e da Arquitetura. Graças ao seu amplo relacionamento em todos os centros mais dinâmicos do País, Edgard atraiu para a Bahia o interesse da Fundação Getúlio Vargas, responsável por importante programa de âmbito nacional, visando à formação de profissionais da Administração em nível superior. A Fundação Ford financiava a concessão de bolsas a diplomados em áreas afins que se dispusessem a realizar curso de pós-graduação em Administração nos Estados Unidos. Cumpridos os requisitos da lei, estes tornar-se-iam professores em nossas universidades.

Da Universidade Federal da Bahia, dirigiram-se vários candidatos à Michigan State University, na área da Administração Pública, e à University of Southern California, para Administração de Empresas. Neste programa tiveram papel essencial os professores Lafayette Pondé e Oldegar Vieira. Os jovens professores de Administração, de volta à Bahia, implantaram programas de ensino inovadores, com sentido prático, que os tornavam muito atraentes e profícuos, e logo tiveram grande aceitação em nosso meio. A Escola de Administração ocupou o antigo prédio da Faculdade de Direito, depois que esta última se transferiu para o novo edifício do *campus* do Canela. Tão grande foi a aceitação dos profissionais da Administração entre nós, que a maioria dos professores com treinamento no exterior, logo foi absorvida pelo mercado de trabalho, quer no setor público como nas empresas. Estava em marcha a modernização da Universidade, com a clara percepção que tinha o reitor, do papel que lhe cabe na formação de novos tipos de profissionais, necessários ao cumprimento de tarefas diversificadas, oriundas da nova fase de desenvolvimento econômico desencadeado na Bahia no fim da década de 50 e começo dos anos 60, graças à presença de petróleo no nosso subsolo.

A história dos Seminários Livres de Música é particularmente eloqüente. Ao tempo da formação da Universidade, nenhuma das escolas de Música existentes em Salvador foi a ela incorporada. Edgard passou a procurar quem pudesse liderar um movimento inovador na área da Música. Identificou o maestro Koelreutter, então domiciliado em São Paulo, para encarregar-se dessa missão. A idéia essencial de Koelreutter era que

deveria evitar-se qualquer formalismo na educação do músico, em ambiente universitário. Sua atividade começou pelos Seminários “Livres” de Música, que ocuparam o mês de julho de vários anos sucessivos, no começo dos anos 1950. O alto nível dos trabalhos, a regularidade com que passaram a ocorrer, acabaram por assegurar a presença de professores de renome internacional e atrair alunos dos mais promissores de todo o Brasil, e mesmo, do exterior. Alguns desses músicos permaneceram na Bahia por períodos mais longos, trazendo colaboração que se ia sedimentando com a criação de ambiente artístico que não tinha precedente. À medida que se consolidava o clima de trabalho coletivo na Música Erudita, formaram-se grupos de interpretação, até chegar-se à Orquestra Sinfônica da Universidade. Veio, mais tarde, o grupo de composição. Os vários cursos foram tomando forma, a ponto de tornar-se impossível manter a idéia da formação dos músicos totalmente livre de formalidades. Essa transição ocorreu sem perda de qualidade, e a Universidade continuou a atrair músicos da melhor categoria, entre os quais devo citar a família Benda, os professores Pierre Klose e Ernst Widmer. Este último preencheu o vazio deixado pelo prof. Koelreutter ao retirar-se da Bahia, e foi, mais tarde, substituído pelo prof. Manuel Veiga, “prata” da casa, baiano que tinha o diploma de Engenharia, e em seguida, passou longos anos na Julliard School of Music de Nova York.

Papel de liderança análogo ao de Koelreutter na Música, foi desempenhado, no Teatro, ao tempo de Edgard, por Martin Gonçalves, psiquiatra de origem pernambucana que se havia preparado na Inglaterra para dedicar-se às artes teatrais. Como as nossas tradições culturais têm maior afinidade com o Teatro do que com a Música Erudita, os resultados da liderança de Martin Gonçalves se fizeram sentir ao fim de muito pouco tempo. E perduram até hoje, ultrapassando as fronteiras da Bahia para alcançar outros centros culturais do País. Para abrigar o programa de Teatro, o reitor adquiriu um dos casarões antigos do bairro do Canela, e o adaptou ao funcionamento da Escola e de uma pequena e primorosa sala de espetáculo, o Teatro Santo Antonio. Em pouco tempo, estava formada

“A Barca”, troupe universitária que fez verdadeiros milagres, tanto do ângulo do espectador como dos alunos. A presença de grandes nomes do Teatro nacional, que para aqui vinham trabalhar ombro a ombro com os alunos, a convite de meu pai, acelerou o ritmo de amadurecimento de toda a iniciativa, e colocou a Bahia, também nas Artes Cênicas, em posição destacada perante os interessados em cultura pelo País afora.

No Teatro como na Música, a presença física do reitor aos ensaios era um dos mais fortes estímulos para os artistas – professores e alunos. Despretensiosamente, em horários reservados para o seu lazer, sobretudo à noite, após o jantar, meu pai reunia a esposa e os filhos para visitas, de surpresa, aos ensaios, durante os quais dirigia comentários, animava o trabalho, e também ouvia reivindicações para cujo atendimento se esforçava ao máximo.

Igualmente simpática foi a atividade do grupo de Dança, liderado no início, pela professora Yanca, de origem húngara e já radicada no Brasil. Sempre com a preocupação da qualidade, como foi com Koelreutter na Música Erudita e Martin Gonçalves no Teatro, a Dança Clássica e a Dança Moderna encontraram campo fértil para o seu desenvolvimento, em função das tradições culturais do nosso povo.

A criação da Escola de Nutrição teve, para mim, um significado todo especial. Partiu a iniciativa do prof. Adriano Pondé. A ela deu Edgard todo o seu apoio, desde o primeiro momento. Adriano, professor de Clínica Médica, era cardiologista de renome nacional. A sua experiência na especialidade, por ele praticada há várias décadas, levou-o a aprofundar-se no estudo do papel desempenhado pelos hábitos alimentares dos pacientes sobre o aparelho circulatório. E a aperceber-se da falta que fazia, na nossa Universidade, uma unidade voltada para o preparo de nutricionistas, profissionais indispensáveis à moderna equipe de saúde. Estudou o assunto, sempre com o estímulo de Edgard, visitou outras escolas, identificou no Hospital das Clínicas instalações que poderiam servir ao começo do funcionamento da nova unidade, organizou o currículo e mobilizou professores. Entre estes, fui eu convidado a lecionar a disciplina Patologia da

Nutrição, o que viria a ter conseqüências decisivas e permanentes sobre o resto da minha vida. É que entre as alunas das primeiras turmas, deixei-me impressionar por Maria Amélia, a quem não conhecia e que, em pouco tempo, viria a ser minha esposa e mãe dos meus seis filhos. Começou o namoro por simples conversas após as minhas aulas, seguidas de encontros mais ou menos fortuitos nas áreas de circulação do Hospital. Quando fui para Boston em 1961, o namoro, apenas começado, transformou-se em assídua correspondência. Estava eu convencido, então, de que havia casamento à vista, embora resolvêsemos, de comum acordo, dar um pouco de tempo ao tempo. Ao voltar à Bahia, já não havia por que prolongar o namoro. Casamos a 26 de junho de 1963. Mas, esta é história a ser retomada em outro capítulo deste livro.

Nenhuma das iniciativas de Edgard tinha o cunho da improvisação. Tomemos outros exemplos, o da Biblioteconomia e o do Jornalismo. No prédio da Reitoria, meu pai fez surgir uma biblioteca de obras de referência. A princípio, poucos sabiam usá-la devidamente. Na medida em que aumentavam os usuários, o acervo foi crescendo e se foi aperfeiçoando um grupo de bibliotecárias. Ali estava o embrião da futura Biblioteca Central da Universidade. Enquanto isto, existia em Salvador uma escola de Biblioteconomia que lutava com imensas dificuldades e sobrevivia graças à dedicação da prof^a Bernadette Sinay Neves. Mediante gestões nas quais teve participação decisiva a prof^a Belita Liberato de Carvalho, a Universidade passou a ter uma Escola de Biblioteconomia e Documentação, e a ela proporcionou melhores condições funcionais e materiais, assegurando futuro certo para a formação de bibliotecárias de nível superior em nosso meio.

Também, de forma gradual, formou-se o curso de Jornalismo. Várias iniciativas de Edgard, com feitio preliminar e inovador, como seminários, palestras, debates, prepararam o terreno, até que se instituiu o curso em sua plenitude, no que foi estimulado pelo seu futuro biógrafo, o médico e jornalista Ruy Santos, senador da República.

Em todas essas iniciativas, foi meu pai impulsionado pela convicção do sentido universal da cultura. Queria ele uma Universidade aberta para os vários continentes e para as mais diversas heranças culturais que se identificassem com a nossa própria história baiana e brasileira. O intercâmbio com Portugal, França, Espanha, Estados Unidos, Inglaterra, com países da África e da Ásia, se incluiu entre os afazeres que mais davam prazer ao reitor. A Bahia se projetava para o exterior, e com força particularmente intensa, voltava-se para as nossas origens, na ênfase especial atribuída ao intercâmbio com Portugal. O Colóquio Luso-Brasileiro e o congresso de língua falada no teatro, foram eventos exemplares, com repercussão ampla e duradoura, que deram à Bahia posição de destaque no fomento à pesquisa sobre os mais diferentes aspectos da presença de Portugal, disseminada por todas as partes do mundo, ao longo dos séculos. A Casa da França, o Instituto de Cultura Hispânica, o Instituto de Estudos Norte-Americanos, o Centro de Estudos Afro-Orientais, foram criados por Edgard Santos nesse propósito de estreitar os laços culturais da comunidade baiana com instituições congêneres de outros países, despertando o interesse da nossa juventude para a importância do melhor conhecimento da história, da língua e da literatura, da economia, da sociologia, da política dos povos e nações que têm conosco maior afinidade.

De tantas realizações, nenhuma encantou mais o espírito de meu pai que o Museu de Arte Sacra. Desde 1840 até o começo da década de 1950, o antigo convento de Santa Teresa, com a sua belíssima capela, vinha abrigando o Seminário Arquidiocesano. E não era bom o seu estado de conservação. Assessorado por dois especialistas, Vladimir Alves de Souza e Geraldo Câmara, que tinham vindo a Salvador para orientar a decoração do novo prédio da Reitoria, Edgard imaginou criar o Museu de Arte Sacra, a ser alojado no antigo convento, após restauração. A Bahia teria a ganhar com as várias etapas do processo: pela beleza arquitetônica, tanto do convento como da capela, pela espetacular visão que proporciona sobre a Baía de Todos os Santos, e pela urgência com que se impunha a restauração dos edifícios para não se chegar ao

irrecuperável, a Bahia teve preservado um dos mais belos exemplos da arquitetura religiosa do Brasil Colônia. De outra parte, o Museu a ser instalado traria uma peculiaridade: o acervo próprio seria muito reduzido; não era fácil encontrar quem vendesse peças de arte sacra de elevada categoria a custos acessíveis à Universidade, na época. Havia uma alternativa. Acumulados durante séculos, existiam em Salvador e no Recôncavo, obras pertencentes a Irmandades Religiosas e leigas, assim como a particulares, que continuavam menos conhecidas e mal estudadas, pela falta de oportunidade e de local adequado para a sua exibição.

Firmado nesta concepção, meu pai desencadeou providências em várias direções. Era essencial o entendimento com a Cúria Metropolitana e, por seu intermédio, com o Vaticano, que resultasse na autorização da Igreja para a Universidade assumir a gestão do imóvel. O cardeal dom Augusto Álvaro da Silva, aqui na Bahia, graças à intermediação do Monsenhor Eugênio Veiga, secretário do Cardeal, e o brasileiro Deoclécio Redig de Campos, na Curia Romana, reconhecendo, ambos, o mérito do projeto e confiando na liderança de Edgard, deram decisivo apoio ao contrato de comodato, em função do qual o convento ficou à disposição da Universidade durante 60 anos, para que nele se realizassem obras de restauração e conserva, e se instalasse o Museu. A planta original de parte das edificações reproduzia a de construção ainda existente em Évora. Visando a fidelidade da restauração na Bahia, conseguiu a Universidade cópia do projeto erigido no sul de Portugal. Paredes levantadas fora da concepção original, foram demolidas. E vice-versa. Outras que haviam sido demolidas, foram restabelecidas. O mesmo ocorreu com altares encontrados na capela, onde se encontravam peças de tremendo mau gosto, datadas do começo do século XX. Tudo foi realizado dentro de elevado nível de profissionalismo, e com aprimorado senso estético. Para levantamento das peças que constituiriam a primeira apresentação do Museu, novamente entrou em cena o grande poder de persuasão do reitor. Os responsáveis pela guarda das obras de arte receberam, a princípio, empréstá-las à Universidade, na idéia de que perderiam para sempre a

sua posse. Mas, tudo foi feito de modo a inspirar confiança, e a demonstrar que, no Museu, as peças estariam sob rigorosas medidas de segurança, o que não vinha ocorrendo na generalidade dos ambientes onde estavam sendo guardadas. Ademais, o propósito da Universidade era revelar a existência de inúmeras peças, às quais os estudiosos e o público raramente tinham acesso. Até por isto, teria de haver rotatividade dos objetos artísticos, para o bom cumprimento do programa firmado. Periodicamente, seriam devolvidas as que estivessem no Museu, enquanto outras viriam para exibição oportuna.

Por incrível que pareça, este extraordinário trabalho encontrou resistências de todo tipo. Como estivesse esquecida a função cultural da Universidade, a acusação principal era a de que havia desvio de finalidade da instituição. Ou seja, que aqueles recursos seriam melhor aplicados no aperfeiçoamento das condições do trabalho convencional da Universidade, as mesmas, aliás, que foram extraordinariamente melhoradas durante as sucessivas gestões do reitor Edgard Santos.

Mas, tudo isto foi superado pela têmpera de Edgard. E o Museu se transformou num dos melhores repositórios de peças artísticas vinculadas à nossa formação cultural, estética e religiosa. Para dirigi-lo, o reitor convidou o monge beneditino dom Clemente da Silva Nigra, que permaneceu nessa função durante muitos anos.

Além de excelente administrador e hábil político, era Edgard um homem de bom gosto. Tinha ele a intuição de como aproveitar a herança cultural baiana em projetos que revelavam o seu aguçado senso estético. À medida que foi crescendo a Universidade, sentia-se mais a falta de instalações adequadas para a alta direção da nova instituição. Nos seus primeiros anos, a Reitoria ocupou em caráter provisório, parte do espaço tradicionalmente destinado à Diretoria da Faculdade de Medicina. Com o surgimento de vários canteiros de obras na construção do *campus* do Canela, Edgard mudou o seu gabinete para o recém-inaugurado edifício da Escola de Enfermagem. Era, ainda, localização provisória. A instalação definitiva foi projetada sobre área que correspondia, na sua maior

parte, à ocupada anterior-mente pelo Solar do Bom Gosto e, depois, pelo Ambulatório Augusto Viana. Os mesmos arquitetos e decoradores que orientaram mais tarde, a restauração do Convento de Santa Tereza, Vladimir Alves de Souza e Geraldo Câmara, elaboraram belíssimo projeto que se materializou no prédio onde funciona a Reitoria, inaugurado em 1952. Na concepção desse edifício, criou-se espaço para o assentamento dos azulejos dos séculos XVIII e XIX que ornamentavam as paredes e os pátios do antigo solar, e são objeto de valioso livro de autoria de José Valadares. Quando passou o imóvel à propriedade da Faculdade de Medicina, ao tempo em que Augusto Viana era o seu diretor, já o solar se encontrava em situação irrecuperável. Ao proceder-se à demolição, os azulejos foram fotografados e selecionados sob a orientação do pessoal especializado, e numerados no dorso, de modo a facilitar-se a subsequente recomposição dos painéis, conforme são hoje apreciados nas paredes internas dos salões e dos corredores da Reitoria. Mas, não apenas os azulejos dão dignidade à sede da Universidade. Toda a decoração, móveis, tapetes, lustres, objetos de arte na medida certa, mesclam a beleza com a funcionalidade, tornando o ambiente dos mais agradáveis à vista, enquanto relembram padrões de bom gosto compatíveis com a herança cultural baiana.

Nos parágrafos anteriores, referi-me a atividades que não existiam na Bahia antes do reitorado de Edgard, e que muito bem refletem a sua capacidade inovadora. Também as unidades universitárias mais antigas foram imensamente beneficiadas pela atuação dinâmica e esclarecida do mesmo reitor. Já me estendi sobre o grande salto que representou o Hospital das Clínicas para o ensino da Medicina e para as práticas hospitalares em todo o Norte-Nordeste do País, conseqüência incontestável da sua capacidade realizadora.

A Faculdade de Direito, instituição particular até à constituição da nossa Universidade, tinha em seu favor o brilho de alguns dos nomes mais ilustres da advocacia, da magistratura, da política e das letras em nossa terra, compondo a sua Congregação. Na gestão de Edgard, o novo prédio,

construído no Vale do Canela, constituiu homenagem merecida ao talento e à expressão profissional e cultural dos seus professores. Pertencia à Congregação de Direito o mais constante e leal dos companheiros de meu pai, nas lutas pela implantação da mentalidade universitária em nosso meio. Orlando Gomes foi o vice-reitor durante a maior parte dos sucessivos mandatos de Edgard. Juntos, atravessaram fases de inúmeras dificuldades e, igualmente juntos, celebraram grandes vitórias. Nunca ouvi de meu pai qualquer palavra que pudesse representar a mínima restrição à colaboração de Orlando. Muito pelo contrário: todas as manifestações que dele colhi foram de admiração pelo excepcional talento e de gratidão pela constância do companheiro de todos os momentos. No seu relacionamento com os professores de Direito, outros nomes devem ser citados: Luiz Viana Filho, Nestor Duarte, Demétrio Tourinho, Aloysio de Carvalho Filho, Lafayette Pondé, Nelson Sampaio, entre muitos, emprestaram a colaboração da sua inteligência e do seu espírito público.

A Escola Politécnica tinha começado em modestíssimas instalações, no bairro do Pelourinho. Mudou-se, mais tarde, para a Avenida Sete de Setembro, onde ocupou um prédio inteiramente inadequado ao uso que se lhe procurava dar, com o funcionamento de laboratórios e oficinas. Durante a gestão de Edgard como reitor, enquanto era diretor o prof. Carlos Simas, foi construído e instalado o imponente prédio da Federação. Em nada se comparavam os novos instrumentos de ensino, com os que existiam nas sedes anteriores da Escola. Entre os professores da Engenharia que mais colaboraram com a Reitoria, é de justiça citar também Oscar Caetano, Elísio Lisboa e Miguel Calmon. Por este último, tinha Edgard admiração especial, considerando-o um dos mais preparados e dos mais progressistas baianos daquela geração. Na sua opinião, muito teria lucrado a Bahia se houvesse sido governada por Miguel.

A Faculdade de Odontologia ocupava, até o reitorado de Edgard, espaço exíguo do andar térreo da Faculdade de Medicina, no Terreiro, em virtude da sua condição de curso “anexo” ao de Medicina. Dali saiu para o esplêndido edifício de vários andares, muito bem situado a cava-

leiro do Vale do Canela. O prof. Torres Homem foi o mais próximo dos companheiros de Edgard, nessa unidade universitária, onde também Arnaldo Silveira exercia forte liderança.

A Faculdade de Ciências Econômicas e Contábeis, situada no Largo da Piedade, havia se originado da Escola de Comércio, de nível médio, fundada e mantida, desde o início do século XX, por uma instituição privada e filantrópica, a Fundação Visconde de Cayru, organizada por comerciantes locais desejosos de melhorar o nível dos seus empregados. Durante o reitorado de Edgard, o velho casarão foi substituído por uma construção moderna, ampla, onde passou a existir o ambiente para os trabalhos de pesquisa econômica, além do espaço para os cursos de graduação e a administração da Faculdade. Mais recentemente, ali se instalaram os cursos de pós-graduação. Durante boa parte do reitorado de Edgard, foi diretor da Faculdade o prof. João Lacerda Alves, no qual meu pai encontrava sempre o colaborador dedicado e competente. Foi particularmente importante para a Bahia, no final dos anos 1950, o convênio firmado entre a Universidade, o Governo do Estado e o programa de assistência técnica do Governo Americano, com vistas à realização de estudos que serviram de base para os planos de desenvolvimento sócio-econômico regional. Liderados por Rômulo Almeida, constituíram-se estes trabalhos em modelo de colaboração entre a Universidade, representada pelo reitor Edgard Santos, e o Governo do Estado, cujo titular era Antonio Balbino de Carvalho. A Comissão de Planejamento Econômico (CPE), então formada, serviu de núcleo para a pós-graduação em Economia que viria a instalar-se, muitos anos depois. Entre os professores de Economia, incluía-se o prof. Pinto de Aguiar, um dos mais empreendedores e mais competentes representantes da sua geração de baianos. Meu pai lhe tinha grande afeição e acatava muito suas opiniões e sugestões. Foi graças a esse bom entendimento que a Bahia conheceu, na década de 1950, importante atividade editorial, organizada pela Editora Progresso, dirigida pelo prof. Pinto de Aguiar e apoiada pela Reitoria da Universidade. Depois que Edgard deixou a Reitoria e Pinto de Aguiar foi con-

vocado para outras responsabilidades, fora da Bahia, o projeto teve vida curta e, desde então, não houve, entre nós, iniciativa que lhe fosse comparável, nesse difícil ramo de negócio.

A Escola de Belas Artes, a Faculdade de Farmácia e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras entraram para a Universidade trazendo consigo os méritos dos respectivos corpos docentes e os sonhos de sucessivas gerações de alunos. Mas, as instalações que a elas serviam eram muito pobres e os instrumentos de trabalho muito escassos. Melhoraram, e melhoraram muito, nos mais variados aspectos da sua atuação, graças ao espírito dinâmico e empreendedor do reitor Edgard Santos

A Escola de Belas Artes funcionava num belo e antigo casarão, situado na Rua do Tijolo (depois chamada de Rua 28 de Setembro), em vizinhança que se havia desgastado ao longo dos anos. Iniciada ainda no século XIX, como escola particular que oferecia cursos de Desenho sob a inspiração de um pintor espanhol, Cañizares, a Escola teve a sua sede muito melhorada depois de incorporada à Universidade. Os professores e demais funcionários foram “federalizados” e, sob a orientação do famoso pintor Mendonça Filho, diretor da Escola durante a maior parte do reitorado Edgard Santos, foram importados da França numerosos modelos, em gesso, de esculturas clássicas que formaram a Pinacoteca, muito aplaudida, na época. O curso de Arquitetura fazia parte da Escola de Belas Artes. No reitorado de Edgard, mediante reivindicação dos estudantes e professores, foi desmembrado, passando a ocupar sede para esse fim alugada pela Reitoria, no Corredor da Vitória, e adquiriu muito maior expressão do que tinha antes. Os professores Diógenes Rebouças, Oswaldo Gordilho e Américo Simões Filho tiveram papel destacado nesse processo.

A Faculdade de Farmácia originou-se do curso anexo à Faculdade de Medicina, existente desde o século XIX. As diminutas instalações que serviam à Farmácia no prédio do Terreiro, foram muito ampliadas durante a gestão do meu pai, pela transferência para um casarão situado no Canela e adaptado para abrigar laboratórios. Os professores Ferreira

Gomes e Tobias Neto eram os mais próximos do reitor, auxiliados, posteriormente, pela prof^a Dirce Araújo.

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, criada pelo educador Isaías Alves de Almeida no final da década de 1930, seguia o modelo das congêneres de São Paulo e do Distrito Federal, organizadas poucos anos antes, a primeira sob a liderança de Armando de Sales Oliveira e a segunda inspirada por Anísio Teixeira. Tinham elas a finalidade precípua de formar professores para o nível médio, a exemplo do famoso “Teachers College” da Universidade de Colúmbia, onde haviam estudado Anísio Teixeira e Isaías Alves. Para isso, além das matérias pedagógicas, possuíam departamentos que se ocupavam dos setores básicos do conhecimento. Sobretudo na faculdade da Universidade de São Paulo, graças à importação de professores migrados da Europa pela estupidez do nazi-fascismo, surgiu a revolucionária presença da pesquisa de alto nível em ciências básicas, o que a estrutura das faculdades profissionalizantes da nossa tradição relegara, historicamente, a plano secundário. A Faculdade da Bahia, criada e mantida graças ao esforço pessoal de Isaías, ocupava o prédio que servira, durante muitas décadas, à Escola Normal do Estado. A mudança desta para o Barbalho ensejou a instalação da nova Faculdade, por volta de 1940, ainda como escola isolada. A sua Congregação se compunha de nomes dos mais ilustres da Bahia, embora alguns deles não tivessem a especialização nem o tempo disponível para a dedicação necessária à implantação de áreas de estudo que haviam sido atrofiadas na tradição universitária brasileira. Ao incorporar-se à Universidade, a Faculdade de Filosofia, ao lado da melhoria funcional do seu corpo docente e demais servidores, teve também melhoradas as condições físicas de trabalho. No mesmo terreno, no bairro de Nazaré, por trás do edifício antigo, foi construído ao tempo do meu pai, o pavilhão que veio a ser ocupado, predominantemente, pela área das Letras. Durante todo o reitorado de Edgard Santos, o prof. Isaías Alves de Almeida foi o diretor da Faculdade de Filosofia. Os professores Hélio Simões, César Araújo, Magalhães Neto,

Thales de Azevedo, Frederico Edelweiss, Baptista Neves, Jorge Calmon e outros sempre lutaram em favor da Faculdade, à qual emprestaram o brilho das suas inteligências.

De todos os campos em que atuou, no desempenho da missão de educador, talvez o que mais o motivava e, ao mesmo tempo, o que lhe trouxe maiores dissabores, haja sido o da assistência ao estudante. O que Edgard realizou a este respeito não tinha precedentes nem similares, até aquela época, em nenhuma universidade brasileira, nem das mais ricas, nem das que serviam a populações ainda mais pobres que a da Bahia. Na verdade, as práticas, implantadas sob a sua direta orientação, nasciam da convicção profunda de não se dever permitir o desperdício de talentos jovens, pela falta de condições mínimas de sobrevivência, como era e continua a ser freqüente entre a nossa mocidade estudiosa. Como não havia modelo a copiar, o programa de assistência não nasceu de uma vez. O Serviço Médico, a Residência dos Estudantes (sexo masculino), a Residência das Estudantes (sexo feminino), o Restaurante Universitário, o apoio a viagens de caráter cultural, o financiamento de livros-textos e outros programas mais personalizados, decorrentes do constante diálogo com os estudantes, foram sendo imaginados em função do convívio do reitor com a nossa realidade. Há episódios ilustrativos do que acabo de mencionar. Nas suas visitas incertas aos ensaios da Escola de Teatro, observou que um dos alunos – ator dos mais promissores – tinha a dicção prejudicada por falha na dentadura. O reitor o chamou, informou-se do assunto, e pouco depois estava sanada a dificuldade.

Nada disto impediu que se registrassem manifestações grosseiras de alguns estudantes contra o reitor. Eram eles instigados por professores inconformados com o sucesso da atuação de Edgard na Reitoria. Passadas várias décadas, nas freqüentes conversas que mantenho com ex-alunos da Universidade, estudantes daquela época, que hoje habitam as mais diversas regiões do Brasil, sempre ouço reminiscências da Bahia daqueles tempos, nas quais prevalece a grata recordação do que para eles significou o apoio oferecido por Edgard à continuidade dos seus estudos. Se

vivo estivesse, acredito que nenhuma outra referência elogiosa à sua obra lhe fosse tão agradável quanto a lembrança do que realizou em favor de jovens que atravessaram com sucesso um difícil começo de vida, graças ao apoio do Serviço de Assistência ao Estudante. Os drs. Rubens Brasil Soares e Filinto Borja emprestaram colaboração competente e amiga nesta inovadora atividade.

* * *

Foi muito rápida a passagem de meu pai pelo cargo de ministro da Educação e Cultura. Tendo tomado posse a 7 de junho de 1954, permaneceu ministro até a data fatídica de 24 de agosto do mesmo ano, quando o presidente Getúlio Vargas encerrou a sua carreira política e sacudiu toda a Nação com o gesto dramático que entrou para a história do Brasil. Além de curto, o período de sua gestão foi tumultuado pelos acontecimentos que abalaram o País e precederam a morte de Vargas. Experiente e cauteloso, ao ser convidado para o Ministério, havia Edgard estabelecido a condição de não ter de afastar-se do cargo de reitor. A imposição foi aceita e, após interrupção de cerca de oitenta dias, voltou à trincheira, reassumiu a sua oficina de trabalho.

A larga folha de serviços prestados ao ensino superior no País, e à Bahia por intermédio da Universidade, conferia-lhe posição ímpar, de muita força no ambiente político-social do Estado e da República. Com o presidente Vargas, manteve relações amistosas que atravessaram quase duas décadas. Embora mais cerimoniais, foram sempre boas as relações funcionais com o presidente Dutra, a quem coube presidir a inauguração do Hospital das Clínicas. Juscelino o visitou na Universidade e compareceu ao Restaurante Universitário, onde se deixou fotografar com os pés aliviados do aperto dos sapatos. Na Câmara Federal, sempre ajudado por Luiz Viana Filho, Aloysio de Carvalho Filho e outros, o reitor era assíduo junto à Comissão de Orçamento, cujos presidentes revelavam sempre o maior apreço pelo seu trabalho. Um deles, o deputado Tarso Dutra, do

Rio Grande do Sul, quando ministro da Educação, transcorridos muitos anos do falecimento do meu pai, não deixava passar oportunidade de referir-se ao extraordinário exemplo que ficara da sua atuação na Reitoria da Bahia. Os governadores da Bahia sempre o respeitaram, embora de alguns ele gostasse mais do que de outros. Dos que se incluíam entre os seus amigos, Juracy Magalhães e Antonio Balbino terão sido os mais próximos.

De todos os pronunciamentos de Edgard, considero o discurso de posse do cargo de ministro o mais importante. Nele se resume a visão de estadista da Educação, sedimentada ao longo de várias décadas de exclusiva dedicação às tarefas do Magistério, no seu mais amplo sentido. Devo, por isto, dedicar espaço maior à transcrição de trecho desse discurso, impressionantemente atual, nas considerações referentes à política educacional que melhor serviria ao povo brasileiro:

A Universidade moderna, voltada para a inquietação espiritual de todos os povos, não se pode confinar – alheia à função existencial do saber – nos limites, que muitos pretendem intransponíveis, do puro ensino e da investigação tecnológica. Prevalecendo-se mesmo do que se tem realizado nestes limites, e particularmente utilizando as contribuições da tecnologia social, a Universidade de hoje é um órgão indispensável à construção de uma nova ordem econômico-política. Ordem eminentemente democrática, a Universidade livre poderá levantá-la agora, utilizando as ciências do homem, sobre uma idéia real da natureza humana e, portanto, sobre uma concepção objetiva do povo, considerados assim todos os homens, detentores, não de simples direitos abstratos, mas de prerrogativas fundamentais da vida, praticamente asseguradas, e sem as quais – tenhamos certeza – nenhuma democracia poderá subsistir.

Temos, assim, coexistentes, numa civilização quase tumultuária, os mais diferentes estágios do desenvolvimento humano. Temos, em algumas cidades, populações supercivilizadas – usufrutuárias dos benefícios do Estado – e temos, ao lado de povos selvagens, a realidade confrangedora de povos ditos “civiliza-

dos” mas que constituem, em verdade, ao longo do nosso vasto território, uma grande massa de degradados, perdidos nas mais tristes condições de vida. A solução deste problema que tem, como disse, merecido a preocupação do governo, é prejudicada sempre pelo combate das incompreensões, mas corresponde, não há dúvida, a um programa de execução iniciada, e que precisa ser, de futuro, assegurada pela consciência de patriotismo e de justiça do nosso povo.

A este povo, que constitui no conjunto nacional o elemento decisivo e atuante, mister se faz lembrar e relembrar que ainda longe estamos de constituir uma verdadeira comunidade nacional, fora da qual não existissem, inconscientes de sua própria dignidade e dos seus direitos, tantos e tantos brasileiros inatingidos pela função integrativa da educação e da cultura.

Pois há – convém lembrar – uma parcela da Nação que ainda não encontrou o seu legítimo destino, uma parcela silenciosa e paciente, melhor direi resignada ou sonâmbula. Parte esta, sem dúvida, recuperável e prestimosa. Parece-me, contudo, que a outra parcela não atentou, como devera, humanitariamente, para a solução do seu problema de modo a incorporar toda esta gente à comunidade nacional, e constituir, assim, o corpo da Pátria, íntegro e hígido, em benefício comum da própria humanidade.

Com tantos serviços prestados à Educação e à Cultura, natural que Edgard tivesse recebido muitas condecorações e outras honrarias, de instituições nacionais e estrangeiras. Em duas ocasiões pronunciou discursos que estão preservados: as posses na Academia de Letras da Bahia e na Academia de Ciências de Lisboa. Das inúmeras condecorações e diplomas ainda não foi possível, sequer, elaborar relação fidedigna.

Roberto: o início da atividade profissional; dedicação exclusiva ao ensino e à pesquisa – 1949 a 1962

A minha viagem de volta à Bahia em 1953, depois de quase três anos de ausência, foi, em si mesma, uma experiência a ser lembrada. Eu havia acumulado bagagem volumosa e pesada, devido, sobretudo, aos livros e discos que adquirira, sob rigorosos critérios de escolha. Era, pois, vantajosa, a volta por via marítima, acompanhando a bagagem que incluía itens preciosos, de aquisição impossível no Brasil da época. Optei por um navio de passageiros da linha Moore McCormack, dos últimos a fazerem a ligação regular de Nova York a Salvador, com escala nas Antilhas. Vinham a bordo várias personalidades brasileiras. Foi-me particularmente grato conhecer e

conversar demoradamente com o dr. Alceu de Amoroso Lima, excepcional figura de intelectual e de cidadão, de quem fui companheiro, muitos anos mais tarde, no Conselho Federal de Educação.

O longo estágio profissional nos Estados Unidos, a vivência de serviços clínicos de alta categoria em Nova York, em Michigan e em Boston, geraram a expectativa dos parentes e amigos, de que eu instalasse um consultório a ser muito movimentado em pouco tempo e com boa rentabilidade. Mas, o relacionamento do clínico com os seus clientes, entre nós, na época, não me atraía. Na medicina privada, os serviços de apoio de laboratório, radiologia etc. eram completamente dispersos em consultórios espalhados pela cidade, e os hospitais privados eram montados para a solução de problemas simples e corriqueiros, predominantemente de natureza cirúrgica. Preferi, então, concentrar-me no Hospital das Clínicas da Universidade, onde havia enfermagem e serviços de apoio que permitiam o acompanhamento satisfatório das situações mais complexas da prática médica. Cheguei a admitir associar-me com um consultório dedicado à realização de exames de laboratório clínico, assumindo as técnicas de química sanguínea menos correntes entre nós, com que eu havia me familiarizado nos Estados Unidos. Mas, tudo não passou das iniciativas preliminares. Logo fui me comprometendo, comigo mesmo, na direção de galgar mais rapidamente os passos da carreira universitária, e adotei, por minha conta e risco, de forma pioneira entre nós, a dedicação exclusiva à atividade clínica no Hospital Universitário, sem qualquer remuneração além do salário de assistente da Universidade.

Novamente se observam, num intervalo de pouco mais de três décadas, identidades e diversidades nos passos iniciais das carreiras universitárias, respectivamente, de Edgard e de Roberto. É verdade que houve de comum entre as vidas paralelas de um e de outro, a oportunidade de frequentar serviços médicos de centros mais avançados, acumulando experiências na respectiva especialidade e alargando os horizontes culturais. Edgard, em São Paulo, Paris e Berlim; Roberto, em Nova York, Michigan e Boston. As diferenças, em seguida, vão aparecendo. De volta

à Bahia, Edgard abriu o consultório e, segundo a praxe, dividia o seu tempo entre os pacientes privados e o serviço da Faculdade no Hospital da Santa Casa. Pouco mais de três décadas depois, Roberto se dedicou integralmente ao Hospital Universitário, que oferecia ótimas condições de trabalho, muito superiores às de que dispunha a Bahia quando Edgard começara a atividade profissional.

Este estilo de vida, do médico exclusivamente dedicado à pesquisa clínica e ao magistério superior, me deixava imensa satisfação intelectual, e pôde ser mantido ao longo da década de 50 e da primeira metade dos anos 60. Em virtude dele, fui escolhido reitor e desviado, em 1967, para a alta administração do ensino universitário. Ao longo desses vinte anos, tivemos condições para o trabalho produtivo, que encantava e fazia esquecer as limitações dos salários. Mais recentemente, desde que se iniciou no Brasil, a chamada “década perdida” dos anos 80, houve deterioração crescente nas atividades a cargo do Hospital da nossa Universidade, a ponto de perder-se o estímulo para a dedicação total e exclusiva aos trabalhos acadêmicos, da forma como eu e vários colaboradores a exercemos, no passado. A que podemos atribuir o retrocesso? O estancamento do ritmo de desenvolvimento econômico havia deixado à mostra outras prioridades, que as lideranças do país consideravam mais importantes que a educação pública em nível superior. Quando os recursos financeiros foram escasseando, a pesquisa científica logo sofreu. A Bahia da década de 80 e do começo dos anos 90 deixou de oferecer ambiente de trabalho que assegurasse o tipo de satisfação que usufruíamos e que continuava a ser desfrutado em outras regiões do país, das quais o Estado de São Paulo foi o melhor exemplo.

Na minha exclusiva dedicação ao Hospital Universitário, dividia o tempo entre o ambulatório, a enfermaria e o laboratório de pesquisa. Neste último foram preparadas as minhas três teses, assim como, as de colgas nossos, versando assuntos de grande atualidade internacional, e que representaram contribuições que eram, para nós, motivo de justificado orgulho.

Ao retornar à Bahia, em 1953, encontrei ainda, no Hospital das Clínicas, fortes resistências às novas rotinas, sobretudo porque os serviços centralizados de laboratórios, centro cirúrgico, radiologia, eletrocardiografia e outros, obrigavam os professores a uma disciplina a que nem todos estavam habituados. Mas, o nível do atendimento aos pacientes era muito superior ao dos demais hospitais da cidade, para o que contribuía, decisivamente, a Enfermagem de elevado padrão das Clínicas da Universidade.

Com toda a aparelhagem nova, bem escolhida e de boa procedência, com a colaboração de estudantes ávidos de um melhor preparo para a atividade profissional, entreguei-me totalmente aos trabalhos da Clínica que passei a integrar, no propósito de aplicar ao nosso meio o que havia aprendido no exterior. Os professores de Clínica Médica, muito mais velhos que eu, eram amigos do meu pai e meus, o que facilitou para mim a captação da sua confiança.

A minha total dedicação ao ensino e à pesquisa contribuiu significativamente para o papel que pude desempenhar na renovação do regime de trabalho do Hospital Universitário. A praxe era, entre o pessoal docente das cadeiras de Clínica, freqüentar o Hospital e dar aulas pela manhã, e dedicar-se aos serviços privados à tarde. O excelente espaço e o acervo imenso de equipamento do Hospital das Clínicas funcionavam, tão somente, das 8 às 12 da manhã. A minha presença durante o restante do dia constituía atração para os melhores alunos, que passaram a acompanhar-nos desde aqueles primeiros tempos, e depois se tornaram os primeiros residentes do Hospital. O ensino **prático** para estudantes se fazia, anteriormente, em aulas de demonstração, com duração máxima, prescrita pelo regimento, em 70 minutos. Se cumprissem o calendário oficial, os estudantes não conseguiriam, jamais, obter a vivência junto aos pacientes de enfermagem e de ambulatório, que constitui a própria essência da formação do futuro médico. A fim de se prepararem para o exercício profissional, os estudantes se ligavam precocemente a um determinado serviço, e se especializavam antes de terem adquirido a visão global da Medicina, pois se diplomavam sem ter contacto com várias das discipli-

nas curriculares. Tratamos, então, de promover completa reformulação do horário das disciplinas clínicas, com a adoção do “horário em bloco”, que ensejava manhãs e tardes quase completas de permanência no mesmo serviço, com responsabilidade crescente junto aos pacientes, em regime de rodízio, para todos os estudantes. Não foi fácil adaptar a enorme estrutura docente das três últimas séries do curso médico ao novo regime. Porém, não havia dúvida da superioridade da orientação proposta em relação à tradicional. O “horário em bloco” se impôs e, por muitos anos, assegurou melhor aproveitamento dos estudantes nas suas atividades curriculares. Este regime, aliás, veio a ser adotado por várias outras faculdades de Medicina, no final dos anos 50 e começo da década seguinte, uma vez que foi objeto de numerosas reuniões das lideranças da educação médica no Brasil daqueles tempos. Muitos anos depois, fiquei surpreso com as deformações que sofreu o “horário em bloco” na nossa Escola, sem dúvida com enorme prejuízo para os estudantes dos tempos mais recentes.

Na nossa organização tradicional, o ensino da Clínica Médica se distribuía entre três cátedras com este nome, e mais as de Clínica Propedêutica Médica e Terapêutica Clínica, sem que houvesse nenhuma coordenação entre elas.

Aliás, era generalizada a falta de coordenação entre qualquer das disciplinas do currículo com todas as demais. O sentido de autonomia no funcionamento das cátedras era hipertrofiado a ponto de considerar-se intocável o programa do respectivo professor, desde que não entrasse no domínio de outra cátedra. O próprio conceito de cátedra reforçava esta atitude: o campo de saber, cujo ensino era da responsabilidade exclusiva do catedrático vitalício, continuava sendo objeto de um programa de ensino com total autonomia. O currículo se tornava, então, um amontoado de programas inteiramente desconexos, tanto na parte teórica como na prática.

Além do vigoroso esforço no sentido de renovar a organização do ensino da Clínica, dediquei-me, também, à instalação de um laboratório

de pesquisa clínico-experimental, no campo do metabolismo hidromineral, para dar continuidade aos trabalhos que vinha realizando em Boston. Foi assim que elaborei as teses exigidas pela carreira do magistério, e tive trabalhos meus publicados nas revistas especializadas mais exigentes, de circulação universal. O mais alto piso do Hospital, o 6º andar, estava desocupado e, em virtude de sucessivas modificações sofridas pelo projeto arquitetônico original, não era clara a finalidade a que se destinava. Aos poucos, fui ocupando, sala após sala, boa parte do espaço do 6º andar, com equipamento que íamos obtendo, da própria Universidade ou mediante doação de fundações estrangeiras e do Conselho Nacional de Pesquisas. Estudantes ao tempo em que voltei do exterior foram se formando, e se incorporando à equipe. Para vários deles conseguimos bolsas de aperfeiçoamento nos diversos ramos da Medicina Clínica. De volta à Bahia, com a experiência obtida no exterior, em outros campos de pesquisa, foram eles montando outros laboratórios especializados em salas vizinhas. E assim se formou o *Núcleo de Medicina Experimental (Numex)*, do qual saíram trabalhos de importância, publicados no Brasil e fora daqui, e se elaboraram muitas teses para a carreira do magistério. O 6º andar desperitou enorme ciumada entre uma pequena parcela do pessoal do Hospital que, incapaz de progredir cientificamente, preferiu dedicar-se à crítica leviana e demolidora, característica da mediocridade que, por vezes, se encontra na vida acadêmica.

Em ritmo intensíssimo de trabalho, nas enfermarias, ambulatórios, laboratórios e salas de aula, a tarefa que me empolgava mais que as outras, era a discussão de pacientes portadores de situações clínicas de maior complexidade, com a participação de estudantes e de colegas da equipe docente. O desafio dos diagnósticos difíceis, tanto quanto as indicações terapêuticas, constitui estimulante exercício para a compreensão dos intrincados fenômenos da natureza humana, quando se rompe a harmonia do funcionamento do corpo humano e da sua integração ao ambiente. A este exercício eu dedicava muitas horas ao dia, todos os dias dos melhores anos da minha vida profissional. Eu era absolutamente empolgado

pelo trabalho que fazia. Muitas das nossas reuniões para discussão de pacientes, atingiam nível comparável ao dos hospitais dos países desenvolvidos. *Foi esta a fase áurea do ensino médico na Bahia.*

Dentre os apoios de fora da Universidade, que asseguraram aqueles anos de trabalho intenso e profícuo, merece destaque o da Fundação Kellogg e devem ser citadas a Fundação Rockefeller e os Institutos Nacionais de Saúde dos Estados Unidos. Além das bolsas para estudo no estrangeiro, atribuídas a médicos e a enfermeiras, a Fundação Kellogg assegurou os meios de trabalho para o pessoal em regime de tempo integral e dedicação exclusiva, para o equipamento de laboratórios de pesquisa, a renovação dos métodos de formação de futuros médicos, a nível de graduação, e a implantação de residência no Hospital das Clínicas (hoje Hospital Universitário Professor Edgard Santos).

O ambiente de trabalho que vivemos, naqueles anos, permitiu que sonhássemos um grande sonho. O de que seria possível, no Nordeste do Brasil, a dedicação integral à Medicina Clínica de cunho acadêmico. Ganhávamos pouco, muito pouco. Mas, havia clima de trabalho e produção que nos dava completa satisfação intelectual e profissional. E criava expectativas favoráveis quanto ao reconhecimento, em futuro próximo, da significação do que fazíamos. Graças à continuada melhoria de remuneração e de meios materiais de trabalho, haveria de generalizar-se o que havíamos desencadeado. Passados alguns anos, não foi isto que aconteceu. Sobretudo a partir do começo da década de 80, as instituições federais de ensino superior entraram em regime de incriveis carências e se situaram entre as vítimas mais precoces e mais sofridas da enorme crise que se abateu sobre o País. Durante algum tempo, pareceu que, para geração dos meus filhos, nenhum sentido faria viver o sonho que tanto nos animou nas décadas de 1950 e 1960. E o Brasil só teve a perder com a temporária queda de expectativas que tomou conta do pessoal das universidades federais, malgrado as situações de exceção que aqui e ali sempre se encontravam.

Foi enquanto vivia o esplêndido sonho de vida universitária, que escrevi as minhas teses, a de doutoramento, a de docência livre e a de cátedra. Para a de doutoramento, havia trazido material experimental elaborado no serviço do dr. Leaf, em Boston. Defendia eu, na tese, a existência de um mecanismo de regulação da excreção de sódio e água, nos seres humanos, os “receptores de volume”, necessários à explicação de fatos de observação constantes de literatura, porém de caracterização difícil. Enquanto os “osmoreceptores” de Verney proporcionavam resposta clara e inequívoca a variações de concentração osmótica do soro sanguíneo, sobre a excreção renal de água e sódio, as variações de volume do conteúdo líquido do organismo apenas resultavam em alterações lentas, tardias e difíceis de caracterizar na formação da urina de pessoas normais. Na palavra de uma das maiores autoridades no assunto, o dr. J.P. Peters, os receptores de volume desempenhavam “a most elusive function” na regulação da composição do corpo humano. Mas, ainda na palavra do dr. Peters, professor da Universidade de Yale, “to identify it precisely is one of the most crucial problems of water and salt physiology”. A experiência a que me submeti, pessoalmente, e que me levou a internar-me, durante alguns dias, na enfermaria 4 (a famosa “Metabolic Ward”) do Massachusetts General Hospital, trazia forte contribuição ao entendimento deste mecanismo. E ensejava o levantamento de interessantíssima literatura que estava a exigir revisão crítica. As publicações a respeito provinham dos melhores serviços da Europa e dos Estados Unidos e para quem se iniciava na pesquisa médica, representavam excepcional ocasião de apreender o processo de avanço das fronteiras do conhecimento pela aplicação do método científico.

Além dos livros que havia adquirido nos Estados Unidos, eu continuava a assinar revistas especializadas, em escala que hoje seria impossível, devido ao grande aumento do preço dessas assinaturas. Assim como ocorria com meu pai, tinha eu verdadeiro fascínio pela literatura de periódicos. No auge da minha dedicação à pesquisa, cheguei a ter trinta revis-

tas médicas assinadas com recursos pessoais, como forma de suprir a irregularidade do acervo das nossas bibliotecas institucionais.

A tese teve o título “Da ação de ‘receptores de volume’ na excreção urinária de sódio e água no homem”, e alcançou repercussão muito favorável entre os estudiosos das bases fisiológicas da Medicina Clínica. A argüição e a defesa nada trouxeram de inesperado. Fui aprovado com nota máxima e louvor.

Sem qualquer intervalo, dei seqüência aos trabalhos que serviriam para a tese de docência livre. Em pouco tempo, com imenso esforço e total dedicação, havia instalado e calibrado a aparelhagem essencial à continuidade, no 6º andar do Hospital das Clínicas, das experiências relativas ao metabolismo hidromineral. Na época, eram numerosos os leitos das nossas enfermarias ocupados por portadores de esquistossomose hepato-esplênica. E muitos desses pacientes tinham edema e ascite, isto é, perturbação acentuada do seu metabolismo hidromineral. Desde o começo do século XX, encontravam-se referências aos mecanismos de retenção de água e sódio pelos portadores de afecções hepáticas, ora dando ênfase à prioridade da retenção do sódio, ora atribuindo precedência à retenção da água. Faltava revisão crítica da literatura, de data recente, que atualizasse a confusa colocação do assunto. Planejei experimentos que representassem contribuição pessoal, e levantei a extensa literatura que introduziria a apresentação dos meus resultados. Assim nasceu a tese intitulada “A prova de tolerância à água nas hepatopatias crônicas”, com a qual me submeti a concurso de docência livre de Clínica Propedêutica Médica da Universidade da Bahia.

Enquanto preparava a tese e me desincumbia das obrigações de ensino, também me entregava à tediosa tarefa de preparar-me para as provas escrita e oral do concurso, lendo e resumindo extensíssimo material bibliográfico referente aos “pontos” do programa da cátedra de Clínica Propedêutica Médica. Era esta a parte desagradável e menos útil da escalada da carreira universitária: eu tinha o maior prazer em compulsar a

literatura médica, quando motivado pelo desafio ocasionado por pacientes de diagnóstico e tratamento que se afastam dos quadros clínicos habituais, e que geram movimentados debates com outros colegas e com estudantes. Mas, quando a motivação era o simples acúmulo de informações para enfrentar os azares das provas escrita e oral dos concursos, sentia estar desperdiçando tempo com uma metodologia obsoleta de avaliação de candidatos às responsabilidades docentes. Tornei-me um revoltado contra o ritual dos nossos concursos e, depois de catedrático, trabalhei com afinco para atenuar as distorções mais profundas da nossa tradição, cuidando de promover maior valorização da produção científica e técnica dos candidatos, assim como da sua capacidade de liderar equipes dedicadas às lides universitárias.

Uma vez que me havia comprometido, definitivamente, com a carreira universitária e não tinha nenhuma atividade profissional fora dela, cumpria-me aguardar uma vaga para candidatar-me à cátedra. Naquela época, todas as oportunidades se abriam para os professores catedráticos, no desempenho das tarefas acadêmicas, enquanto a contribuição dos ocupantes dos degraus menores da carreira, era cheia de limitações e sempre dependente das decisões do catedrático.

Nesse ínterim, encontrei tempo para candidatar-me a uma bolsa de pesquisa a ser realizada na Universidade de Cambridge, no Departamento de Medicina Experimental. O Conselho Nacional de Pesquisas, do qual fui presidente algumas décadas mais tarde, havia se constituído poucos anos antes. Entre os líderes do movimento em prol da pesquisa científica no Brasil, contava-se o prof. Carlos Chagas Filho, muito amigo do meu pai e de quem me tornei, igualmente, amigo e admirador. O prof. Chagas, conhecendo as teses, de doutoramento e de docência livre, que eu já havia defendido, patrocinou a obtenção de uma bolsa de pesquisador, na Inglaterra. Ao preparar a minha tese sobre “reguladores de volume”, havia estudado a fundo os imaginosos trabalhos de R.A. McCance, realizados na década de 1930, sobre a depleção de sódio no organismo humano. Muitos anos depois, ao término da 2ª Guerra Mundial, o mesmo cientista inglês havia orienta-

do pesquisas sobre a composição do corpo humano em portadores de desnutrição aguda. Estes últimos estudos incidiram sobre vítimas dos campos de concentração da Alemanha nazista, e com esse intuito, McCance havia desenvolvido técnicas muito engenhosas e pouco dispendiosas, de quantificação dos mais importantes componentes do corpo humano. A clientela do Hospital das Clínicas, onde eu trabalhava em tempo integral, incluía grande número de desnutridos crônicos. Imaginei aplicar a eles as técnicas de Mc Cance, e viajei para Cambridge em setembro de 1954. Os meios de comunicação daquela época, sabidamente, não eram tão ágeis como os de hoje. Fui, então, surpreendido com a radical mudança de diretriz do Departamento de Medicina Experimental. Dos estudos sobre subnutrição, haviam evoluído para o da supernutrição, que conduz à obesidade, e que o prof. McCance afirmava ser doença muito mais grave que a subnutrição. Mudei, por isso, o meu plano de trabalho e me dediquei a um ensaio biológico para a dosagem de insulina plasmática, com o qual consegui ter o meu nome numa publicação da prestigiosa revista “Nature”.

Aprendi muito nos meses que passei na Inglaterra. Os efeitos da 2ª Guerra Mundial ainda não haviam sido superados. O País atravessava grandes dificuldades econômicas. Pude melhor percebê-las porque, pouco antes, havia passado três anos nos Estados Unidos, onde os ambientes de pesquisa, de tão ricos, chegavam a ser perdulários. Se, em alguns momentos, estive por impacientar-me com a maneira de ser dos ingleses, estou seguro de que valeu a oportunidade. Encontrei suficiente compensação na abertura de horizontes culturais ensejada pelo convívio com os cientistas ingleses, com a sua capacidade de adaptar-se à escassez, com a sua engenhosidade no trato com a metodologia de pesquisa, e pelo seu respeito (quase reverência) à originalidade das idéias no planejamento das experiências científicas. Também apreciei o modo como incentivam a excentricidade entre os bem sucedidos na vida acadêmica, o que gera situações surpreendentes e distraídas. Fora do laboratório, aprendi tanto ou mais, freqüentando teatro da melhor qualidade, concertos das melhores orquestras e dos melhores solistas do mundo, cinema de arte e, nas

freqüentes viagens a Londres, nos fins de semana, visitas a museus, dos melhores que já conheci, tanto pelas coleções permanentes como pelas exposições temporárias. Da minha experiência brasileira e norte-americana, não imaginava que o rádio – no caso, os três programas da BBC, o “Light”, o “Rome” e o “Third” – pudesse ser tão extraordinário meio de difusão da cultura. A televisão, ainda incipiente, não era acessível a um estudante pós-graduado. Passava, então, horas a fio, terminada a jornada de trabalho e antes de ir para o laboratório, ouvindo rádio. Quando voltei à Inglaterra, em várias ocasiões, embora para curtas permanências, procurei a mesma excelência nos programas de TV. Assisti, sem dúvida, a programas excelentes, porém esporádicos, sem aquela assiduidade inesgotável dos bons programas de rádio da década de 50.

Sofri, pessoalmente, tudo o que motiva as piadas sobre a comida dos britânicos, com a agravante das conseqüências, ainda não contornadas, da guerra recente. Resultado: engordei alguns quilos, porque passei a alimentar-me com os biscoitos e chocolates de fabricação inglesa, dos melhores do mundo.

Deslocava-me, invariavelmente, de bicicleta, dentro da cidade de Cambridge. Gostava do exercício físico, embora tivesse de adaptar-me à mão-inglesa, em meio ao tráfego pesado. Recordo o primeiro dia em que, ao sair do laboratório por volta das dezoito horas, havia baixado o famoso nevoeiro sobre a cidade. E eu me vi na bicicleta, ladeando os enormes ônibus, sem enxergar um palmo diante do nariz, do lado errado da rua. Confesso que senti medo. Depois me acostumei.

No laboratório de McCance, almoçávamos, nos dias úteis, em torno de uma mesa ampla, onde se reuniam todos os do Departamento, desde o professor aos técnicos de laboratório, cerca de 15 pessoas. Semanalmente, nos cobravam uma ninharia pela compra do material culinário, que era processado pela dietista do Departamento, uma ótima cientista e péssima cozinheira. A comida era totalmente insossa, embora de todo saudável. Comi “couve de Bruxelas” para os restantes dias da minha vida. Mas, a conversa era muito instrutiva. Quando não havia convidados, discutia-

se a rotina do laboratório, tanto nos aspectos científicos, como administrativos. Eram freqüentes as “bicadas” do chefe nos subordinados, destes naquele e dos subordinados entre si. Em matéria de sutilezas e hipocrisia, uma verdadeira delícia para um neófito do Terceiro Mundo, desprovido de sofisticação. Tornavam-se, ainda, mais interessantes as conversas, quando havia convidados, o que ocorria duas a três vezes na semana, enquanto o professor não estava viajando. Foi assim que ouvi debatidos, por exemplo, os planos de uma expedição à Antártida, que incluíam estudos metabólicos sobre a adaptação dos seres humanos às condições que lá prevalecem. Para que se tenha idéia da variedade das amizades de McCance, em dois desses almoços a discussão girou em torno de chegadas de base científica solicitadas pela autora do livro de culinária de maior sucesso na Inglaterra, ao preparar nova edição do mesmo livro.

Antes desses almoços, vez por outra, um dos pesquisadores me convidava para tomar um copo de cerveja em um “pub” bem próximo aos laboratórios onde trabalhávamos. Os colegas me apontavam a vizinhança de cientistas de renome mundial, da própria Universidade ou em visita a ela, diante do seu copo daquela cerveja espessa e não gelada, ora meditando, sozinhos, ora com um ou dois interlocutores. Numa dessas ocasiões ouvi do pesquisador inglês que me convidara, uma curiosa comparação entre hábitos britânicos e norte-americanos: com a maior naturalidade, os universitários de Cambridge interrompiam o dia de trabalho para tomar um copo de cerveja, enquanto meditavam durante meia a uma hora; nos Estados Unidos, seria este hábito inaceitável, devido ao puritanismo – com o cultivado sentido de hipocrisia – que norteia a vida social dos norte-americanos.

A caminho de Cambridge, fizera escala em Paris. Lembro-me de carta que escrevi aos meus pais, na qual dizia que a realidade havia ultrapassado os limites de minha capacidade de imaginar, apesar do altíssimo nível das expectativas acumuladas desde a infância sobre a magia daquela cidade. Eu conhecia já Nova York razoavelmente bem. Muito do que, no seio da minha família, se apresentava como característico da

superioridade de Paris, eu encontrara em Nova York e devia ser comum a outras das grandes capitais do mundo. Apesar disto, em poucos dias, pude captar muitas peculiaridades que conferem identidade própria a Paris, e a colocam em plano especial, bem acima do que possui de comum com as outras megalópoles. Basta, para isso, andar pelas ruas, observar as edificações, ao longo dos séculos, olhar as vitrines, passar pelas livrarias, escolher os restaurantes, bares e cervejarias. E visitar os museus, a Comédie Française, a Ópera, as catedrais, os locais de interesse histórico, incluindo as excursões pela vizinhança (Fontainebleau, Versailles), para ficarmos definitivamente conquistados pela alma da cidade.

Ao fim de poucos dias, tive de seguir viagem, porque era esperado em Cambridge, com data marcada. Não tardou a oportunidade de voltar, para os feriados do Natal e Ano Bom. Nesse primeiro impacto de descoberta da Europa, tive excelente cicerone, no meu tio Eduardo Figueira, irmão de minha mãe, solteirão que havia passado parte da vida atravessando o Atlântico de um lado para o outro, da Bahia para Paris, com escalas em Londres e outras cidades européias.

Na segunda – e igualmente breve – visita a Paris, participei de reunião muito especial. Pouco tempo antes, enquanto estava em Boston, no Massachusetts General Hospital, trabalhamos, lado a lado, o chefe do laboratório, o americano dr. Alexander Leaf; o mais inglês dos ingleses que conheci, o dr. Olíver Wrong; e um suíço de Genebra, o dr. Jacques Chatillon. Naquele fim do ano de 1954 pudemos reencontrar-nos, os quatro, reunidos em férias, em Paris. Foram dias extremamente gratos, pela troca de idéias sobre os trabalhos que vínhamos realizando, depois de regressarmos às nossas terras de origem; sobre os progressos na vida profissional e sobre as conquistas de ordem intelectual, repassadas e debatidas enquanto caminhávamos pelas ruas de Paris, em ambiente que tem servido, ao longo de muitos séculos, como fonte de inspiração para as aventuras do espírito.

Quando terminei meu estágio em Cambridge, em março de 1955, fiz uma excursão de três semanas a vários países do Norte da Europa, da

qual conservo a mais grata recordação. Em cada cidade onde chegava, tinha uma ou mais pessoas conhecidas, envolvidas em pesquisa biomédica, contactadas previamente para a organização do programa de viagem. Embora tão rápida, teve esta seqüência de visitas um conteúdo cultural que me serviu para o resto da vida.

Partindo de Londres, tomei o avião para Oslo, o primeiro dos Países Escandinavos que tinha a oportunidade de conhecer. A economia norueguesa ainda mostrava as marcas da 2ª Guerra. O petróleo do Mar do Norte, que revolucionou a economia daquele simpático país, ainda não estava sendo explorado. Mas, foi bastante visitar o Rickhospitalet, passar um domingo nas montanhas cobertas de neve, e freqüentar os museus e concertos que a cidade oferece, para criar a maior simpatia por esse povo, relativamente pobre, porém dotado de extraordinário lastro cultural. Um dos meus antigos companheiros do Hospital Belevue, da temporada novaiorquina de 1950, o dr. Heisto, assim como uma bioquímica que trabalhava no laboratório do prof. Leaf, ao mesmo tempo que eu, ambos noruegueses de origem, foram os esplêndidos cicerones nesta simpática descoberta da Escandinávia.

De trem, desloquei-me de Oslo para Estocolmo. Fui, então, verificando como podem ser diferentes povos e nações que estamos habituados, equivocadamente, a considerar partes de um todo relativamente homogêneo. A simpática pobreza dos noruegueses, ao transitar de Oslo para Estocolmo, era substituída, notoriamente, por uma riqueza ostensiva e arrogante. Este contraste se mostrava particularmente nítido naquela época, uma vez que a guerra havia empobrecido a Noruega e “engordado” a Suécia, graças à polêmica neutralidade desta última. Parecem-se os dois países, contudo, numa particularidade: a beleza das suas mulheres, cujo estilo de vida, a nós, latino-americanos, ainda surpreendia e sempre deliciou. Visitei o Instituto e o Hospital Karolinska, cumpri verdadeira maratona no imenso Hospital do Sul de Estocolmo, conversei com alguma das notabilidades das respectivas equipes, e dediquei um dia à maravilhosa cidade universitária de Uppsala onde, acompanhado

de uma linda estudante sueca, provei a famosa cerveja dos vikings, cujo principal ingrediente é o mel de abelhas. Continuando a viajar de trem, fui na direção sul para Lund, onde visitei laboratórios científicos; daí para Malmo, onde fica belíssimo hospital universitário. Invariavelmente, encontrava a mesma exuberância de equipamentos, a proficiência nos serviços e uma aparente frieza nos contactos humanos.

Deixei para trás a Suécia no trem que se acomoda no *ferry-boat* noturno, para atravessar o Mar Báltico em direção a Copenhagen. E mergulhei no inesgotável *smagsbird*, servido no próprio barco. Nos ambientes que freqüentei, durante a semana seguinte, as dinamarquesas não me pareceram tão bonitas quanto as suecas, porém exibiam uma espontaneidade e uma simpatia, mesmo nos ambientes de trabalho, que as distinguia das beldades do país vizinho. No ZooFysiologisk Laboratorium da Universidade de Copenhagen, o chefe, prof. Hans Ussing, sucessor direto do herói nacional da ciência dinamarquesa, o prof. Krogh, tinha-se tornado amigo pessoal do prof. Leaf. Este último, meu chefe em Boston, vinha usando nas suas experiências mais recentes, um modelo idealizado pelo sábio dinamarquês. Tive do prof. Ussing inesquecível acolhida. Sem a pressa nem a pompa dos cientistas de outros países, o dr. Ussing manteve comigo longas conversas, abrindo os meus horizontes para além da estrita significação dos seus trabalhos experimentais.

As paradas seguintes foram na Holanda, onde visitei, de forma muito rápida, Haya, Leyden e Eindhoven. No Rikshospital de Haya, numa velha enfermaria do estilo das nossas santas casas, haviam se realizado, pelo prof. Borst, na década de 1930, estudos sobre o metabolismo hidromineral que tiveram cunho pioneiro, e se relacionavam diretamente com os meus trabalhos sobre os “receptores de volume”. Deliciei-me na conversa, em inglês, com colegas daquela unidade, assim como pude apreciar o elevado nível do pessoal dos laboratórios de Fisiologia e Bioquímica da Universidade de Leyden. Em Eindhoven, pude sentir a pujança do parque industrial da Holanda, voltado para a mais avançada tecnologia.

Terminei a viagem em Paris, sempre de trem, depois de haver atravessado a Bélgica sem qualquer escala. Pela terceira vez chegava à cidade que, desde a minha infância, tinha aprendido a reverenciar como a Capital do Mundo. Sempre em visitas curtas, sem deixar de conhecer os serviços médicos de maior reputação no campo da fisiopatologia renal e do metabolismo hidromineral – como o do prof. Jean Hamburger –, mais uma vez dediquei os poucos dias de que dispunha a andar pelas ruas, pelos museus, catedrais, teatros, livrarias, cafés, restaurantes, e tudo mais que tem a sua marca muito especial, capaz de destacar Paris das outras grandes cidades. Toda essa viagem pela Escandinávia e parte da Europa Ocidental não durara mais do que vinte dias, intensamente aproveitados e que me deixaram impressões indeléveis sobre vários países e diferentes povos, a maioria dos quais eu não voltaria a visitar até agora.

Em abril de 1955 voltei para casa e para o laboratório do 6º andar do Hospital das Clínicas, que havia deixado a pleno vapor, tanto para a realização de dosagens no sangue e na urina de pacientes, como para a experimentação em animais. Em várias áreas vizinhas à do laboratório, havíamos instalado um pequeno canil e uma sala de cirurgia adaptada para trabalhar com cães. A intensa atividade do serviço clínico-experimental continuava a atrair colaboradores de excelente categoria. Recebíamos, com freqüência, a visita de personalidades de outros países, ora para curtas permanências, de poucos dias, ora para se incorporarem à equipe durante várias semanas ou meses. Entre outros, cito o meu chefe no Massachusetts General Hospital, o dr. Alexander Leaf, acompanhado do dr. Stephen Crane, chefe do Serviço de Artrologia e grande conhecedor do metabolismo de cálcio e fósforo, do mesmo Hospital; o dr. Oliver Wrong, responsável pelo laboratório de metabolismo hidromineral do University College Hospital, em Londres e, depois, do Hammersmith Hospital, da mesma cidade; o dr. E. Hugh Luckey, na época chefe do Departamento de Medicina Interna da Universidade de Cornell, no New York Hospital; o dr. Richard Silver, hematologista do mesmo Hospital, que esteve entre

nós durante quase um ano, e ajudou na estratégia de implantação da residência médica; o dr. Frank Neva, especialista em moléstias infecciosas do Departamento de Saúde Pública Tropical da Universidade de Harvard. Ainda na mesma época, começamos a receber estudantes de último ano da Universidade de Harvard, interessados em conhecer de perto doenças infecto-contagiosas encontradas no clima tropical, em programa supervisionado pelo prof. Thomas Weller, chefe da Saúde Pública Tropical de Harvard. O dr. Weller se tornou amigo do nosso Hospital. Sua visita se repetiu várias vezes, relacionando-se tanto à orientação do programa de estudantes, como à implantação de projetos de pesquisa. Ao prof. Weller havia sido conferido o Prêmio Nobel, em virtude de trabalhos sobre a cultura do vírus da poliomielite, que abriram caminho para as vacinas contra a terrível doença. Para tudo isto, além de apoio da Universidade Federal da Bahia, contávamos com o apoio de fundações norte-americanas e inglesas.

Eu dedicava algumas horas do dia aos trabalhos experimentais e à leitura de livros e revistas especializados. Mas, a maior parte do meu tempo era ocupado na enfermaria e no ambulatório, na companhia de estudantes e colegas, na atividade clínica, examinando e tratando os doentes do Hospital das Clínicas. Segundo tradição que importamos de civilizações mais antigas, quando adoeciam integrantes dos segmentos mais carentes da sociedade, sem condição de remunerar os serviços necessários à recuperação da saúde, procuravam eles os hospitais universitários, onde eram atendidos gratuitamente. Como “compensação”, se submetiam às práticas de ensino e pesquisa, dentro dos princípios da ética profissional. Eram esses pacientes rotulados de “indigentes”, expressão que, felizmente, já não se ouve com a mesma freqüência nos hospitais universitários. Graças ao gradual aperfeiçoamento do que hoje se rotula de “seguridade social”, a despeito de todas as falhas do nosso processo de desenvolvimento, o “indigente” foi sendo substituído pelos que têm a consciência de um sistema previdenciário a dar cobertura às suas necessidades no tocante à saúde. Enquanto o “indigente” se portava como um

desvalido, à mercê das benesses da instituição e dos que a representam, os beneficiários da Previdência esperam, ao menos, que os horários de consulta sejam respeitados, e que o tempo necessário à solução dos seus problemas não se estenda exageradamente.

O convívio intenso, de muitas horas por dia durante anos a fio, com os pacientes que enchiam as enfermarias e ambulatórios do Hospital Universitário, nas décadas de 1940 a 1960, me proporcionou a compreensão profunda do estilo de vida dos menos favorecidos da nossa sociedade. Solidarizava-me inteiramente com os seus padecimentos, muito além das manifestações das doenças de que eram portadores. Aprendi a lidar com os “indigentes”, a captar-lhes a confiança e entender o que era a sua “visão do mundo”, assim como a compartilhar dos seus esforços pela sobrevivência em meio às limitações impostas pela pobreza extrema e pela moléstia. Na verdade, durante quase duas décadas, dedicadas quase integralmente à atividade clínica, não tive pacientes que não fossem “indigentes”. No intenso ritmo que imprimia às minhas tarefas hospitalares, sentia-me, inteiramente, comprometido com os propósitos de melhoria da qualidade de vida dos mais carentes da nossa população. Em outras palavras, enquanto exercia o magistério universitário com dedicação exclusiva, em rígido esquema de disciplina intelectual e profissional, observado por mim mesmo e exigido dos colaboradores, fui acumulando os impulsos que, alguns anos mais tarde, me levaram à atividade política. É por isto que, na minha vida pública, facilmente se identifica a constante preocupação com os que nunca tiveram acesso aos benefícios da vida moderna e se têm mantido à margem do processo de desenvolvimento econômico e social.

Foi nesse ambiente que preparei a tese para a cátedra. Nele reuni dois trabalhos, ambos do vasto campo do metabolismo hidromineral, e referentes à regulação do equilíbrio ácido-básico. Dei-lhe o título “Da regulação renal e tecidual do equilíbrio ácido-básico”, e nela apresentei os resultados de dois modelos experimentais, bem diversos um do outro: um em que estudava a função renal em seres humanos, e o outro realiza-

do em cães. Também fiz duas revisões críticas da literatura, respectivamente sobre a regulação renal e acerca da regulação tecidual do equilíbrio ácido-básico. O imenso esforço que empreendi para a preparação dessa tese, mesmo depois de passados tantos anos, ainda me assombra e deixa “arrepiado”. Todo o trabalho, no laboratório, nas enfermarias, nas bibliotecas, na elaboração de tabelas e gráficos, na datilografia, na tipografia, tudo exigia presença pessoal, muita tenacidade e muita convicção do elevado significado da atividade universitária. Os dois trabalhos de que se compunha a tese foram depois refundidos na língua inglesa e, para grande orgulho meu, publicados em revistas de circulação internacional. Um deles, sob o título “Sodium and water depletion and ammonia formation by the kidney”, no *Journal of Clinical Investigation*. O outro, rotulado de “Extra-renal action of the adrenal glands on potassium metabolism”, no *American Journal of Physiology*.

O preparo para as provas escrita e oral do concurso para cátedra envolveu, nos anos de 1954 a 1956, esforço de leitura análogo ao que havia empreendido anteriormente para a docência livre, porém, com duas diferenças: no concurso para a cátedra, tinha eu um competidor, enquanto que a docência livre não tem caráter competitivo; de outra parte, os “pontos” para o concurso de cátedra abrangiam os programas curriculares de três cátedras de Clínica Médica, enquanto para a docência livre a matéria se limitava ao programa de uma só cátedra, a de Clínica Propedêutica Médica.

Nesse ritmo intensíssimo, em poucos anos cumpri todos os requisitos para chegar ao topo da carreira de magistério e, aos trinta anos de idade, em dezembro de 1956, alcancei a cátedra. Dali para a frente, pelo resto da vida, dispunha de uma enfermaria, um ambulatório, um laboratório de pesquisa e dos serviços auxiliares do Hospital das Clínicas. *Era o sonho tomado realidade*. Em toda minha vida profissional e pública, nunca voltei a aspirar nada com o mesmo vigor e a mesma fé, como aspirava a cátedra. E nunca tive tão forte sentimento de alegria, em virtude de tantas conquistas alcançadas, quanto ao assumir a 2^a cadeira de Clínica Médica da

Universidade da Bahia. Eram tão propícias as condições de trabalho no Hospital das Clínicas, que eu imaginava, para o resto da vida, continuar o que fizera até então, pesquisando, cuidando dos pacientes, frequentando e mantendo intercâmbio com serviços de especialidades afins nas melhores universidades do mundo. Era a forma de retribuir à minha comunidade os benefícios da formação científico-profissional que eu havia tido. E foi isto que fiz, durante os anos seguintes.

Já livre do fantasma dos concursos, com um cargo vitalício, via-me na obrigação de questionar o que havia de obsoleto na estrutura acadêmica onde estava inserido. A começar pela organização do currículo médico. E também para expandir as oportunidades de formação de pesquisadores e de realização de pesquisas. Paralelamente a isso, promover a educação médica a nível de pós-graduação, começando pela residência médica. Nas outras grandes faculdades do País, havia professores pouco mais velhos do que eu, com idéias e propósitos muito afinados aos que eu defendia. Formamos um grupo que veio a ter enorme influência na evolução das faculdades de Medicina do Brasil, na virada da década de 50 para 1960. Em congressos e seminários, ao participarmos juntos de bancas examinadoras de concursos pelo Brasil afora, fomos aprofundando as nossas conversas. As idéias foram amadurecendo e, em 1961, sob a minha coordenação e com o apoio da Fundação Kellogg, realizamos no Hospital das Clínicas da UFBA a I Conferência sobre o Ensino da Clínica Médica, que foi um grande sucesso e se constituiu num dos mais decisivos marcos para a renovação do ensino médico no Brasil. Dedicado a um gênero de atividade que eu adorava, estava me transformando num especialista na organização do sistema de formação de médicos para o Brasil.

Realizou-se a I Conferência sobre o Ensino da Clínica Médica de 21 a 25 de fevereiro de 1961, com o patrocínio da Universidade e da Fundação Kellogg. A Comissão Organizadora era constituída de seis professores dessa disciplina, cada qual de uma das mais destacadas faculdades do País: os professores Antonio Ulhoa Cintra, de São Paulo, Clementino Fra-

ga Filho e Carlos Cruz Lima, do Rio de Janeiro, Caio Benjamin Dias, de Belo Horizonte, Hélio Lourenço de Oliveira, de Ribeirão Preto, e eu. Eu era bem mais jovem que os demais. Mas, a iniciativa havia sido minha e a mim coube a coordenação dos trabalhos, desde a fase de preparação. Um questionário sobre a situação dos serviços responsáveis pelo ensino de Clínica Médica, foi previamente distribuído por todas as faculdades brasileiras. A conferência foi totalmente calcada sobre a análise dessas respostas. Acompanhando o questionário, foi distribuído um informe preliminar, no qual se lê:

Durante muitos anos, até logo após 1950, pouco variaram as normas de ensino clínico no Brasil. O progresso no ensino médico até então esteve mais na dependência, aqui ou ali, de melhoria de instalações, ou de instrutores e professores de melhor formação e mais interessados. Não se notava, entretanto, a preocupação de melhorar os métodos de ensino, coordenar e integrar as atividades didáticas das diferentes cátedras, estudar o aproveitamento mais eficiente do pessoal e das instalações disponíveis, de modo a permitir participação mais ativa do aluno no processo de aprendizado. Havia, é verdade, em cada turma, uns poucos estudantes-internos, que logravam boa formação médica por seu trabalho contínuo nos serviços mais ativos e melhor orientados. Estes privilegiados representam uma pequena percentagem do total de alunos. Dos restantes a Escola pouco mais fazia além de aprová-los em exames, abrindo-lhes assim o caminho para a obtenção do diploma.

As conclusões e recomendações resultantes dos debates tiveram influência decisiva sobre a conduta da maioria das faculdades, que se mostravam ávidas a modernizar o processo da formação dos futuros médicos.

Com o passar do tempo, multiplicaram-se as reuniões para o debate da organização do ensino médico, nas diferentes disciplinas. A nossa conferência teve, irrefutavelmente, papel pioneiro, depois de muitos anos de estagnação no tocante a assunto de tanta relevância.

Os objetivos do ensino da Clínica, especialmente a coordenação das diversas fases que compõem a formação do médico; o relacionamento da

Clínica Médica com as demais disciplinas, básicas e profissionalizantes; as cargas horárias; a participação ativa dos estudantes; o “estágio” dos alunos nos horários “em bloco”; os processos de avaliação da aprendizagem; o internato do 6º ano; a residência médica, então incipiente no Brasil; as disponibilidades de serviços hospitalares; o recrutamento e o aperfeiçoamento do pessoal docente; a transição dos métodos tradicionais para a modernização – são exemplos de tópicos tratados nos debates e constantes de publicação que teve extensa divulgação, grande procura e muitos aplausos.

Mais tarde, estas idéias se expandiram, e passei a ocupar-me com a inserção dos estudos médicos na estrutura universitária e com a articulação entre esta e os serviços comunitários de saúde. Vários artigos e conferências, que escrevi a respeito, foram reunidos num livro, sob o título “Ensino médico e assistência à saúde”. Das cogitações daquela época, muitas continuam relevantes e atuais.

* * *

Embora minha renda pessoal não fosse grande, eu gastava menos ainda, e ia fazendo a minha poupança. Era solteiro, morava com os meus pais, e todas as viagens que fiz ao exterior foram financiadas por entidades internacionais de fomento à pesquisa. Depois de muitos anos, chegou o momento em que caberia fazer algum investimento mais expressivo, visando a assegurar melhor receita pessoal, no futuro. Meu irmão Eduardo, experimentado na atividade empresarial, buscava uma fazenda de cacau que estivesse à venda, em condições boas para o comprador. Ao encontrá-la, sugeriu que a compra poderia interessar aos três irmãos, ele, Fernando e eu. A lavoura de cacau era excelente negócio. Além de altamente rentável, pelos bons preços no mercado internacional, não exigia a presença constante do proprietário. Combinamos, entre os irmãos, que eu me encarregaria de visitar, periodicamente, a fazenda, para supervisionar a atividade rural, enquanto Eduardo se encarregaria da comercialização

feita entre escritórios na Capital. Pouco tempo depois, ele e eu compramos a participação inicial do irmão caçula. Boa parte do pagamento pela compra da fazenda ia sendo feita pelo produto da própria fazenda. Ao ser adquirida, estava a propriedade em péssimo estado de conservação e produzia menos da terça parte do que veio a produzir mais tarde. O antigo dono, cacauicultor tradicional, estava envelhecido, com a saúde abalada e resolveu mudar-se para a Capital. Nos últimos anos em que esteve à frente da lavoura, já não tinha condição física para bem cuidar dela. Os hábitos dos trabalhadores e agregados se haviam relaxado e as roças estavam descuidadas, com baixa produtividade. Em fins de semana, sem prejuízo para os trabalhos no Hospital, tomava um avião de carreira para Ilhéus, alugava um automóvel, e seguia pela velha estrada de barro, a BA-2, em direção norte, até cerca de dez quilômetros da nossa sede. Terminava a viagem no lombo do burro. Quarenta e oito horas depois retomava a Salvador. Assim me iniciei na atividade de produtor rural e por ela fui tomando gosto. Não podia adivinhar que, muitos anos mais tarde, esta atividade viria a crescer de importância na ocupação de meu tempo. Familiarizei-me com os problemas do cacau e da região que o produz na Bahia. Mais do que isto, passei a conviver com os trabalhadores rurais e suas famílias. Assim como os pacientes da enfermaria e do ambulatório do Hospital Universitário me ensinaram o conhecimento direto dos meios de vida da nossa população urbana mais carente, as visitas periódicas à fazenda de cacau me proporcionaram o convívio com as dificuldades e limitações do homem do campo e de suas famílias. Foram essas as raízes da transformação que se tornou aparente muitos anos depois, quando passei, gradualmente, da atividade acadêmica para a militância política, motivado pelo meu inconformismo em face da acomodação generalizada das lideranças diante das privações que marcam a vida de grande parte dos nossos concidadãos.

Desde então, não me desliguei da fazenda de cacau, nos tempos bons e nos tempos maus dessa lavoura, ao longo de períodos em que pude dar-lhe assistência mais assídua, entremeados de outros em que, por estar

temporariamente residindo no Rio de Janeiro, em Brasília ou no exterior, tornavam-se mais espaçadas as minhas visitas. Dela, nos bons tempos do cacau, retirei parcela expressiva dos meus meios de subsistência, antes e depois de constituir família. Acompanhei de perto a evolução da tecnologia da produção e do beneficiamento do cacau, conseqüente às pesquisas e à assistência técnica da Ceplac, órgão que mereceu o meu apoio e a minha admiração. Sempre no melhor entendimento com Eduardo, fomos ampliando e modernizando a plantação e experimentando as possibilidades de melhor aproveitamento da fazenda, diversificando a sua exploração.

* * *

Todos os meus tios e primos do lado materno moravam muito próximo uns dos outros, em casas situadas no bairro da Barra, em Salvador. A quase totalidade dos que iniciavam, pelo casamento, nova família, instalava-se na mesma vizinhança. Eu continuava morando com os meus pais, muito absorvido pela preparação das teses e dos concursos e pela dedicação exclusiva ao Hospital das Clínicas. Chegou, entretanto, o momento em que decidi ter a minha própria casa, embora não houvesse casado, ainda. Depois de examinar vários terrenos dentro de Salvador, optei por uma área no bairro da Pituba, considerado então muito distante, e onde se encontravam, quase exclusivamente, casas de veraneio e para fins de semana de umas poucas famílias que residiam no centro de Salvador. Continuei a fazer a maioria das refeições na casa dos meus pais, porém criei um ambiente totalmente ao meu gosto, até que, ao casar, Maria Amélia promoveu alterações para adaptá-la ao novo estilo de vida. Com alguns intervalos, nos quais moramos no Rio, em Brasília, na residência oficial de Ondina e no exterior, conservei essa mesma casa, para a qual voltei, invariavelmente, durante muitas décadas.

* * *

Do final de 1959 ao começo de 1960, passei na Alemanha o período correspondente às nossas férias de verão, trabalhando no Instituto de Medicina Tropical de Hamburgo. Era, já, catedrático da Faculdade de Medicina. Os meus trabalhos de pesquisa haviam incidido sobre o metabolismo hidromineral, assunto que se incluía, na época, entre os considerados “de ponta” no âmbito da medicina clínica e experimental. As revistas de circulação internacional, mais exigentes quanto à qualidade dos trabalhos aceitos para publicação, estampavam bom número de artigos oriundos dos serviços mais avançados do mundo, versando esse assunto. Em outras palavras, a competição entre pesquisadores deste ramo se colocava em nível muito alto. A literatura da época sobre as chamadas doenças “tropicais” não tinha, em geral, o mesmo nível de rigor científico encontrado no campo do metabolismo hidromineral. No passado, o Instituto de Medicina Tropical de Hamburgo havia realizado trabalhos da mais alta importância, entre os quais alguns relativos à patologia encontrada no Brasil. Passado o período de estagnação, subsequente à 2ª Guerra Mundial, quando a Alemanha voltara toda a sua economia para as tarefas mais urgentes da restauração, o Instituto estava se reaparelhando para retomar o antigo nível de atividade científica. Por intermédio da Embaixada da Alemanha no Brasil, obtive uma bolsa do Akademische Austausch Dienst, e para lá viajei em setembro de 1959. Cuidei de recuperar o que me restava da língua alemã aprendida na infância, e pouco utilizada desde a adolescência.

Tive muito boa acolhida no Instituto, embora o ritmo da atividade científica não fosse, ainda, comparável ao de outras instituições onde eu havia trabalhado. A maioria dos professores tinha a seu crédito publicações importantes, porém não muito recentes. E não haviam, ainda, incorporado aos seus instrumentos de trabalho, métodos e processos mais modernos. Logo percebi que, no limitado prazo de quatro a cinco meses de que dispunha, melhor seria aproveitar a maior parte do tempo ampliando os meus horizontes culturais. Valendo-me do muito que oferecem a cidade de Hamburgo e a nação alemã, interessei-me pelo estudo da organização

da universidade germânica, como pré-requisito da imensa contribuição por ela oferecida à pesquisa científica, nos mais diferentes ramos do conhecimento. O Instituto dispunha de uma biblioteca bem organizada, e por intermédio da eficiente bibliotecária, tive acesso a outras bibliotecas da Universidade de Hamburgo, e a professores que se tinham dedicado a estudos históricos relativos à experiência das universidades alemãs. Assuntos como a evolução da carreira do magistério, a pós-graduação em relação com a pesquisa, o governo das universidades, eram objeto de importante literatura que examinei em profundidade, e que me serviu enormemente, mais tarde, na condição de reitor e de presidente do Conselho Federal de Educação, assim como em reuniões internacionais sobre ensino universitário.

A cidade de Hamburgo, de outra parte, com a sua tradição de intenso intercâmbio comercial com todo o mundo, graças à sua atividade portuária multissecular, oferecia inúmeras oportunidades, nos seus museus, casas de espetáculos musicais e de artes cênicas, para quem tinha os olhos abertos e insaciável curiosidade intelectual.

Ao final da temporada no Tropeninstitut, fiz rápida excursão a outras regiões da Alemanha e a outros países da Europa. Na visita a Berlim, pude constatar as incríveis diferenças que se instalaram no após-guerra, entre os lados Ocidental e Oriental. O grande dinamismo comercial e artístico, mantido em parte da cidade pela injeção maciça de dinheiro ocidental, contrastava notoriamente com a imagem de pobreza da população sob o domínio soviético. Do ponto de vista político, o que mais me impressionou foi o monumento à mãe do soldado soviético, situado no coração de Berlim, no Treptower Park. Nele se enxergava a marca pesada da arquitetura e da estatuária soviéticas, num monumento que me parecia verdadeira provocação aos patriotas da Alemanha derrotada na guerra, aparentemente conformados diante da permanente lembrança da força da ocupação estrangeira, plantada no solo da orgulhosa capital da Prússia.

Outra lembrança, bem diferente desta, me ficou, de forma indelével, da mesma excursão pela Alemanha da época. Foi a da passagem de algumas horas por uma pequena aldeia medieval, a cidade de Zelle, situada bem no centro do território alemão. Nas excursões anteriores que fizera pelo velho mundo europeu, não havia encontrado até então, um conjunto arquitetônico medieval urbano tão simpático quanto esse.

Depois do breve interregno da viagem à Alemanha, reiniciei atividades no Hospital e na cátedra de Clínica Médica. Vivíamos, então, as crescentes dificuldades que se ofereciam à continuidade do trabalho de meu pai à frente da Reitoria. O sucesso alcançado, com a ênfase nas artes e no intercâmbio cultural, era estranhado por muitos, que não se haviam compenetrado das múltiplas funções da Universidade, relativos ao desenvolvimento cultural no sentido mais amplo, à pesquisa científica, à formação de pesquisadores, e continuavam aferrados às limitações do tradicional esquema das escolas isoladas, cada qual cuidando do treinamento de determinada categoria de profissionais.

Enquanto eu hauria enorme satisfação do que vinha realizando na área médica, os debates referentes à Universidade, em seu conjunto, apontavam para a necessidade de novo impulso criativo, que completasse a integração universitária iniciada com a aglutinação de faculdades, nas décadas de 30 e 40. Começava a perceber-se a imensa lacuna de que sofriam as nossas universidades, pela reduzida atenção historicamente atribuída a setores básicos do conhecimento, à Matemática, à Física, à Química, à Biologia, às Ciências da Terra, às Ciências Humanas e às Letras. Dentro de cada universidade, o ensino e a escassa pesquisa nos campos fundamentais do saber, estavam pulverizados entre as diversas faculdades que cultivavam essas disciplinas, apenas, pelo seu interesse propedêutico, como introdução ao verdadeiro objetivo, que era a formação profissional. Somente, nas Faculdades de Filosofia, encontravam-se departamentos encarregados das disciplinas básicas, a serviço dos alunos da própria faculdade, sem que houvesse qualquer integração com as demais unidades universitárias.

Vivíamos fase de grande trepidação na história do País. Juscelino Kubitschek havia empolgado o Brasil com a idéia do “desenvolvimentismo”. A industrialização tomava novos rumos e adquiria maior dimensão. A Universidade tinha de adaptar-se à nova dinâmica da sociedade. Impunha-se a pesquisa científica, para melhor conhecermos as nossas matérias-primas, o potencial da nossa mão-de-obra e do nosso mercado. Brasília oferecia oportunidade para a criação de pujante universidade em moldes novos. Seria, talvez, mais fácil criar, do começo, uma universidade, numa cidade onde não preexistissem as faculdades tradicionais, antes de remodelar as antigas, ao menos enquanto se testavam os novos princípios e diretrizes. Talvez fosse esta a última das ocasiões para criar-se uma grande instituição federal de educação superior, seguindo novo modelo, ao qual as outras viriam a ajustar-se, subseqüentemente. Meu pai estava entusiasmado com a concepção proposta por Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, para a Universidade de Brasília, em organização. De um lado, pensava na estratégia de como adaptar a UFBA às novas idéias. De outra parte, procurava convencer-me de que este era o caminho do futuro, e de que eu deveria transferir-me para a Universidade de Brasília. Vivíamos esses debates quando foi meu pai preterido na nomeação para mais um mandato de reitor, o último que exerceria antes de aposentar-se. Instalou-se clima de revanchismo contra tudo o que ele havia realizado. Na Faculdade de Medicina, particularmente, uns poucos desafetos que insistiam em combatê-lo, se consideraram vitoriosos e entenderam que deveriam apagar a memória do que ele havia representado para a Bahia e para a Universidade. Foi um período de incompreensões, de radicalização e de tumultos, que haveria de durar pouco tempo.

Eu havia recebido e aceito convite para o que se designava como “Return Fellowship”. Isto é, aos antigos bolsistas da Fundação Kellogg, que se haviam destacado na carreira universitária, a mesma Fundação oferecia a oportunidade de voltar aos grandes centros médicos, para a atualização e o intercâmbio de experiências. Não hesitei quanto à escolha do local para onde iria: o Laboratório de Metabolismo Hidromineral

do Massachusetts General Hospital, em Boston, dirigido pelo prof. Alexander Leaf.

E assim parti, mais uma vez, para o exterior, financiado com recursos externos. Ao despedir-me dos meus, não podia imaginar que não voltaria a ver meu pai, falecido, inesperadamente, poucos meses depois.

Voltava a Boston com experiência de vida muito mais vasta do que quando chegara, pela primeira vez, aos Estados Unidos, em 1950. Já não havia por que voltar a deslumbrar-me com tudo o que eu descobrira, mais de dez anos antes. Tinha acumulado razoável experiência clínica, havia realizado vários trabalhos de pesquisa, organizado um serviço hospitalar, dirigido uma equipe de colegas do mais elevado padrão intelectual e profissional. Voltei a freqüentar as sessões de debates de temas clínicos, no Hospital Geral de Massachusetts e em outros hospitais de Boston. A maior parte do meu tempo foi dedicada a pesquisar os níveis sangüíneos do hormônio antidiurético em portadores de afecções hepáticas, mediante um ensaio biológico. Dava, assim, continuidade, usando metodologia mais refinada, ao trabalho da tese de docência livre. E aproveitava a familiaridade com os ensaios biológicos, e com o tratamento estatístico delicado que comportam, adquirido quando trabalhava em Cambridge. Fora dos horários hospitalares, freqüentava o Boston Symphony Hall, os vários museus e bibliotecas de Boston, as esplêndidas livrarias e lojas de discos, além de conferências e cursos de extensão fora da Medicina, a exemplo das interessantíssimas aulas de introdução à Filosofia do prof. Schaffer. Foi assim que fiz tímidas incursões nos domínios da Teoria do Conhecimento e da Filosofia da Ciência. Passei pouco mais de um semestre “bancando” o *scholar* e acompanhando os acontecimentos no Brasil e na Bahia. Minha visita, que duraria um ano, foi, então, de modo dramático, interrompida pela notícia, absolutamente imprevista e imprevisível, do súbito falecimento do meu pai. Em poucas horas, organizei-me para voltar à Bahia, sem saber se seria por poucos dias, ou se cancelaria o restante da bolsa. As comunicações e os transportes eram, notoriamente, muito mais precários naquela época do que vieram a ser mais tarde. Quan-

do cheguei a Salvador, meu pai já havia sido enterrado. Passei cerca de quinze dias na companhia da minha mãe e dos meus irmãos. Chegamos, então, à conclusão de que melhor seria completar o que eu estava fazendo, antes de voltar definitivamente.

Mas, foi muito reduzido o aproveitamento dos meses finais da minha bolsa, após o regresso a Boston. Os resultados da pesquisa que eu havia instalado com tanto esforço, jamais chegaram a ser publicados. Em colaboração com o prof. Leaf, escrevemos um artigo de atualização sobre o metabolismo do potássio, que foi publicado no prestigiado *New England Journal of Medicine* e teve extraordinária demanda de separatas.

Naquele começo dos anos 60, estava merecendo grande atenção nos países do Primeiro Mundo, o estudo da economia das regiões subdesenvolvidas. Nas minhas incursões pelas livrarias de Boston, e nos periódicos que eu lia assiduamente, aparecia o tema com grande frequência. As leituras extensas que fiz sobre o assunto motivavam, a cada instante, o confronto com o que me era dado observar no nosso próprio meio. Dali para a frente, fui me inclinando, cada vez mais, para a formulação de idéias sobre como enfrentar os problemas da nossa pobreza regional, e que me serviram muito quando, anos mais tarde, aceitei responsabilidades fora da área médica e das lides universitárias.

Edgard: os últimos tempos – 1961 a 1962

Depois da visita à Europa, em 1923, destinada à complementação do seu aprendizado cirúrgico, meu pai somente voltou a viajar ao exterior cerca de trinta e cinco anos depois, quando foi aos Estados Unidos, a convite do Departamento de Estado, para conhecer algumas universidades norte-americanas e examinar novos programas de intercâmbio. Minha mãe o acompanhou na viagem, e, também eu, convidado pela Fundação Kellogg. A comitiva era ainda integrada pelo prof. Rodrigo Argolo, professor de Técnica Cirúrgica e diretor da Faculdade de Medicina. A viagem foi extremamente proveitosa. O programa, cuidadosamente elaborado, com duração de cerca de um mês, nos ensinou contactos muito bem ajustados às aspirações da Universidade Federal da Bahia, daquele tempo. As universidades americanas se achavam em ótima fase quanto a disponibilidades financeiras. E no Brasil e na UFBA meu pai

estava no auge da sua posição de reitor. Impressionava-me, em especial, o vigor da sua curiosidade. Aos 64 anos, viajando em país que nunca havia visitado anteriormente, cercado por um idioma que não dominava, em pleno e rigoroso inverno, Edgard não deixava passar qualquer oportunidade de propor novos programas de intercâmbio e de buscar possíveis fontes de apoio financeiro para a sua Universidade. Voltou encantado com o que viu, e disposto a dar seqüência às numerosas conversas em que havia fomentado a aproximação entre a Universidade da Bahia e as instituições culturais dos Estados Unidos.

Em outra viagem que fez à Europa, aproximadamente na mesma época, foi-lhe outorgado o título de *Doutor Honoris Causa* pela Universidade de Coimbra. Eu não o acompanhei na ocasião. Porém, cerca de um ano depois, pude assistir a idêntica cerimônia, em homenagem ao prof. Carlos Chagas Filho, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pude, então, imaginar, como teria sido aquele mesmo ritual em homenagem ao meu pai. A Universidade de Coimbra se esmera em preservar a cerimônia nos moldes medievais, que se revestem de extrema beleza.

Além da Universidade de Coimbra, a de Lisboa também lhe outorgou o título de *Doutor Honoris Causa*. No Brasil, em meio a tantos títulos e honrarias, quero destacar o doutorado pela prestigiosa Universidade de São Paulo, quando era reitor o prof. Antonio de Ulhoa Cintra.

* * *

Com a sua sempre renovada visão do futuro, meu pai captou muito precocemente os novos rumos que a universidade brasileira haveria de adotar. E já se estava, posicionando na vanguarda do que iria acontecer, em futuro próximo.

Brasília estava em ritmo acelerado de construção. No ambiente universitário nacional, agitava-se a discussão em torno da nova universidade a ser implantada no Distrito Federal. Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro estavam no centro da discussão. A despeito dos inúmeros serviços presta-

dos pelas universidades brasileiras no tocante à formação de profissionais liberais, reconhecia-se o seu imenso atraso no tocante ao ensino e à pesquisa nos ramos básicos do conhecimento. Os organizadores da nova universidade se dispunham a começá-la de forma completamente diversa das que se haviam constituído até aquela data. Brasília começaria, exatamente, pelas unidades destinadas à Matemática, Física, Química, Biologia, às Ciências Humanas, e deixaria as disciplinas profissionalizantes para depois. A nova concepção entusiasmava aos que conheciam em profundidade as origens, a estrutura, e as limitações para o bom desempenho das nossas universidades mais antigas. Edgard identificou, precocemente, a profunda significação da proposta. E desencadeou as providências de caráter preliminar para a implantação na Universidade Federal da Bahia, dos novos institutos dedicados às ciências básicas. Foi esta a sua derradeira contribuição ao ensino superior no Brasil e uma das mais importantes e mais audaciosas.

No mesmo sentido, alguns anos mais tarde, avançou Miguel Calmon, durante o seu mandato, de 1964 a 67. Quando sobreveio a legislação que determinou a reestruturação das universidades brasileiras, na metade dos anos de 1960, já estavam lançados os alicerces, na Universidade Federal da Bahia, para a nova estrutura, firmada, essencialmente, na maior ênfase atribuída aos ramos básicos do conhecimento.

* * *

A cada três anos, desde 1936, submetera-se Edgard a nova eleição para a direção da Faculdade de Medicina. Figurava, sempre, no primeiro lugar das listas tríplices encaminhadas à Presidência da República para a nomeação do Diretor por decreto presidencial, havendo recebido a quase totalidade dos votos do primeiro escrutínio. Depois de criada a Universidade, eleições análogas passaram a ocorrer para escolha do reitor, feitas pelo Conselho Universitário. Até 1961, inclusive, foi ele, igualmente, na cabeça da lista. O seu desempenho nas sucessivas votações para a elabo-

ração dessas listas, muito contribuiu para a fama, por ele angariada, de político de rara habilidade. Embora pouco numerosa, a oposição a ele, com especial vigor entre uns poucos membros da Congregação da Faculdade de Medicina, procurava criar-lhe obstáculos de toda natureza. Nada disso impediu a continuidade da sua liderança, que atravessou fases em que o Ministério da Educação e Saúde, a que era subordinada a Universidade, esteve entregue a políticos que não lhe eram simpáticos, e a outros que, indiferentes ao assumirem a pasta, logo se deixavam entusiasmar pela obra que aqui se realizava.

Quando estava para organizar-se a lista em 1961, havia assumido a Presidência da República o sr. Jânio Quadros. Temperamental, instável nas suas posições e atitudes, foi modelo de insinceridade no exercício de funções públicas. Correu a notícia de que o novo presidente pretendia evitar a recondução dos reitores como Pedro Calmon, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Antonio Martins, da Universidade Federal do Ceará, e Edgard Santos na da Bahia, que já se achavam nos respectivos cargos há muito tempo. Por precaução, Edgard pediu a amigo de sua total confiança, um dos colaboradores de Jânio, que sondasse a verdadeira posição do presidente. Recebeu, de volta, a informação de que devesse estar despreocupado, porque logo ao receber a lista, o Presidente o nomearia. E teve este o requinte de acrescentar que reconduziria o antigo reitor, mesmo que não viesse na cabeça da lista. Mais uma vez foi a lista constituída com Edgard eleito no primeiro escrutínio, com a quase unanimidade dos votos. Encaminhada a indicação do Conselho Universitário à Presidência da República, não se fez esperar o responsável pela nomeação. Escolheu o segundo nome da lista.

Aos 67 anos, passou Edgard pela maior decepção da sua vida pública. O mandato que lhe foi negado terminaria quando ele completasse setenta anos. Seria o último, porque logo teria de aposentar-se por implemento de idade. E tinha se preparado para fechar com chave de ouro a sua gestão. Havia conseguido recursos, e preparado planos que lhe

permitiriam acelerar mais ainda o ritmo das suas realizações, no período final. Foi tudo por água abaixo, e se criou verdadeiro vácuo para o seu futuro pessoal imediato. A dedicação que tinha à Universidade era total, havia muitos anos. O consultório, de longa data, havia sido fechado. Na cátedra, tinha sido substituído pelo prof. Rodrigo Argolo, discípulo dele e do seu mestre Luiz do Rego, competente, estimado e leal companheiro de muitos anos. Edgard não tinha sequer um escritório onde pudesse cuidar de assuntos do seu interesse e receber os amigos. A única ocupação fora da Universidade consistia na direção clínica do Hospital Espanhol, que dele absorvia cerca de uma hora por dia, logo no começo da manhã.

Recolheu-se o ex-reitor à própria casa, onde passava praticamente todas as horas do dia, lendo, recebendo amigos, falando ao telefone, e ocupado com a extensa correspondência. Muitos dos seus amigos insistiam para que escrevesse o depoimento da sua singular experiência de educador e de administrador de ensino superior. Eu próprio fui insistente a este respeito. Mas, ele não atendia e jamais quis fazê-lo.

Ao fim do ano de 1961, foi aprovada pelo Congresso e homologada pelo presidente da República a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que vinha em tramitação desde 1948. Entre os dispositivos da nova lei figurava a criação do Conselho Federal de Educação, com atribuições muito mais abrangentes e complexas que as do Conselho Nacional de Educação, que foi extinto na mesma ocasião. Ao ministro da Educação, o dr. Oliveira Brito, baiano e amigo de Edgard, logo ocorreu o nome de meu pai entre os que submeteu ao presidente João Goulart, para compor o novo Conselho. Era a forma pela qual não se perderia a extraordinária capacidade de trabalho do antigo reitor, aliada à inigualável experiência no terreno do ensino superior.

Instalado o Conselho, logo surgiu a candidatura de Edgard para a sua Presidência. E, em eleição quase unânime, poucos meses após a grande decepção, foi Edgard novamente guindado a uma função que correspondia à sua capacidade de bem servir ao País.

Os poucos meses durante os quais exerceu a Presidência do Conselho foram altamente produtivos. O novo órgão começava a organizar-se para o desempenho das suas complexas funções. A Lei de Diretrizes e Bases veio com sentido descentralizador, de enorme repercussão para a maior agilidade dos serviços educacionais de todo o País. Era necessário elaborar o regimento, mobilizar pessoal, criar as diretrizes para o funcionamento do novo Conselho, dentro das concepções inovadoras da lei. Passou a ser esta a ocupação de Edgard, em tempo integral. O ministro Oliveira Brito o prestigiava em toda linha, assim como os seus colegas conselheiros. Ao fim de pouco tempo, já o Conselho se impunha como um novo dínamo a impulsionar a modernização do processo educacional em todos os níveis, pelo Brasil afora.

A notável contribuição que Edgard começara a dar à nova fase da educação nacional teve, porém, curta duração. Uma cirurgia de menor porte, realizada no Hospital São José, no Rio de Janeiro, seria a origem de um acidente embólico com o qual, na sua condição de cirurgião, tinha ele plena familiaridade. Poucos meses após assumir a Presidência do Conselho, submeteu-se a uma hemorroidectomia, cirurgia eletiva que vinha sendo adiada há muito tempo. Quando já poderia ter saído do hospital, não fora um curativo a ser feito na manhã seguinte, e que ele preferiu fosse feito enquanto estava hospitalizado, uma embolia pulmonar lhe causou morte súbita e completamente imprevista.

Foi geral a consternação entre os que conheciam o homem e sua obra.

Velado no Ministério da Educação e Cultura antes de deslocar-se do Rio para a Bahia e já aqui, na própria residência e na Reitoria, as homenagens a ele tributadas fizeram justiça ao bem que realizara à juventude de sua terra. Às pressas, foi providenciado o túmulo no Cemitério do Campo Santo. Ali permaneceu o corpo durante poucos anos. Em 1969, quando eu era o reitor da Universidade, foram trasladados os restos mortais para a capela do Convento de Santa Tereza, onde permanecem, ao lado dos da minha mãe, falecida quase uma década mais tarde.

* * *

Ao iniciar o depoimento que compõe o presente livro, coloquei a seguinte indagação, a respeito do papel exercido por Edgard Santos na renovação do panorama cultural da Bahia: “Como se formou, durante fase de nítida estagnação econômica, esta liderança capaz de transformar e de inovar, em consonância com os mais autênticos valores da própria nacionalidade?”.

Procurarei resumir nas palavras que se seguem, a resposta que me parece melhor caber a esta indagação: a radical transformação liderada por Edgard Santos no panorama cultural da Bahia deveu-se à **intuição** de haver identificado no **campo das artes**, a melhor oportunidade para a contribuição criativa da Universidade por ele criada. A sua atuação em muito serviu à combinação das fontes eruditas da música, do teatro, da dança, das artes plásticas com as tradições populares, tendo em vista o temperamento e o potencial de autoafirmação dos baianos. Ao lado das suas muitas realizações, entendo que mereça igual destaque a implantação do “Hospital das Clínicas” que hoje leva o seu nome, e que acredito haver sido o mais importante evento referente à saúde dos baianos, ao longo de todo o século XX.

Anexo: *Informações adicionais acerca das minhas origens familiares*

O meu avô materno, Antônio Figueira, português de nascimento, veio para Salvador aos onze anos de idade, a chamado do tio materno e padrinho, de sobrenome Fortuna, radicado na Bahia desde a primeira metade do século XIX, tendo aqui prosperado no comércio e adquirido expressivo patrimônio imobiliário. Joaquim Fortuna morreu solteiro e não tinha filhos. Porém, mantinha uma mulata, a Joana Caixinheira, assim chamada porque vendia em caixinhas, doces feitos por ela. Na herança deixada pelo tio para o meu avô, e deste para os filhos e filhas, além dos imóveis urbanos, havia uma caixa de autênticas peças de prata feitas na Bahia, representando figuras ao gosto africano, com as quais os portugueses conquistavam o afeto das mulatas. Estes balangandãs e outras peças

foram vendidas a baixo preço, pelo meu tio Antônio, que as herdou, a um dos primeiros colecionadores, antes que a febre das antiguidades as tivesse valorizado além do peso da prata que servia de matéria-prima.

Faz poucos anos, visitei com Maria Amélia o túmulo do tio-bisavô Fortuna no cemitério da aldeia de Rattes, região do Rio Minho, no norte de Portugal, e conversei com vários dos parentes que ali vivem. Fica essa aldeia muito próxima à de São Cristóvão do Rio Mau, onde uma irmã do tio Fortuna casou, por volta de 1850, com um jovem de sobrenome Lopes, pai do meu avô materno. Em frente à casa dos Lopes de São Cristóvão havia uma figueira centenária, que levava os concidadãos a chamá-los “os Lopes da Figueira”.

A família incorporou formalmente ao seu nome de origem o nome da árvore, e este último acabou prevalecendo até a presente geração. Era São Cristóvão, sua aldeia natal na região do Minho, visitada com frequência pelo meu avô, acompanhado dos filhos. Minha mãe tinha gratas recordações destas temporadas na aldeia, uma das quais demorou dois ou três anos. Ali o meu avô fez construir belíssima casa, que nos ficou de herança, e foi doada, faz poucos anos, a um dos primos portugueses. A longos intervalos, temos visitado os numerosos parentes, e com eles passamos o dia, em meio a almoços fartos e muito vinho local. Fica a aldeia em região de grande beleza natural, e nela se encontram monumentos do tempo da ocupação romana. Meu avô fez restaurar a capela do século XI, que ali pode ser vista, e construiu, para os seus pais e irmãos, um mausoléu que é a miniatura da mesma capela. Enquanto isto, em Salvador, alguns dos imóveis urbanos deixados pelo meu tio-bisavô para o sobrinho Figueira e por este aumentados, vêm sendo repartidos de uma geração para outra e continuam assegurando parte da receita familiar da presente geração.

Por sua vez, a minha bisavó, Maria Cândida Viana Kelsch, com quem tive prolongado convívio e que passarei a chamar de Bisa, falecida aos 94 anos em 1946, foi casada com um filho de franceses da Lorena, originários da cidade de Bitsch, de antiga tradição militar. O meu bisavô Tibúrcio

Kelsch era joalheiro de ofício, e se tornou proprietário de uma joalheria em Salvador. A presente geração conserva algumas jóias muito delicadas, por ele trabalhadas em ouro, com pequenas pedras preciosas. Entre os seus ascendentes, teria existido um médico militar que alcançou notoriedade no estudo de doenças tropicais incidentes em áreas de interesse do exército francês. A Bisa Maria Cândida, com a fisionomia em que se destacavam os olhos claros e a pele muito alva, ao casar-se com o francês de Lorena, assegurou as feições bem europeias da minha avó Elisa e dos tios-avós Gustavo, Ernesto e Alice. Esta última, de celebrada beleza física, foi mais uma baiana a casar-se com um comerciante português. Não foi feliz no casamento. Teve uma filha cujos descendentes são atualmente radicados no Rio de Janeiro.

Maria Cândida Kelsch, a “Bisa”, era, igualmente, filha de uma baiana casada com europeu de nascença, o Dr. Viana, segundo ela, “médico e engenheiro”, formado em Coimbra por volta de 1820. O trisavô Viana morou numa chácara situada no bairro da Federação, em local denominado Engenho Velho da Federação, onde nasceu e se criou a Bisa.

A influência francesa, tão disseminada no lastro cultural dos brasileiros, era particularmente forte em nossa família, devido à prolongada presença da esposa – e, depois, viúva – de Tibúrcio Kelsch. O uso freqüente de palavras e expressões francesas, mescladas com o português, o domínio obrigatório da língua francesa, a familiaridade com os mais variados aspectos da vida em Paris, a leitura assídua de livros, jornais e revistas franceses, as visitas à Europa, sempre que possível, são exemplos de vínculos que passaram de uma geração a outra, com a maior naturalidade e sem qualquer afetação ou artificialismo, desde a primeira metade do século XIX e que se atenuaram, somente, no relativo isolacionismo cultural dos jovens da presente geração.

Da trisavó, a baiana que casou com o português Dr. Viana, sabemos muito pouco. Nascida em Salvador, era filha de um italiano de sobrenome Estrela, cuja esposa – minha tetravó – era de família radicada em Salvador, com ramificações para o interior do Estado. Casada, em primei-

ras núpcias, com o pai de Maria Cândida, a minha trisavó enviuvou ainda jovem, e casou novamente, com outro português, dezenove anos mais novo. Também deste segundo casamento, existem descendentes que vivem em Salvador. A chácara do Engenho Velho, onde vivia a minha trisavó, mantida na família durante mais de um século, transformou-se num bairro popular, por um processo iniciado de forma legítima, pelo aluguel de lotes a 400 réis por ano, cuidadosamente controlados por Bisa ao longo de muitas décadas, em cadernetas guardadas ao lado da sua cama. Dos aluguéis, começados logo após a abolição da escravatura, a ocupação da área degenerou, pela década de 1950, em invasão desordenada. Na minha geração, após examinar-se a possibilidade de programar a ocupação de, ao menos, parte desta área urbana valorizada, decidiu-se abandoná-la à própria sorte. Nele residem, atualmente, várias dezenas de milhares de pessoas.

Quero ainda registrar outros fatos relativos à família de minha mãe, embora de interesse restrito aos que se dedicam ao estudo da evolução social da cidade. Um dos irmãos de minha avó Elisa, Gustavo Kelsch, formou-se numa das primeiras turmas da Faculdade de Direito da Bahia, nos últimos anos do século XIX, e abraçou a carreira da diplomacia. Aposentou-se no final da década de 1930, depois de ter servido nas legações brasileiras junto aos governos da Alemanha, Holanda, Estados Unidos, Japão, Paraguai e Bolívia. Nos momentos de lazer que a carreira lhe proporcionava, e tendo a possibilidade de freqüentar os melhores museus do mundo, aprofundou-se em estudos teóricos relacionados às artes plásticas e desenvolveu conceitos baseados num sistema de medidas por ele idealizadas e feitas sobre famosas telas renascentistas com a imagem da Madonna, acompanhada do Bambino. E assim, demonstrou a existência de uma constante relação entre as distâncias que separam, em cada tela, pontos críticos da fisionomia da Madonna e do corpo do Menino Jesus. Este sistema de medidas foi por ele denominado “Canon Tiburtius de Composição, Harmonia e Rhythmo”, título dado em homenagem ao seu

pai, Tibúrcio Kelsch, e foi objeto de uma publicação em inglês, feita pela famosa editora holandesa Elsevier e, subsequentemente, de outra versão, em português, publicada pela Imprensa Oficial do Estado da Bahia. Luiz Viana Filho, que conheceu pessoalmente e admirava o meu tio-avô Gustavo, presenteou-me com um exemplar desse livro, por ele encontrado em um dos “sebos” dos quais era assíduo freqüentador.

Era o tio Gustavo um *causeur* que honrava as tradições da carreira diplomática. Embora jamais houvesse casado, teve inúmeros romances em diversas partes do mundo, para o que contribuía o seu *physique du rôle* de diplomata. De um desses romances, vivido na Holanda, nasceu uma filha que se deslocou para o Brasil durante a 2ª Guerra Mundial, quando tinha dezoito anos de idade e irradiava excepcional beleza. Sílvia, esta minha prima, continua morando no Rio de Janeiro, onde tem descendentes que não cheguei a conhecer.

Depois de aposentado, Gustavo foi morar quase ao final da Avenida Niemeyer, no Rio de Janeiro, próximo ao Juá, em área então pouco habitada, onde fez construir belíssima casa de pedras, que abrigava a coleção de objetos de arte reunida ao longo dos seus quarenta anos de carreira. Além das peças que mostrava, orgulhosamente, aos parentes que o visitavam, Gustavo mantinha objetos de arte no Victoria and Albert Museum, em Londres. De quando em vez, vinha à Bahia, visitar a mãe, Maria Cândida, e os demais parentes. De tal forma me impressionou a figura do tio Gustavo que, na infância e nos primeiros anos da adolescência, imaginei tornar-me diplomata. Das nossas longas conversas, resultou a oferta por ele feita a mim, de uma coleção de selos raros do Paraguai, que conservo comigo, embora nunca a houvesse submetido a um perito que a avaliasse.

A confortável vida levada por Gustavo no exterior, não era mantida, tão somente, pelos proventos da carreira. A renda oriunda da joalheria do meu bisavô Kelsch, enquanto por este gerida, em muito contribuiu para o sucesso pessoal do jovem diplomata. Após a morte do pai, Tibúrcio,

o negócio passou a ser conduzido por outro filho, que não tinha a formação de ourives, como tivera o pai. Caiu a rentabilidade da loja, que teve de ser fechada. A mãe viúva, Maria Cândida, acabou, também, por vender a Chácara do Engenho Velho ao meu avô Figueira, que a deixou entregue à sogra, como se dela continuasse a ser. Assim funcionavam os laços de família.

COLOFÃO

Formato	17 x 24 cm
Tipologia	GoudyOlSt BT 11,5/17
Papel	Alcalino 75 g/m ² (miolo) Cartão Supremo 250 g/m ² (capa)
Impressão	Setor de Reprografia da EDUFBA
Capa e Acabamento	ESB Serviços Gráficos
Tiragem	300 exemplares